

**UNIVERSIDADE FEEVALE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - ICHS
CURSO DE TURISMO**

CRISTIAN ANTONI KRUMMENAUER

**O BRASIL RAFT PARK EM TRÊS COROAS/RS: A INFLUÊNCIA DA
GESTÃO AMBIENTAL E DA SEGURANÇA NA DECISÃO DE COMPRA**

Novo Hamburgo

2019

CRISTIAN ANTONI KRUMMENAUER

**O BRASIL RAFT PARK EM TRÊS COROAS/RS: A INFLUÊNCIA DA
GESTÃO AMBIENTAL E DA SEGURANÇA NA DECISÃO DE COMPRA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial à obtenção de grau de Bacharel em
Turismo pela universidade Feevale.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mary Sandra Guerra Ashton

Novo Hamburgo

2019

CRISTIAN ANTONI KRUMMENAUER

Trabalho de Conclusão de Curso de Turismo, com o título: **O BRASIL RAFT PARK EM TRÊS COROAS/RS: A INFLUÊNCIA DA GESTÃO AMBIENTAL E DA SEGURANÇA NA DECISÃO DE COMPRA**, submetido ao corpo docente da Universidade Feevale como requisito necessário para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo pela Universidade Feevale.

Aprovado em: ____/____/____

Prof^a. Dr^a. Mary Sandra Guerra Ashton (Orientadora)

Prof^a. Me. Rosi Souza Fritz (Banca Examinadora)

Prof^a. Me. Roberto Kieling (Banca Examinadora)

Novo Hamburgo, 06 junho 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que estiveram comigo durante essa retomada aos meus estudos em busca de minha formação e qualificação pessoal.

Pais, por sempre entenderem que sou movido por desafios e vivo em busca de aventuras em minha vida e me apoiaram em mais esse desafio.

Amigos, por entenderem que esse era mais um dos meus objetivos de vida e que mesmo eu não estando ao lado de vocês pude sempre perceber que estavam ao meu lado.

Aos professores e colegas do curso de turismo que me acolheram e me incentivaram a finalizar essa etapa.

A minha orientadora Mary, por ter me incentivado e me conduzido a construir esse trabalho, sem a sua experiência e sobretudo paciência não seria possível ter o concluído.

Agradeço a todos profissionais e amigos do Turismo de Aventura que estamos juntos a muitos anos em busca de um segmento com maior reconhecimento e desenvolvimento por acreditarmos que a nossa dedicação poderá construir uma sociedade muito mais justa.

Em especial a minha filha Amanda que sempre me incentivou a seguir em frente que por muitas vezes durante a construção desta etapa não consegui estar com ela, mas ela sempre esteve presente ao meu lado.

Muito obrigado.

RESUMO

A importância da segurança e da responsabilidade ambiental na operação turística são temas fundamentais para o desenvolvimento contínuo da atividade do *rafting*. O destino de Três Coroas se destaca no cenário brasileiro de turismo de aventura mais especificamente na atividade de *rafting*. Assim, este estudo tem como objetivo geral investigar a influência dos atributos de Gestão da Segurança e de Gestão Ambiental no processo de compra do Turismo de Aventura no Brasil Raft Park, em Três Coroas/RS. Como objetivos específicos buscou: contextualizar o Turismo de Aventura; caracterizar o turismo de Três Coroas com ênfase no Turismo de Aventura; descrever o Brasil Raft Park e os produtos do Turismo de Aventura deste empreendimento; apresentar as normas do sistema de gestão da segurança e da gestão ambiental aplicadas ao Turismo de Aventura; verificar junto aos consumidores do Turismo de Aventura do Brasil Raft Park quais atributos possuem maior influência na decisão de compra. Quanto a metodologia, foi utilizado o método exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa e os procedimentos técnicos envolveram pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com aplicação de questionário de forma direta. O estudo constatou que a maioria dos consumidores do Brasil Raft Park na atividade *rafting* dão maior importância para as questões relacionadas a segurança como um fator de decisão de compra. Percebem também que a responsabilidade ambiental é algo muito importante como fator de decisão de compra atrelada ao conceito do consumo consciente.

Palavras Chave: Turismo de Aventura. Rafting. Sistema de Gestão da Segurança. Gestão Ambiental. Três Coroas/RS.

ABSTRACT

The importance of safety and environmental responsibility in the tourist operation are fundamental themes for the continuous development of the rafting activity. The destination of Três Coroas stands out in the Brazilian adventure tourism scenery, specifically in the rafting activity. Thus, this study has as general objective to investigate the influence of the attributes of Safety Management and Environmental Management in the process of buying Adventure Tourism in Brazil Raft Park, Três Coroas / RS. As specific objectives sought: to contextualize Adventure Tourism; characterize tourism in Três Coroas with an emphasis on Adventure Tourism; describe the Brazil Raft Park and the Adventure Tourism products of this venture; present the norms of the safety management and environmental management system applied to Adventure Tourism; check with the consumers of Adventure Tourism of Brazil Raft Park which attributes have greater influence on the purchase decision. Regarding the methodology, the exploratory and descriptive method was used, with a qualitative approach and the technical procedures involved bibliographic research and field research, with direct questionnaire application. The study found that the majority of Brazil's Raft Park consumers in rafting activity attach greater importance to safety-related issues as a buying decision factor. They also perceive that environmental responsibility is a very important factor as a decision-making factor linked to the concept of conscious consumption.

Keywords: Adventure Tourism. Rafting. Safety Manegment. Environmental Manegment. Três Coroas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Empresas Envolvidas com o Turismo de Aventura por Destino	23
Figura 2 - Linha do Tempo	24
Figura 3 - Perfil da demanda turística internacional Brasil 2013-2017	25
Figura 4 - Rafting Foz do Iguaçu	29
Figura 5 - Rafting Brotas	29
Figura 6 - Rafting Itacaré.....	30
Figura 7 - Rafting Paraty	31
Figura 8 - Rafting Extrema	31
Figura 9 - Rafting Bonito	32
Figura 10 - Rafting Três Coroas	32
Figura 11 - Rafting Três Rios	33
Figura 12 - Rafting Pirenópolis	34
Figura 13 - Rafting Ibirama/Apiuna.....	34
Figura 14 - Rafting Domingos Martins.....	35
Figura 15 - Ciclo de implementação da Norma ABNT NBR ISO 21101:2014	46
Figura 16 - Esquema da inclusão das técnicas de gestão de risco no planejamento do PDCA	46
Figura 17 - Requisitos da norma Sistema de Gesta da Segurança.....	47
Figura 18 - Sistema de melhoria contínua do SGS	48
Figura 19 - Protocolo de Sinais	49
Figura 20 - Termo de Conhecimento de Riscos	50
Figura 21 - Equipamentos de segurança conforme a norma	50
Figura 22 - Cartilha de instrução de procedimento de segurança	52
Figura 23 - Localização de Três Coroas	56
Figura 24 - Campeonato Mundial de Canoagem Slalom, Três Coroas – RS	58
Figura 25 - Templo Budista Chagdud Gonpa Khadro Ling, Três Coroas – RS	59
Figura 26 - Ministro do turismo no Brasil - Rafting, Três Coroas – RS.....	60
Figura 27 - Logotipo Central Sul.....	61
Figura 28 - Logotipo Eco Aventuras	61
Figura 29 - Logotipo Extreme.4	62
Figura 30 - Raft Adventure Park.....	62
Figura 31 - Cristian Krummenauer e Cristiano Arozi competindo na canoagem.....	63

Figura 32 - Imagem do Brasil Raft Park em 2002 e 2019	66
Figura 33 - Logo Brasil Raft Park	67
Figura 34 - Abeta Summit 2016 – Brasil Raft Park.....	67
Figura 35 - Imagem institucional evento Rio Grande do Sul na Europa	68
Figura 36 - Imagem cartaz filme A Pedra	69
Figura 37 - Reunião Palácio Piratini desenvolvimento turístico do RS.....	70
Figura 38 - Fluxograma de atendimento rafting.....	72
Figura 39 - Termo de reconhecimento de riscos – Brasil Raft.....	76
Figura 40 - Certificação WRF	78
Figura 41 - Vista aérea do Brasil Raft Park e suas APPs.....	79
Figura 42 - Licença de operação LO	80
Figura 43 - Jardim dos Sentidos.....	81
Figura 44 - Copos reutilizáveis garrafas de cerveja	82
Figura 45 - Alunos da rede de ensino municipal	83

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Pesquisados por gênero.....	88
Gráfico 2 - Pesquisados por estado civil:	88
Gráfico 3 - Pesquisados por faixa etária	89
Gráfico 4 - Pesquisados por nível de escolaridade	89
Gráfico 5 - Pesquisa para entendimento da qualidade da informação quanto as boas práticas e procedimentos de segurança no rafting.....	90
Gráfico 6 - Pesquisa para saber se houve solicitação do preenchimento do termo de ciência de riscos envolvidos na atividade.....	90
Gráfico 7 - Pesquisa para identificar qualidade na informação para o uso de equipamentos de segurança obrigatórios	91
Gráfico 8 - Pesquisa para medir a qualidade dos equipamentos e informações de segurança.....	91
Gráfico 9 - Pesquisa quanto a conhecimento da obrigatoriedade de implementação de Sistema de Gestão de Segurança no rafting.....	92
Gráfico 10 - Pesquisa para avaliar decisão de compra por parte do cliente relacionado a sistema de gestão de segurança	92
Gráfico 11 - Pesquisa para avaliar se houve a explicação das boas práticas ambientais por parte do aventureiro.....	93
Gráfico 12 - Pesquisa para avaliar responsabilidade ambiental do Brasil Raft Park na execução da atividade rafting.....	93
Gráfico 13 - Pesquisa para avaliar se a responsabilidade ambiental e por o parque ter licença de operação foi um fato de decisão em fazer o passeio com essa empresa	94
Gráfico 14 - Pesquisa motivação de compra Gestão da Segurança ou Responsabilidade Ambiental.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Modalidade x Atividades de Aventura	18
Quadro 2 - Modalidades de Turismo de Aventura.....	19
Quadro 3 - Classificação dos rios de corredeiras.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O TURISMO DE AVENTURA – RAFTING	16
2.1 TURISMO DE AVENTURA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES	16
2.2 O RAFTING NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL: CONTEXTO HISTÓRICO	26
2.2.1 O Rafting no Brasil	26
2.2.2 O Rafting no Rio Grande Do Sul	35
2.3 ASSOCIAÇÕES DE RAFTING	39
2.4 NORMAS DE SEGURANÇA PARA A PRÁTICA DE RAFTING	43
2.5 NORMAS DE GESTÃO AMBIENTAL – RAFTING	52
3 TRÊS COROAS/RS: CAPITAL DO RAFTING	56
3.1 TRÊS COROAS CAPITAL DO RAFTING	56
2.2 OPERADORAS E PARQUES DE RAFTING EM TRÊS COROAS	60
3.3 BRASIL RAFT PARK	63
3.3.1 Brasil Raft Park – sistema de gestão da segurança	70
3.3.1.1 – Brasil Raft Park – SGS – Escopo	70
3.3.1.2 – Brasil Raft Park – SGS – Política de Segurança	71
3.3.1.3 - Brasil Raft Park – SGS – Manuais de Procedimentos	71
3.3.1.3 - Brasil Raft Park – SGS - Identificação de perigos e avaliação e controle de riscos	74
3.3.1.4 - Brasil Raft Park – SGS - Recursos, estrutura e responsabilidade	75
3.3.1.5 - Brasil Raft Park – SGS GERAL	76
3.3.2 Brasil Raft Park – Responsabilidade Ambiental	79
4 METODOLOGIA E PESQUISA DE CAMPO	85
4.1 METODOLOGIA	85
4.2 PESQUISA DE CAMPO – QUESTIONÁRIOS	87
4.2.1 Perfil do pesquisado	87
4.2.2 Questões específicas	90
5 INTERPRETAÇÃO E CRUZAMENTOS DE DADOS	96
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE	106

APÊNDICE A - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO COM CLIENTES DO BRASIL RAFT PARK	106
ANEXOS	108
ANEXO A - JORNAL ECO AMERICAS – FEVEREIRO 2017	108
ANEXO B - JORNAL DO COMERCIO, 9 NOVEMBRO 2015	111

1 INTRODUÇÃO

O Ministério do Turismo (2009a) conceitua Turismo de Aventura como sendo os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo. Em um conceito mais abrangente apresenta um enfoque no mercado turístico, afirmando que o segmento promove a prática de atividades de aventura em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre que envolvem riscos controlados e assumidos, equipamentos específicos, adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros, bem como o respeito ao patrimônio ambiental e sociocultural.

No contexto do Turismo de Aventura a implementação de um Sistema de Gestão da Segurança (SGS) sistematiza os processos que tornam as atividades de aventura seguras, incorporando a segurança na cultura e nos objetivos organizacionais das empresas. A segurança passa a ser realmente a alma do negócio, e não um discurso ou um resultado nem sempre consistente e permanente. A adoção do SGS gera confiança entre os clientes e a empresa, entre a empresa e seus colaboradores, parceiros e fornecedores, no qual todos passam a ter certeza de que a operação é controlada e que se saberá como agir no caso de uma situação indesejada. (ABNT NBR ISO 21101:2014)

Ainda, segundo a normativa ABNT NBR ISO 21101:2014, o Sistema de Gestão da Segurança (SGS) tem na prevenção um de seus principais objetivos, ao apontar de maneira clara e explícita as situações que envolvem maior risco e as necessidades de melhoria, antecipando, sempre que possível, a ocorrência de eventos indesejados. Ao adotar uma filosofia preventiva, a empresa se prepara para situações muitas vezes não vividas ou até não imaginadas, conseguindo reduzir a níveis mínimos as probabilidades de ocorrência de incidentes e acidentes. Do mesmo modo, ao antecipar situações de perigo, a empresa se prepara para reagir a elas, reduzindo as consequências geradas e, em alguns casos, conseguindo fazer a diferença entre a manutenção da vida e um resultado catastrófico.

Dessa forma, a disseminação de práticas socioambientais responsáveis para as agências de turismo especializadas em Turismo de Aventura passam a ser um dos mais importantes pilares desse segmento, pois a prática profissional, em sua maioria, ocorre no ambiente natural. Sendo assim, acabam assumindo a

responsabilidade de levar os consumidores para experiências divertidas, seguras e educativas na natureza.

Conforme ABNT NBR ISO 21101:2014, para a implementação do Sistema de Gestão de Segurança (SGS) ter todas as conformidades atendidas na Norma é obrigatório que a empresa atenda as responsabilidades ambientais e aplique a gestão ambiental em suas operações turísticas. Com o atendimento dessas questões, as empresas do setor contribuem de forma significativa ajudando a resgatar o vínculo entre o ser humano e natureza e o interesse em proteger e preservar, proporcionando uma experiência da vida ao ar livre, distanciado pela urbanização.

O Brasil Raft Park, parque de aventura localizado na cidade de Três Coroas no estado do Rio Grande do Sul, atua há mais de 20 anos no segmento turístico e apresenta diversas atividades e serviços de turismo de aventura. Conta com uma área de 9,6 hectares e atende a uma média de 9 mil consumidores de atividades de aventura por ano. O empreendimento possui SGS implementado em suas operações e licenciamento ambiental de operação. O principal atrativo do parque é o *rafting* nas corredeiras do rio Paranhana, sendo considerado pelos consumidores deste segmento como um dos mais belos rios de corredeira do Sul do Brasil.

Três Coroas é considerado pela Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) como um dos mais importantes destinos do setor no Brasil, corroborando no ano de 2016 foi sede do ABETA SUMMIT, o mais importante encontro de agências e operadoras de ecoturismo e turismo de aventura. (ABETA, 2016).

Nesse contexto, o tema desse estudo gira em torno do Turismo de Aventura, sendo delimitado na gestão da segurança e gestão ambiental no Turismo de Aventura, com foco no segmento *rafting*, em especial, no município de Três Coroas, no Rio Grande do Sul, no empreendimento Brasil Raft Park. Para tanto, se busca resposta para o seguinte problema de pesquisa: dentre os atributos de gestão da segurança e gestão ambiental quais os que mais influenciam no processo de compra do Turismo de Aventura no Brasil Raft Park?

Tem como objetivo geral investigar a influência dos atributos de Gestão da Segurança e de Gestão Ambiental no processo de compra do Turismo de Aventura, no Brasil Raft Park, em Três Coroas/RS. Como Objetivos Específicos buscou: contextualizar o Turismo de Aventura; caracterizar o turismo de Três Coroas com

ênfase no Turismo de Aventura; descrever o Brasil Raft Park e os produtos do Turismo de Aventura deste empreendimento; apresentar as normas do sistema de gestão da segurança e da gestão ambiental aplicadas ao Turismo de Aventura; apresentar um relato do responsável técnico da ABETA pelas Normas Técnicas de Segurança relevantes para a prática do *rafting*; verificar junto aos consumidores do Turismo de Aventura do Brasil Raft Park quais atributos possuem maior influência na decisão de compra.

A hipótese foi construída com base na crença de que o atributo mais considerado pelos consumidores no processo de decisão de compra do Turismo de Aventura no Brasil Raft Park está baseado na gestão da segurança e na gestão ambiental.

Vale salientar que o motivo da escolha do tema desse estudo se deve ao fato do pesquisador ser sócio fundador do Brasil Raft Park, um dos parques pioneiros do Turismo de Aventura no Brasil e atuar como profissional e empreendedor neste segmento.

Para tanto, esta monografia está estruturada em capítulos como segue: inicialmente a sustentação teórica para compreender termos como turismo e Turismo de Aventura, em especial o *rafting*; na sequência se apresenta o histórico do *rafting* no Brasil e no Rio Grande do Sul, os principais locais para a prática do *rafting*, bem como as associações de *rafting*; no momento seguinte trata-se das normas de gestão da segurança e ambiental para a prática de *rafting*; depois a caracterização de Três Coroas/RS, Capital do *Rafting*, os parques e operadoras de *rafting* em Três Coroas e a Brasil Raft Park; chega a vez da metodologia, pesquisa de campo e análise dos dados coletados, para finalizar com as considerações finais.

Assim, esse estudo permitirá compreender as motivações dos consumidores do Turismo de Aventura nos quesitos gestão da segurança e do meio ambiente, pois a partir de ações de qualificação e normatização incentivados pelo Ministério do Turismo com o programa Aventura Segura da ABETA utilizando as normas técnicas da ABNT se tem um marco importante no segmento que visam garantir operações mais seguras e educativas, além de colocar o Brasil em um cenário internacional quanto aos procedimentos e técnicas neste setor.

Acredita-se que este estudo contribuirá como subsídios para as agências de turismo especializadas no Turismo de Aventura e demais empresas relacionadas ao setor sobre a importância das questões de gestão de segurança e ambientais, além

da adoção de normas e procedimentos como fatores de diferenciação na comercialização no segmento, podendo assim, direcionar as empresas a adotarem ações comunicacionais e comerciais mais convincentes aos olhos dos consumidores.

2 O TURISMO DE AVENTURA – RAFTING

Este capítulo tem como objetivo abordar conceitos de turismo de aventura para melhor entendimento deste segmento, trazendo as atividades que podem ser praticadas, dando ênfase a atividade de *Rafting*. Para tanto, foram utilizados autores consagrados, materiais desenvolvidos pelo Ministério do Turismo Brasileiro em parceria com a Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura, Organização Mundial do Turismo para se compreender os conceitos e definições do Turismo de Aventura, na modalidade *rafting*.

2.1 TURISMO DE AVENTURA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

O Turismo de Aventura é segmento do turismo, assim vale inicialmente conceituar o turismo, para depois compreender o Turismo de Aventura. Desse modo, conforme o Ministério do Turismo (2009a, p. 28) o conceito de turismo adotado oficialmente e formulado pela Organização Mundial do Turismo – OMT para a atividade é amplo e flexível, concretizando as características mais importantes do conceito: “atividades que as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outra”.

Nesse contexto, as tentativas de se definir o Turismo de Aventura buscam nos conceitos e definições de turismo desenvolvidos por estudiosos o suporte necessário. Tida pelo senso comum como uma atividade estritamente econômica, o turismo transita pelos diversos segmentos do setor com facilidade, dada a complexidade das relações entre os elementos que o formam. Assim, do ponto de vista conceitual, existem diferentes abordagens sobre a atividade turística.

A definição inicial aceita no Brasil para o Turismo de Aventura foi desenvolvida na Oficina para Elaboração do Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável do Turismo de Aventura, realizada em Caeté/MG, no mês de Abril de 2001, pela EMBRATUR. Assim, o turismo de aventura é um Segmento do mercado turístico que promove:

A prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvam riscos controlados exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, adoção de

procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sociocultural (VIANA; NASCIMENTO, 2009, p. 6).

No continente Europeu o Turismo de Aventura é conhecido como Turismo Ativo e pode ser compreendido como aquele que tem como principais motivos a “realização de atividades de lazer e recreação, interpretação e/ou conhecimento da natureza, com diferentes graus de dificuldade e profundidade” e a prática de atividades desportivas de diferentes intensidade física e de risco que usar recursos sem degradá-los ou esgotá-los. (MITYC, 2004, p. 4 – grifo nosso).

De acordo com Read (apud UVINHA, 2005), o Turismo de Aventura na América do Norte nos Estados Unidos é reconhecido como uma ampla variedade de atividades turísticas de aventura, geralmente comercializadas, envolvendo interação com o meio natural, “contendo elementos de risco em que o resultado é influenciado pelo participante, pelo local e pela gestão profissional da experiência dos turistas.” (UVINHA, 2005, p. 27).

Segundo Almeida (2013), o segmento de Turismo de Aventura se destaca por ser praticado em ambientes naturais, onde a maior motivação é a busca por emoção aliada a proteção e a consciência ambiental.

Para Pires (2002), o foco principal do Turismo de Aventura é utilizar os espaços nas áreas rurais, num ambiente natural ainda não explorado turisticamente onde os participantes poderão descobrir e ter as sensações novas antes não vistas. São atividades que envolvem desafios, expedições, viagens e principalmente os imprevistos encontrados nesse tipo de turismo.

Segundo o Ministério do Turismo (2009, p. 30), “turismo de aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo”. Pode ocorrer em qualquer espaço; natural, construído, rural, urbano estabelecido como área protegida ou não.

A palavra aventura vem do latim *adventura* e significa o que há por vir, remetendo a algo diferente. Sendo assim, podemos considerar que as atividades de aventura são as experiências físicas e sensoriais recreativas com a temática desafio, riscos avaliados, controláveis e assumidos que podem proporcionar sensações diversas como liberdade, prazer, superação, a depender da expectativa e experiência de cada pessoa e do nível de dificuldade de cada atividade. (BRASIL, 2009a).

Conforme (MACHADO, 2005, p. 33) o segmento de “Turismo de Aventura apresenta o maior desenvolvimento nos últimos anos, envolvendo cada vez um maior número de profissionais e empresas.” Conseqüentemente, propiciando uma centena de eventos relacionados as atividades de aventura sendo de forma competitiva ou não. Machado (2005) complementa explicando que a atividade esportiva de aventura está atrelada a eventos esportivos competitivos onde não há a participação de monitores ou instrutores na pratica da atividade e todos os envolvidos são especialistas nestas atividades, já a prática não esportiva, está atrelada a prática turística onde os praticantes não apresentam conhecimentos técnicos para a prática da atividade e por esse modo estão em busca de uma empresa com equipamentos adequados e monitores e instrutores capacitados, ou seja, a motivação não está atrelada a competição e sim a lazer e entretenimento.

O autor complementa sua ideia que sendo esse um segmento novo, o Turismo de Aventura precisa se estruturar melhor e identificar suas características e exigências. Para tanto, organiza as atividades de aventura nas modalidades água, ar e terra, a saber:

Quadro 1 - Modalidade x Atividades de Aventura

Modalidade	Atividade de Aventura
Água	<i>Rafting:</i> Canoagem <i>hidrospeed</i>
Ar	<i>Paraglider</i> pára-queda balonismo
Terra	<i>Rapel</i> <i>cascade</i> caminhadas.

Fonte: Adaptado de Machado (2005)

Vale ressaltar que de acordo com o Quadro 1 desenvolvido por Machado (2005), as atividades de aventura tiveram uma evolução com o Ministério do Turismo (2009a), pois o mesmo insere mais atividades dentro das modalidades água e terra como segue no Quadro 2:

Quadro 2 - Modalidades de Turismo de Aventura

Terra	Ar	Água
Arvorismo	Balonismo	Bóia-cross
<i>Bungee jump</i>	Paraquedismo	Canoagem
Caminhada e caminhada de longo curso	Vôo livre	Flutuação
Canionismo e cachoeirismo		<i>Kitesurfe</i>
Cavalgada		Mergulho
Cicloturismo		<i>Rafting</i>
Escalada		<i>Windsurfe</i>
Espeleoturismo		
Observação da vida selvagem		
Rapel		
Tirolesa		
Turismo fora-de-estrada com bugues		
Turismo fora-de-estrada com veículos 4x4		

Fonte: Diagnóstico do Turismo de Aventura no Brasil (2009)

De acordo com o Ministério do Turismo (2009) as Atividades na Terra possuem características importantes de serem destacadas, como segue:

- Arvorismo: Locomoção por percurso em altura instalada em árvores ou em outras estruturas;
- *Bungee jump*: Atividade em que uma pessoa se desloca em queda livre, limitada pelo amortecimento mediante a conexão a um elástico. O elástico é desenvolvido especificamente para a atividade;
- Cachoeirismo: Descida em quedas d'águas, seguindo ou não curso d'água, utilizando técnicas verticais;
- Canionismo: Descida em curso d'água, usualmente em cânions, sem embarcação, com transposição de obstáculos, aquáticos ou verticais. O curso d'água pode ser intermitente;
- Caminhada: Percurso a pé em itinerário predefinido podendo ser somente de um dia (*hiking*) ou com pernoite (*trekking*). O pernoite pode ser realizado em diversos locais, como acampamentos, pousadas, fazendas, bivaques, entre outros;
- Cavalgada: percurso em vias convencionais e não convencionais em montaria, também tratadas de Turismo Equestre;
- Cicloturismo: Atividade de turismo que tem como elemento principal a realização de percurso com o uso da bicicleta, que pode envolver pernoite;

- Espeleoturismo ou espeleoturismo vertical: Atividade desenvolvidas em cavernas, oferecidas comercialmente, em caráter recreativo e de finalidade turística, podendo se utilizar de técnicas verticais;
- Escalada: Ascensão de montanhas, paredes ou blocos rochosos, com aplicação de técnicas e utilização de equipamentos específicos;
- Montanhismo: Atividade de caminhada ou escalada praticada em ambiente de montanha;
- Turismo fora-de-estrada em veículos 4x4 ou *bugues*: Atividades de turismo que tem como elemento principal a realização de percursos em vias não convencionais com veículos automotores. O percurso pode incluir trechos em vias convencionais;
- Tirolesa: Produto que a atividade principal é o deslizamento do cliente em uma linha aérea ligando dois pontos afastados na horizontal ou em desnível, utilizando procedimentos e equipamentos específicos.

Conforme apresentado, as atividades de Turismo de Aventura praticadas na terra podem ser praticadas em ambientes naturais, lugares fechados ou construídos. Na sequência segue as atividades praticadas na água e suas principais características:

Atividades na água e suas características:

- Boia-Cross (*acqua-ride*): Atividade praticada em mini bote inflável, onde a pessoa se posiciona de bruços, para descer o rio, com a cabeça na extremidade frontal da boia e os pés na parte final da boia, já praticamente na água;
- Canoagem: Atividade praticada em canoas e caiaques, indistintamente, em mar, rios, lagos, águas calmas ou agitadas;
- *Duck*: Descida de rios com corredeiras utilizando botes infláveis e remos, com capacidade para até duas pessoas;
- Flutuação/*snorkeling*: Atividade de flutuação em ambientes aquáticos, com uso de máscara e *snorkel*, em que o praticante tem contato direto com a natureza, observando rochas, animais e plantas aquáticas;
- *Kitesurf*: Atividade que utiliza uma prancha fixada aos pés e uma pipa de tração com estrutura inflável, possibilitando deslizar sobre a superfície da

água e, ao mesmo tempo, alçar voos executados sobre superfícies aquáticas, com ventos fracos ou fortes;

- Mergulho autônomo turístico: Produto turístico em que a atividade principal é o mergulho autônomo e o praticante não é necessariamente um mergulhador qualificado;
- *Rafting*: Descida de rios com corredeiras utilizando botes infláveis;
- *Windsurf*: Atividade praticada em ambientes aquáticos, também denominada prancha a vela, que serve, basicamente, de técnicas do surfe e da vela.

O Ministério do Turismo (2009) salienta a importância das atividades de aventura praticadas no ar, dando também destaque a complexidade das operações turísticas das mesmas por se tratarem de atividades tecnicamente de alto grau de complexidade envolvendo equipamentos complexos e profissionais com grande experiência nesta área, como segue:

Atividades no ar e suas características:

- Balonismo: Atividade aérea feita em um balão de material anti-inflamável aquecido com chamas de gás propano, que depende de um piloto;
- Paraquedismo: Salto em queda livre com uso de paraquedas aberto para aterrisagem, normalmente a partir de um avião. Como atividade de turismo de aventura são caracterizadas pelo salto duplo;
- Voo livre (Asa-delta ou Parapente): Atividade com uso de estrutura rígida que é manobrada com o deslocamento do peso do corpo do piloto ou por superfícies aerodinâmicas móveis (asa delta), ou até por ausência de estrutura rígida como cabos e outros dispositivos (parapente).

Machado (2005, p. 34) destaca que essas atividades apresentam diferentes níveis de dificuldades e de acordo com suas características e necessidades um nível de preparação de equipamentos diferente. No princípio, algumas delas eram relacionadas ao Ecoturismo, mas atualmente são identificadas como atividades do Turismo de Aventura, além de contribuir para criar um novo conceito de relação do homem com a natureza, por meio da realização de atividades físicas e risco controlado.

O Turismo de Aventura poderá ser praticado em áreas específicas ou localizadas em Unidades de Conservação, desde que respeitem as suas características e as possibilidades de uso público, bem como depois de um processo

de adaptação à realidade local, respeitando as orientações determinadas pelos Planos de manejo desenvolvidos (MACHADO, 2005).

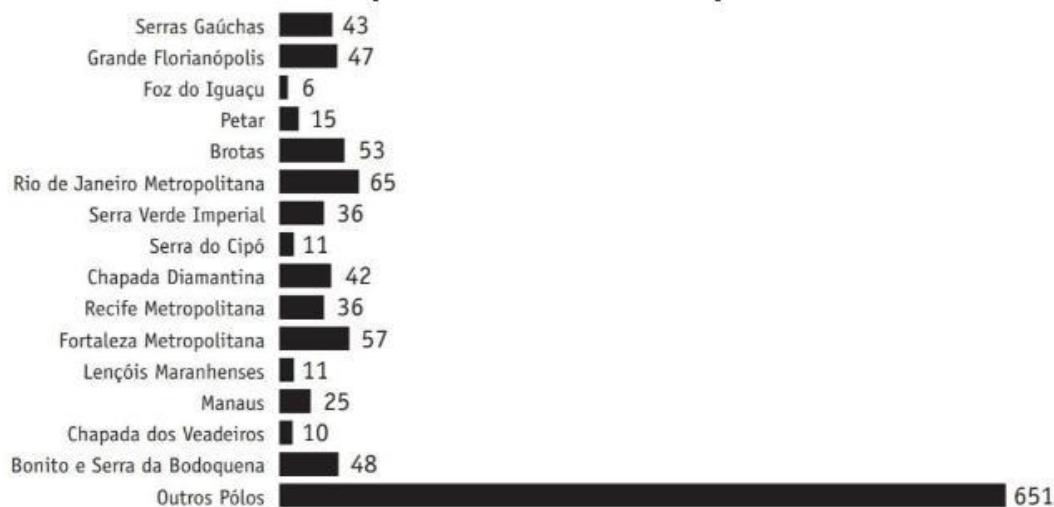
O Ministério de Turismo (2009) traz os seguintes destinos brasileiros em destaque dentro do Turismo de aventura:

- Serra Gaúcha;
- Foz do Iguaçu;
- Grande Florianópolis;
- Vale do Alto Ribeira – Petar;
- Brotas;
- Rio de Janeiro Metropolitana;
- Serra Verde Imperial;
- Serra do Cipó;
- Chapada Diamantina;
- Recife Metropolitana e Agreste;
- Fortaleza Metropolitana;
- Lençóis Maranhenses;
- Manaus;
- Chapada dos Veadeiros;
- Bonito Serra da Bodoquena.

Nesse contexto, vale salientar que o segmento de Turismo de Aventura vem despertando maior interesse por parte dos turistas. O crescimento foi percebido pelo aumento da procura por atividades esportivas realizadas junto a natureza que refletem também no crescimento vertiginoso do número de empresas especializadas, que trabalham com a colaboração de profissionais do esporte atuando como operadores turísticos (MACHADO, 2005).

Conforme Diagnóstico do Turismo de Aventura no Brasil (BRASIL, 2008) a estimativa do total de empresas em nível nacional distribuídas em diferentes destinos chegou ao número total de 1651 empresas. O Turismo de aventura tem atraído um bom número de pessoas para ofertar serviços, mas é ressaltado que esse número de empresas pode não se sustentar, sendo assim configurado mais uma bolha de oferta do que de demanda.

Figura 1 - Empresas Envolvidas com o Turismo de Aventura por Destino
Número de empresas de TA por destinos:



Fonte: Brasil (2009a, p. 144)

O autor considera que por muito tempo o Turismo de Aventura foi oferecido vinculado em programas de ecoturismo, porém avalia que o mesmo tem características próprias, com normas e preocupações diferenciadas de outros segmentos, devendo ser um segmento independente. Machado (2005), complementa sua ideia ao afirmar sobre a importância da percepção em relação ao termo aventura, pois algumas lembranças podem remeter aos conceitos de emoção, risco, atitude, superação e prazer.

Conforme Levenson (1994), a emoção é um dos fenômenos psicofisiológicos de curta duração, que representam modos eficientes de adaptação às constantes exigências do meio ambiente.

O Ministério do Turismo em seu relatório do diagnóstico de turismo de aventura (2008) define que o risco é a combinação da probabilidade de ocorrência e das consequências de um determinado evento perigoso.

Para Allport (1935, apud por Rodrigues, 1998) o conceito de atitude significa um estado de preparação mental ou neural, organizado através da experiência, e exercendo uma influência dinâmica sobre as respostas individuais a todos os objetos ou situações com que se relaciona.

Superação; ação de vencer, de conseguir a vitória; sobrepujamento. (DICIO, 2019).

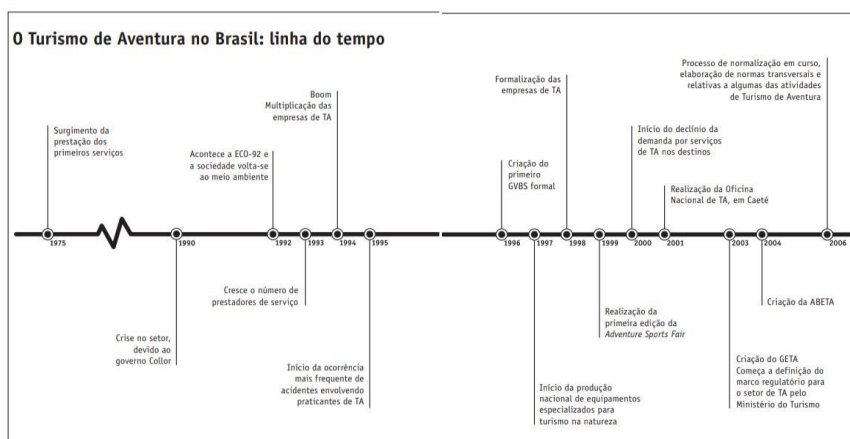
Prazer é sensação agradável de contentamento ou de alegria, normalmente relacionada à satisfação de um desejo, vontade ou necessidade; divertimento, diversão. (DICIO, 2019).

Assim, o consumidor busca no ambiente natural experiências diferentes das realizadas no seu cotidiano nos grandes centros urbanos. As mesmas podem ser identificadas como Turismo de Aventura, desde que estejam adequadas aos conceitos e definições desse termo.

A busca por atividades na natureza remete ao espírito aventureiro próprio do ser humano e se tornam uma possibilidade clara de emoção secretamente alimentada. A indefinição do resultado desta experiência se torna um incentivo rumo ao desconhecido, sensações de perigo estimulam e trazem a lembrança dos desejos corriqueiros. O que terei que fazer? Como me comportar diante desta experiência? Serei capaz de lidar com o medo? Essas indagações criam o espírito de desafio próprio dos seres humanos.

Conforme Machado (2005), a formatação do produto Turismo de Aventura deve estar voltado ao anseio dos consumidores, oferecendo sempre e de muitas formas a possibilidade do desafio. Para o autor quanto maior o desafio maior e mais estruturada será a experiência.

Figura 2 - Linha do Tempo



Fonte: Brasil (2009a, p. 70-71).

Consoante a ABETA – (Associação Brasileira e empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura, (2009) e o Ministério do Turismo (2009a) corroboram com algumas colocações de Machado (2005), afirmando que a mudança de

comportamento por parte dos turistas que hoje buscam experiências de contato com a natureza fez crescer significativamente o mercado do Turismo de Aventura. Observando o quadro abaixo do Estudo da Demanda Turística Internacional de 2013-2017 apresentada pelo Ministério do Turismo aponta o melhor resultado para o ano de 2013 uma grande queda no ano de 2014 e uma melhora nos anos de 2015 e 2016 e por fim uma pequena queda no ano de 2017 a nível do mercado internacional.

Figura 3 - Perfil da demanda turística internacional Brasil 2013-2017

Característica da viagem					
	2013	2014	2015	2016	2017
Motivo da viagem ^(1, 2)	(%)				
Lazer	46,5	54,7	51,3	56,8	58,8
Negócios, eventos e convenções	25,3	21,9	20,2	18,7	15,6
Outros motivos	28,2	23,4	28,5	24,5	25,6
Motivação da viagem a lazer ⁽³⁾	(%)				
Sol e praia	65,9	49,2	69,4	68,8	72,4
Natureza, ecoturismo ou aventura	19,0	12,8	15,7	16,6	16,3
Cultura	11,4	10,3	12,1	9,7	9,0
Esportes	1,8	1,7	1,5	1,3	1,5
Diversão noturna	0,9	0,4	0,6	0,5	0,5
Viagem de incentivo	0,3	0,2	0,2	0,1	0,1
Lazer relacionado a grandes eventos	--	25,0	--	2,8	--
Outras motivações de lazer	0,7	0,4	0,5	0,2	0,2

Fonte: Brasil (2018).

Esse aumento observado no Quadro 4, associado ao crescimento na procura por esse tipo de experiência tanto na demanda nacional e internacional fez com que o Ministério de Turismo (2009), considere o segmento de Turismo de Aventura prioritário para investimentos em organização e estruturação da atividade.

Dados do boletim sobre turismo de aventura do SEBRAE (2015) demonstram que o Brasil está em 3º lugar entre os países que possuem o maior número de praticantes de turismo de aventura, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da Argentina. São mais de 3.000 empresas que oferecem serviços de aventura, que contam com 15.585 colaboradores envolvidos em temporadas normais e 22.489 colaboradores na alta temporada. O setor apresenta um faturamento de R\$ 515.875.659,00 no mercado nacional. As cinco atividades mais praticadas são caminhada, cavalgada, cicloturismo, montanhismo e técnicas verticais (SEBRAE, 2015).

Conforme ABETA (2016), no passado, o turismo em ambientes naturais no Brasil poderia significar precariedade, desconfortos e riscos desnecessários. Hoje em dia, já não precisa mais ser assim. A emoção e aventura continuam, mas agora o ecoturismo e turismo de aventura podem ser sinônimos de descobertas, diversão e segurança para todos os amantes da vida ao ar livre. É turismo com gestão, procedimento, Normas e qualificação. Assim entendendo o MTUR inicia um programa a nível nacional com um investimento de mais de 25 milhões de reais dando a esse turismo novos contornos e possibilidades foi o **Programa Aventura Segura – PAS**. Iniciado em 2006, o programa foi resultado de uma parceria entre a ABETA, o Ministério do Turismo e o Sebrae Nacional e contribuiu para o desenvolvimento turístico de 17 regiões do Brasil, em 13 diferentes Estados, que passaram a ter o ecoturismo e o turismo de aventura como fonte de desenvolvimento econômico qualificado, certificado e estruturado localmente. (ABETA, 2016)

2.2 O RAFTING NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL: CONTEXTO HISTÓRICO

2.2.1 O *Rafting* no Brasil

Conforme Ministério do Turismo (2009a) o surgimento do Turismo de Aventura no Brasil não pode ser percebido a partir de um fato único. Assim, não se pode dar a ele uma data e hora de nascimento precisa. A atividade foi surgindo de diferentes formas, em destinos diversos que não se comunicavam. Empresas e pessoas que nem sequer se conheciam foram dando corpo ao Turismo de Aventura, com nomes variados, numa época em que turismo e aventura não eram cogitados como uma atividade econômica, muito menos, profissional. (BRASIL, 2009a)

Segundo ABETA (BRASIL, 2009a, p. 41) as primeiras atividades de prestação de serviços relacionadas ao Turismo de Aventura ocorreram entre os anos de 1975 e 1986 em Lençóis na Bahia por Zé Américo e no Rio de Janeiro na cidade de Petrópolis por Luís Antônio, ambos começaram a guiar turistas para trilhas, escaladas e *rafting*.

Conforme o Ministério do Turismo (BRASIL, 2009a, p. 43) foi na década de 1990, junto ao governo Collor que houve um grande aumento de empresas atuando

no setor. Ressalta-se também que neste período havia uma grande inexperiência por parte dos empresários com a gestão administrativa, financeira e falta de padronização dos serviços vinculados ao turismo e Turismo de Aventura.

Na sequência, observou-se um amadurecimento por parte das empresas entre os anos de 1994 a 1998 com a crescente preocupação com as questões de segurança e da profissionalização. Iniciou-se a formalização das empresas relacionadas à intenção de proteger as marcas, que já estavam se tornando reconhecidas nacionalmente e também com a necessidade de criação de suas infraestruturas, contratação de funcionários, emissão de notas fiscais e o estabelecimento de uma sede. Apesar de extremamente onerosa, devido, sobretudo, a questões tributárias, a formalização das empresas foi um dos mais importantes passos para a profissionalização do setor de Turismo de Aventura, agregando credibilidade ao setor (MTUR, 2009).

Segundo ABETA, o desenvolvimento da indústria nacional de equipamentos para a prática das atividades ao meio à natureza a partir de 1997 com custos menores e maior facilidade de aquisição também contribuiu para a expansão do Turismo de Aventura. Onde, em 1999, na cidade de São Paulo surge a mais importante feira do setor a Adventure Sport Fair reunindo anualmente os profissionais do Turismo de Aventura antes dispersos nos diversos destinos, espalhados pelo país. Assim cumprindo o importante papel de promover maior conhecimento sobre as práticas relativas ao Turismo de Aventura e a indústria de equipamentos do setor. (BRASIL, 2009a).

Conforme Ministério do Turismo (2009a) outro importante marco para o desenvolvimento do Turismo de Aventura ocorreu no ano de 2004, durante a Adventure Sport Fair com a fundação da ABETA, Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. A partir da criação da ABETA com o setor organizado começou-se uma série de diálogos com o Ministério do Turismo com o objetivo de realizar projetos que trariam uma organização nacional do Turismo de Aventura, onde podemos destacar;

Estruturação sistema regulatório para o Turismo de Aventura.

Estruturação do Sistema Brasileiro de Certificação em Turismo de aventura.

Segundo a ABETA (2009) em 2005 foi firmado convênio com o Ministério do Turismo para realizar o Projeto de Fortalecimento e qualificação do Segmento de Turismo de Aventura, que tem como objetivo o fortalecimento, a qualificação e

estruturação do segmento Turismo de Aventura no Brasil, com ações voltadas para o desenvolvimento do segmento com qualidade, sustentabilidade e segurança. São cinco os objetivos específicos do projeto: fortalecimento e articulação de organizações representativas do segmento Turismo de Aventura; elaboração de planejamento estratégico para o desenvolvimento do segmento Turismo de Aventura com qualidade, sustentabilidade e segurança; desenvolvimento de conteúdo para treinamento profissional de condutores e empresas que oferecem atividades de Turismo de Aventura; disseminação de conhecimento técnico relacionado à gestão empresarial e à operação responsável e segura no Turismo de Aventura e organização, qualificação e estruturação de Grupos Voluntários de Busca e Salvamento.

Tendo em vista que o objeto de pesquisa deste trabalho está focado no Turismo de Aventura com a prática da atividade de *Rafting*, segue um breve histórico desta atividade no Brasil e seus principais locais destinos em território nacional.

Segundo ABETA (BRASIL, 2009a, p. 14) no Brasil no ano de 1982-1983 surge, na cidade do Rio de Janeiro, a “T-Y” primeira empresa de *rafting* do Brasil, fundada por Carlos Roberto Soares da Silva, o Carlinhos. No início, operava no rio Paraíba do Sul, transferindo depois a operação para o rio Paraibuna, ambos em Três Rios – RJ. Ao final de 1990, começaram a surgir outras empresas e as técnicas evoluíram através do intercâmbio de remadores da equipe brasileira de canoagem, como José Roberto Puppo, Luis Augusto Merkle e Massimo Desiati, que durante as competições internacionais buscavam contatos com empresas de *rafting* norte-americanas e europeias e trouxeram este conhecimento técnico e novos equipamentos para o país, conseguindo assim um salto de qualidade na atividade, que até então era praticada de forma bem amadora. Atualmente, o *rafting* é uma atividade consolidada no Brasil, com cerca de 50 locais para a sua prática, sendo metade deles nas regiões Sul e Sudeste. Conforme o Site Pé na Trilha (s.d.) os principais destinos brasileiros e mais consolidados para a prática de *Rafting* turístico são:

1. Foz do Iguaçu/PR: com nível de dificuldade avançado, as Cataratas do Iguaçu se configuram como um dos os principais destinos do *rafting* brasileiro. Com aproximadamente duas horas de duração, esse *rafting* é dividido em três partes, a saber: na primeira etapa, os praticantes precisam superar ondas de até 1,5 m de

altura. Na segunda parte, há um incrível precipício e, no último trecho, os aventureiros aproveitam a parte calma do Rio Iguaçu, conforme a Figura 4. (PÉ NA TRILHA, 2019).

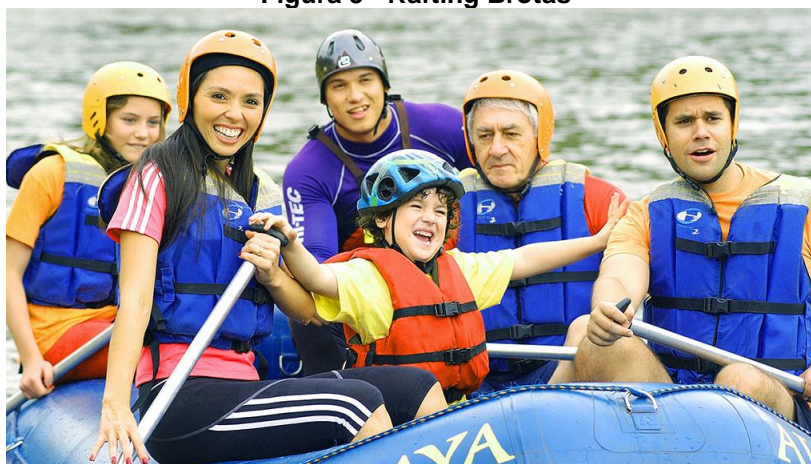
Figura 4 - Rafting Foz do Iguaçu



Fonte: Pe na trilha [s/d].

2. Brotas/SP: de acordo com a Figura 5, Brotas é um dos destinos de *rafting* mais famosos do Brasil, indicado para quem procura percursos de todos os níveis de dificuldade. Na parte baixa do rio Jacaré é possível praticar o esporte por duas horas em meia, pela manhã ou pela tarde. Além disso, os praticantes podem fazer o *rafting* noturno nas noites de lua cheia. Ainda, é possível praticar o *mini-rafting* no trecho alto do rio Jacaré para quem quer começar nesse esporte, com duração de uma hora. (PÉ NA TRILHA, [s/d]).

Figura 5 - Rafting Brotas



Fonte: Site Brotas (2019).

3.Itacaré/BA: neste local o cenário é bastante convidativo e o *rafting* tem duração média de duas horas e há 3 km de corredeiras que asseguram adrenalina durante todo o percurso do Rio das Contas, de nível intermediário, como pode ser observado na Figura 6. (PÉ NA TRILHA, [s/d]).

Figura 6 - Rafting Itacaré



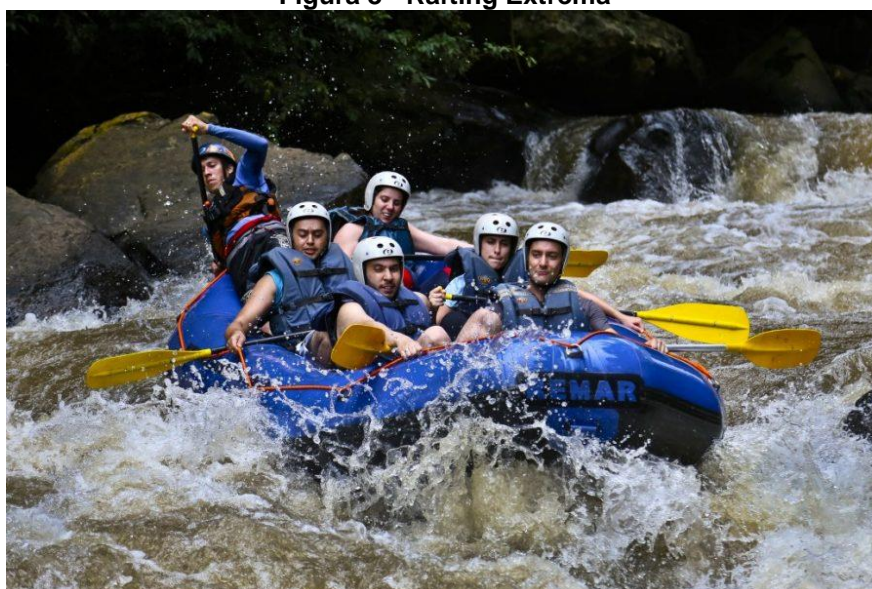
Fonte: Itacaré (2019)

4.Paraty/RJ: O *rafting* em Paraty é praticado no rio Mambucaba, outra ótima opção para os amantes do esporte e da aventura. O rio é famoso e corta o Parque Nacional da Serra da Bocaina, na bela Costa Verde. As corredeiras da região são ideais para iniciantes, pois as águas são cristalinas e calmas. Além disso, a paisagem é exuberante, conta com vistas maravilhosas e é rodeada por ruínas históricas, mata ciliar, picos, cachoeiras preservadas e paredões de pedra, como mostra a Figura 7.

Figura 7 - Rafting Paraty

Fonte: Paraty Náutica (2019)

5. Extrema/MG: a Figura 5 mostra o *rafting* localizado no sul do estado, distante 83 km de Campinas/SP é de nível avançado e praticado no rio Jaguari. O espaço fica em uma belíssima área montanhosa, assim como as tradicionais e já conhecidas belezas naturais do estado. O percurso tem duas horas e meia de duração, sendo que as corredeiras são bem longas e costumam exigir muito preparo dos praticantes.

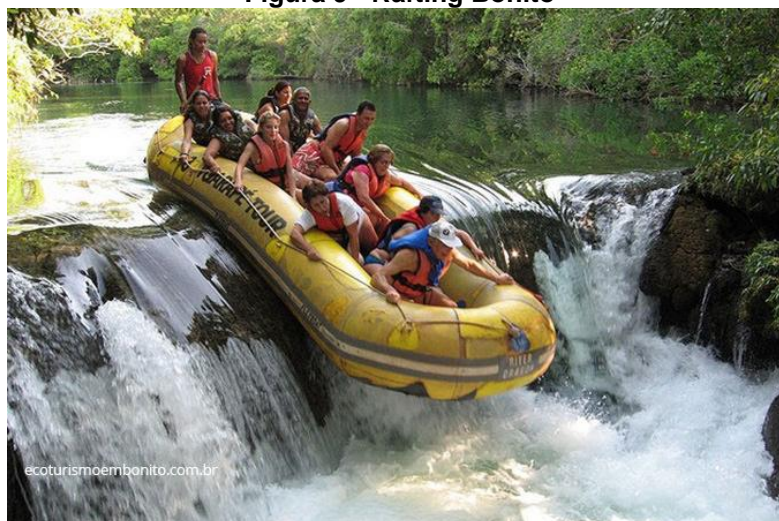
Figura 8 - Rafting Extrema

Fonte: Extrematur (2016)

6. Bonito/MS: Principal polo de ecoturismo no Brasil, Bonito é perfeito para esse tipo de situação. A cidade, que fica localizada no Mato Grosso do Sul, é o

destino ideal para os iniciantes de *rafting*. No rio Formoso, o percurso total tem 7 km e é composto por corredeiras e cachoeiras deslumbrantes, como a corredeira do Afrânio, a corredeira do Araçá, a cachoeira Postal, a cachoeira do Caldeirão e a cachoeira do Segredo, de acordo com a Figura 9.

Figura 9 - Rafting Bonito



Fonte: AcheiViagem (2012)

7.Três Coroas/RS: O *rafting* nas corredeiras do Rio Paranhana conta com 8 quilômetros de extensão, muita aventura e adrenalina (Figura 10), ao qual o trajeto oferece também paradas para banhos relaxantes este sendo um rio de classe dois e três ideal para a prática turística desta atividade considerado um dos melhores do Brasil. (PÉ NA TRILHA, [s/d]).

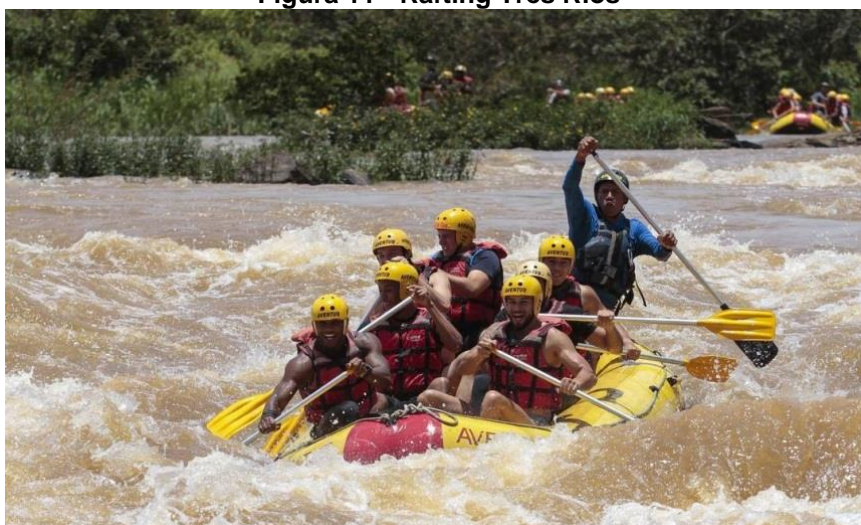
Figura 10 - Rafting Três Coroas



Fonte: Brasil Raft Park (2019)

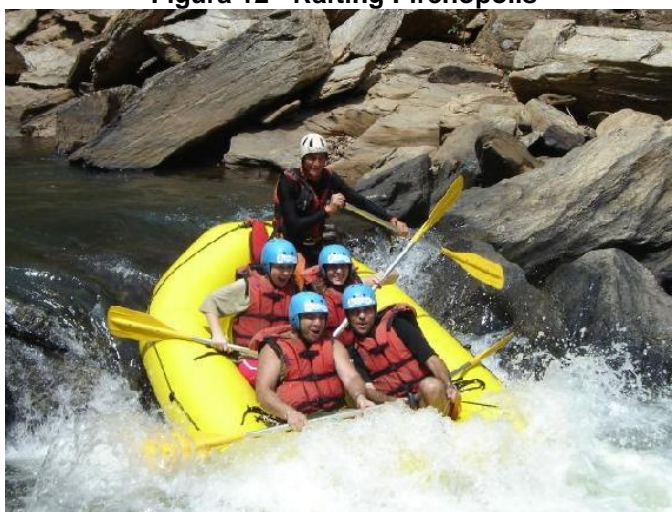
8.Três Rios/RJ: a cidade de Três Rios, no Rio Paraibuna, no estado do Rio de Janeiro e uma ótima oportunidade para se divertir. Entretanto, não é ideal para qualquer pessoa. O praticante precisa ter um bom desempenho, já que o nível de dificuldade é maior e demanda bastante esforço físico, como mostra a Figura 11. O percurso é de 20 quilômetros e não é indicado para quem está começando. O mais recomendado é aproveitar esse espaço no verão, quando o volume de água do rio aumenta.

Figura 11 - Rafting Três Rios



Fonte: Neder (2018)

9.Pirenópolis/GO: a cidade de Pirenópolis, no estado de Goiás o rio nasce na serra de Cocalzinho e ainda tem a vegetação bem preservada. Com correntes de nível leve a intermediário, ele pode ser uma ótima opção para quem está começando. Além disso, as águas são claras e quentes, destoando bastante de outros lugares da mesma região (Figura 12). O trecho de *rafting* tem 7,5 quilômetros e uma duração média de duas horas.

Figura 12 - Rafting Pirenópolis

Fonte: Pirenópolis (2019)

10.Ibirama/Apiuna, SC: em contato com a natureza por meio do rio Itajaí-Açu, em um cânion em meio às montanhas de Mata Atlântica, tudo isso considerando que o ambiente ainda é muito preservado. Enquanto fazem o *rafting*, muitos praticantes acabam se deparando com tucanos, jacus e outros animais voando entre as árvores. Sem contar com as grandes descidas e aventuras, durante 7 quilômetros, em um trajeto que tem diferentes graus de dificuldade. Entretanto, vale lembrar que existe outro percurso, ainda mais radical. Essa segunda opção, que começa na Ilha das Cutias, conta com uma descida de 7 quilômetros, trechos de queda livre ou montanha russa e, para fechar, corredeiras de 2 quilômetros, conforme a Figura 13.

Figura 13 - Rafting Ibirama/Apiuna

Fonte: Ativa Aventuras (2019).

11.Domingos Martins/ES: a região de Biriricas, banhada pelo rio Jucu, é a única no estado que permite a prática de *rafting*, num trecho de 7,5 quilômetros que

atrai praticantes de diversas partes do país. Tem muito verde, inúmeras espécies de animais e muita velocidade que apresentam certo risco, como apresentado na Figura 14.

Figura 14 - Rafting Domingos Martins



Fonte: Open Brasil (2014).

O *Rafting* hoje pode ser praticado em todos os cantos do Brasil. São mais de 50 empresas espalhadas em todo o território nacional. Um Grande número de rios ainda a serem explorados turisticamente fazem desta atividade uma das mais procuradas pelos praticantes de Turismo de Aventura no Brasil. (BRASIL, 2009a).

Conforme observado, o Brasil conta com muitas opções estruturadas para a prática turística do *rafting*, ainda vale destacar o Rio Paranhana, a cidade de Três Coroas pela sua característica de natureza e uma característica técnica que faz deste rio único, pois o mesmo tem um controle artificial de volume de água feito por um sistema de geração de energia mantido pela Estatal CEE. Então, se tem um rio de beleza exuberante com uma qualidade de água excepcional e ainda um controle de água artificial por um sistema de geração de energia viabilizando a operação durante o ano todo.

2.2.2 O Rafting no Rio Grande Do Sul

O Rio Grande do Sul (RS) o mais ao sul dos 26 estados brasileiros com divisa com o Uruguai e Argentina possui sua área territorial com aproximadamente 281.737,947 Km², onde encontram-se 497 municípios, com aproximadamente 10 milhões de habitantes com a sua capital Porto Alegre. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017). Porta de entrada para turistas internacionais

principalmente pelos vizinhos Argentinos e Uruguaios, o Estado conta com importante participação no Turismo de Aventura, no segmento do *rafting*, por apresentar um dos melhores rios para a prática turística de *rafting* da América Latina o Rio Paranhana na cidade de Três Coroas. (ZERO HORA, 2018).

Através da atividade de *rafting* na cidade de Três coroas que o Turismo de Aventura do Rio Grande do Sul se destaca em nível internacional, por isso torna-se importante compreender como essa atividade se desenvolveu no Rio Paranhana, como abordado na sequência.

Em 1993, no Rio Grande do Sul na cidade de Três Coroas, iniciam as atividades da empresa *Raft Adventure* de propriedade do Carioca Ricardo Marquart e seu sócio Régis Tellini; esta empresa é a primeira a trabalhar com a atividade que atualmente é conhecida como Turismo de Aventura no Rio Grande do Sul e simboliza o marco do surgimento deste segmento no Estado, oferecendo decidas de *rafting*. (BAZOTTI, 2012).

O primeiro guia de *Rafting* da *Raft Adventure* é Cristian Krummenauer aos seus 15 anos de idade retornando de competições internacionais representando o Brasil no Campeonato Mundial de canoagem Slalom na cidade de Wausau – USA, sendo o mesmo convidado então pelo sócio Ricardo Marquart a coordenar e implementar as operações turísticas de passeios em botes infláveis em rios de corredeiras pela sua reconhecida capacidade de leitura e navegação em rios e sua experiência internacional a nível de competições esportivas.

Leandro Bazotti complementa trazendo uma ordem cronológica do surgimento das empresas de Rafting que atuam no estado do Rio Grande do Sul e também fatos importantes que influenciaram as operadoras de *rafting* no RS, em 1994 surge também a *Mad River*, de propriedade de Nestor Pivotto e Enio Winkler, na cidade de Três Coroas, sendo a segunda empresa de *rafting* do Estado, em 1995 João Telmo Machado, de 28 anos, funda, em Canela, a terceira empresa de *Rafting* do RS, chamada de JM *Rafting*. Em 1996 Cristian krummenauer convida seu amigo de infância Cristiano Arozi também atleta da canoagem ambos com uma grande experiência internacional e iniciam a Brasil *Raft Rafting* e expedições operadora especializada na atividade de *Rafting* iniciando suas atividades no Parque municipal das Laranjeiras na cidade de Três Coroas.

Neste mesmo ano também surge a Eco Aventuras de propriedade de Flávio Belotto e Marcos Paredes empresa especializada em passeios de *Rafting* operando

no Parque municipal das Laranjeiras. Outros dois destinos de rafting surgem no Rio Grande do Sul no ano de 1996, um na cidade de Encantado no Rio Guaporé com a empresa Refúgio Explorer fundada por Silvio Zonatto e na cidade de Bento Gonçalves no Rio das Antas com a empresa Rio das Antas Turismo de Décio Favretto. Em 1997 é realizado, na cidade de Três Coroas, o Campeonato Mundial de Canoagem. Enio termina sua sociedade com Pivotto na *Mad River* e abre a Central Sul, juntamente com Leonardo Selbach, de 26 anos, e futuro proprietário da *Raft Adventure*. Neste ano, a *Mad River* passa a atuar também na Região de Nova Pádua, no rio das Antas; Silvio Zonatto formaliza suas atividades comerciais com a abertura do Refúgio *Explorer*, em Vespasiano Correa, oferecendo atividades de *rafting*, cicloturismo, rapel, cachoeirismo, caminhadas e passeios em veículos fora de estrada.

Em 1999 surge a *JB Rafting*, na região do Rio das Antas, e Matheus tem seus primeiros contatos com o Turismo de Aventura através de Juliano Perozzo. Neste ano a *Raft Adventure* sofre uma divisão e o sócio Ricardo sai da empresa, ficando sob o comando de Regis Tellini.

Em 2001 Ricardo Marquart monta a *Rafters Expedição e Aventura*; e Leandro Bazotti passa a trabalhar junto com ele, realizando o operacional das atividades de terra e também como guia de *rafting*. Ainda em 2001 ocorre a I Oficina Estadual de Turismo de Aventura, no Pinguela Parque, município de Osório, com duração de cinco dias e participação de praticantes e proprietários de empresas de várias modalidades de atividades de Aventura de todo o RS – oportunidade esta em que se iniciaram as discussões para a regulamentação deste segmento. Outra ação realizada pelo *trade* em 2001 foi a participação no I Salão Gaúcho de Turismo, para divulgar os atrativos do Estado para o seu público.

Em 2003 em Bento Gonçalves, surge a Radical Sul, de propriedade de Pinto e Evandro Tasca, oferecendo atividades de *rafting*. A *Rafters* fecha e então surge a operadora de aventura Marquart, de Ricardo Marquart funcionando como uma central de vendas e reservas para todas as atividades de aventura, principalmente *rafting*, oferecidas dentro do Estado e também fora dele. Em 2004 surge, em Flores da Cunha, a Anthas Anfíbius, de propriedade de um grupo de amigos e ex-clientes da *Mad River*, oferecendo uma gama de atividades como caminhadas, rapel, *rafting* e veículos fora de estrada, sobre o comando de Thiago. Também em 2004 Ricardo Marquart, pioneiro na operação turística de rafting no Rio Grande do Sul, vem a

falecer por problemas cardíacos, deixando, após 11 anos de trabalhos voltados ao Turismo de Aventura, todo um legado e um grande grupo de amigos. Ocorre o primeiro encontro oficial entre SETUR/RS e Ministério do Turismo, para tratar de assuntos referente a Turismo de Aventura. Cria-se um comitê técnico de Turismo de Aventura no RS, para tratar da regulamentação estadual do TA em uma parceria entre SETUR, SENAC (sob a supervisão de Sabrina Gomes Dias) e o *trade*. Outra ação realizada foi a participação no III Salão Gaúcho de Turismo, para divulgar os atrativos do Estado ao seu público. Nova participação das operadoras de *Rafting* na *Adventure Sport Fair* em SP. No ano de 2005 a *Brasil Raft* sai do Parque das Laranjeiras, em Três Coroas, e surge o projeto *Brasil Raft Park* sendo a primeira operadora de *rafting* no Rio Grande do Sul a consolidar um parque de aventura trazendo uma nova tendência de organização estrutural ao segmento de aventura ao estado. Também em 2005 Leonardo Selback rompe sociedade com Enio na empresa Central Sul e compra a *Raft Adventure*. Fecha a *Mad River*. Pinto e Tasca rompem sociedade e meses depois o Tasca abre a *Desafio Sul Rafting* com o mesmo enfoque e, em parceria com a Anthas Anfíbius. Em janeiro deste ano, o Governador do Estado assina a Lei nº 12.228/05, criando a regulamentação estadual de Turismo de Aventura, tornando o Estado o único no Brasil a ter esta atividade regulamentada em uma ação conjunta entre todos os interessados. Alguns meses depois, foram assinados os termos de cooperação técnica, bem como ocorreram os cursos de formação dos instrutores de TA, com duas turmas: uma, em Porto Alegre e outra, em Bento Gonçalves.

Em 2006 houve a realização de diversas reuniões com técnicos do Ministério do Turismo para a criação e construção das normas técnicas referentes ao processo de certificação nacional do Turismo de Aventura no Brasil e participação na *Adventure Sport Fair* em SP. Também em 2006 Flávio Belotto vende a *Eco Adventure* para um de seus colaboradores, Edrei Augusto Ascencio.

Em 2007 Décio vende o operacional de *rafting* da Rio das Antas para a Gasper e Realização dos primeiros cursos de formação de condutores de TA nas cidades de Taquara e Três Coroas, conforme legislação estadual, tornando-os assim os primeiros do Brasil a possuir tal capacitação. Adesão de várias empresas ao Programa de Certificação Aventura Segura, do Ministério do Turismo. Participação na *Adventure Sport Fair* em SP.

Em 2008 o Brasil Raft *Park* monta o primeiro circuito de tirolesas do Estado, denominado de *canopy* uma novidade no turismo de aventura, pois nesta atividade o aventureiro além de deslizar por cabos de aço ele poderá controlar a velocidade de travessia utilizando a técnica “*canopy*”, até hoje esta atividade está sendo praticada turisticamente somente no Brasil Raft Park em território nacional. Neste ano também é constituída a Associação Brasileira de Empresas de Turismo de Aventura Seccional Rio Grande do Sul – ABETA/RS.

De acordo com o Jornal do Comércio de 2008 a 2015 todas as empresas que atuam no Rio Paranhana se mantiveram em operações turísticas e dentro deste período houve um grande desenvolvimento destas. Em nível de estruturação física, capacidade de atendimento e evolução na gestão dos seus negócios transformando o destino de Três Coroas em uma referência nacional na atividade turística do *rafting*. (JORNAL DO COMÉRCIO, 2015).

2.3 ASSOCIAÇÕES DE RAFTING

Em nível Mundial se tem duas grandes organizações de federações de *Rafting*. A mais antiga a *IRF, International Rafting Federeation* e a *WRF, World Rafting Federation*. Segue algumas definições destas duas entidades.

Segundo a IRF a entidade entendeu a necessidade e demanda por um órgão oficial que pudesse representar e unir as comunidades de *rafting* do mundo, estimulou um grupo de pessoas, liderado por Lee Porter, a formar o IRF em 1997. O grupo fundador era: Lee Porter, Peter Micheler, Rafael Gallo, Tony Hansen, Sue Liell-Cock, Neil Baxter, Glenn Lewman, Zeljko Kelemen e Thomas Karas. Os temas iniciais abordados foram, treinamentos e qualificação de guias de *Rafting* e competições esportivas de *Rafting*. O primeiro Congresso foi realizado na CWWC, *Camel White Water Challenge* de 1997, também o primeiro Campeonato Mundial IRF não oficial. O primeiro oficial IRF *World Champs* fez parte do CWWC, na Costa Rica, em 1998 onde se finalizou as primeiras regras das provas competitivas de *Rafting*. Em 2001, os primeiros Campeonatos Mundiais da IRF, separados da CWWC, foram realizados em *West Virginia, EUA*. (IRF, 2019).

Conforme a IRF a mais importante contribuição para o desenvolvimento da atividade *Rafting* como atrativo do Turismo de Aventura foi a criação dos treinamentos e certificações internacionais dos guias de Rafting, crescendo em

importância à medida que guias, empresas de rafting comerciais, companhias de seguro e órgãos governamentais de todo o mundo estão começando a exigir um esquema de certificação mais formal e internacionalmente reconhecido para guias. Sendo este sistema de certificação sendo utilizado desde 1998. Está crescendo continuamente em sua importância e reconhecimento internacional. (IRF, 2019).

A recém constituída em 2018, WRF, World Rafting Federation, também entidade mundial representativa das demandas de *rafting*, se posiciona da seguinte forma, como: A Federação Mundial de Rafting (WRF) sendo o órgão mundial para todos os aspectos do esporte *Rafting*, competições especialmente internacionais. *Rafting*, lazer e *rafting* recreativo, expedição de *rafting*, todas as outras disciplinas diretamente ligadas ao *Rafting* e Canoagem de desporto. A WRF é a autoridade final para todas as questões relativas *Rafting* competição e licenciamento de WRF *River Guides*. Os principais objetivos da WRF são, regulação, desenvolvimento e promoção do esporte de *Rafting* competição a nível mundial. A WRF traz o tema sustentabilidade como um conceito-chave que acompanha o projeto de *rafting* desenvolvimento de um novo movimento internacional. (WRF, [s/d]).

Em nível nacional quem responde pela atividade esportiva do *rafting* é a Confederação Brasileira de Canoagem. (CBCA, 2019). Conforme a Confederação Brasileira de Canoagem (CBCA) o *rafting* consiste na descida de rios em botes infláveis. Os integrantes da embarcação remam sob o comando de um Instrutor, responsável pela orientação do grupo durante o percurso. Vale ressaltar que a prática do *rafting* implica conceitos muito importantes no relacionamento entre as pessoas, como solidariedade, união, liderança, trabalho em equipe e percepção sensorial. A mesma traz um histórico em nível de Brasil informando que iniciou em 1982, através da empresa TY-Y Expedições, cujas descidas se restringiam ao rio Paraíba do Sul e rio Paraibuna, ambos em Três Rios (RJ). Neste período a modalidade passou praticamente despercebida pelos brasileiros, pois toda a programação foi desenvolvida para atender exclusivamente aos turistas estrangeiros em férias no Rio de Janeiro. (CBCA, 2019).

Segundo a CBCA a atividade ganhou força a partir de 1990 com a criação da Canoar *Rafting* & Expedições e com ela uma inovação no *rafting*, a modalidade com remos individuais. A novidade foi introduzida no rio Juquiá, em Juquitiba / SP. Em 1996, consolidou sua expansão no mercado brasileiro com o surgimento de diversas

empresas, localizadas em São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Atualmente, estima-se em 50 o número de operadoras de *rafting* no Brasil, explorando descidas comerciais nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Paraná, Bahia, Mato Grosso do Sul e Tocantins. (CBCA, 2019).

Em nível de histórico mundial a confederação relata como o primeiro registro de descida de *rafting* no mundo data de 1869. Nesta época, John Wesley Powel - um dos expedicionários mais conceituados da história americana, organizou uma expedição no rio Colorado / EUA, em barcos de madeira com remo central. A aventura resultou em algumas viradas e batidas em pedras, decorrentes de equipamentos primitivos e da falta de técnica para manobrar nas corredeiras os barcos pesados. Já o Rafting com finalidade comercial foi realizado somente em 1909 pela Julio's Stone's Grand Canyon, mas os botes ainda eram rígidos, de madeira. (CBCA, 2019).

Os primeiros botes infláveis apareceram nos EUA, em 1936. Durante os anos 1960 e 1970 o esporte passou por um período de estagnação, retomando o impulso a partir de 1980 com o surgimento do bote "*self bailer*", confeccionado com materiais mais leves e resistentes. Hoje o *rafting* Comercial conquistou definitivamente seu espaço no cenário mundial. A emoção que o *rafting* hoje proporciona como uma atividade turística é em muitas vezes uma das mais divertidas atividades do turismo de aventura. O interessante é que ela está além de implementada em áreas de natureza com rios naturais pode também estar presente em grandes centros ao meio de uma cidade em pistas artificiais de canoagem slalom. (CBCA, 2019).

Conforme Gray Willian (2009, p.194), os rios de corredeiras para a prática da atividade turística do *Rafting* são classificados da seguinte forma:

Quadro 3 - Classificação dos rios de corredeiras

Fácil	Até corredeiras de grau 3, fácil acesso ao rio.
Moderado	Correderiras em sua maioria de grau 3-4, mais remotas, com possibilidade de acampar a noite.
Desafiadora	Corredeiras de até grau 5, expedição de muitos dias, para quem tem experiência.

Fonte: Adaptado Gray Willian, (2009).

Conforme o Quadro 05 a classificação do rio está relacionada ao grau de dificuldade da corredeira, assim a corredeira do rio classificada como fácil terá o seu grau de dificuldade de 1 a 3 e são as mais indicadas para atividade turística do

rafting, corredeira classificada como moderada terá o seu grau de 3 a 4 e são mais indicadas para a atividade turística com possibilidade de pernoite e as de classificação desafiadora com grau 5 são indicadas para profissionais da atividade e competições esportivas do *rafting*.

Gray Willian (2009, p.194), também explica a gradação internacional dos rios da seguinte forma: Grau 1 – Pequenas ondas, passagem desimpedida, sem obstáculos; Grau 2 – Ondas médias, alguns redemoinhos, pequenas cachoeiras, poucos obstáculos; Grau 3 – Ondas irregulares, redemoinhos, cachoeiras moderadas, obstáculos simples; Grau 4 – Forte, corredeiras em geral previsíveis, grandes cachoeiras, passagem restrita; Grau 5 – Violento, corredeiras imprevisíveis, grandes ondas, altas cachoeiras; Grau 6 – Corredeiras Velozes, grandes riscos. Essencial carregar a bagagem por terra.

Conforme ABETA (BRASIL, 2009a) no Manual de Boas Práticas da atividade *Rafting* desenvolvido pela ABETA e MTUR, as corredeiras são classificadas da seguinte maneira: O sistema de classificação usado pela Federação Internacional de *Rafting* (IRF) é padrão no mundo todo. Ele leva em conta que os rios variam de fluxo e de comportamento. Um rio classe 2 pode ocasionalmente virar uma classe 4, depois de intensas chuvas. Assim, todas as corredeiras deveriam ser inspecionadas antes da descida. Esta classificação deve ser utilizada como uma diretriz na graduação de rios:

Classe 1 – FÁCIL: Fluxo de água com pequenas ondas, mas desobstruído e sem dificuldades técnicas. Bom para iniciantes.

Classe 2 – MODERADA: Corredeiras diretas, com linhas de descida claras e evidentes, sem a necessidade de reconhecimento. Remansos e ondas estouradas podem ser fortes, mas ondas, pequenos obstáculos e outras obstruções menores podem ser evitadas. Bom para iniciantes.

Classe 3 – DIFÍCIL: Corredeiras com ondas moderadas e irregulares, que podem ser difíceis de evitar. Ondas, refluxos e dificuldades técnicas são maiores. Pode haver saltos e grandes obstruções. O principal fator de diferenciação dessas corredeiras é que o remador terá que buscar e reconhecer uma linha de descida para evitar obstáculos e perigos. Os condutores necessitam ser adequadamente qualificados.

Classe 4 – MUITO DIFÍCIL: A linha de descida pode não ser facilmente identificada e irá geralmente exigir cuidadosa inspeção, desde o bote até a margem

do rio. Corredeiras intensas, poderosas, mas previsíveis, são mais abundantes e poderão conter grandes ondas, quedas, refluxos e outras obstruções. A classe 4 está presente em uma ampla variedade de rios, desde aqueles com corredeiras curtas e grandes quedas, como naqueles com corredeiras em sequência e extensas, portanto há uma enorme variação na dificuldade. Genericamente, quanto maior a continuidade do fluxo de água, menos frequentes são os remansos para parar e ter espaço para estabilizar. Os condutores devem ser adequadamente qualificados, o que significa terem nível de especialista.

Classe 5 – EXTREMAMENTE DIFÍCIL: Corredeiras extremamente difíceis, com rotas que demandam grande precisão e técnica para serem transpostas. Refluxos, correntezas e ondas serão poderosas, e é essencial um reconhecimento prévio. Quando operadas comercialmente, os condutores precisam ser certificados como especialistas.

Classe 6 – EXTREMO: todos os anteriores levados ao extremo. As corredeiras são normalmente intransponíveis, sendo possíveis de transpor apenas em condições específicas.

Para um entendimento simples quanto maior o grau ou classe da corredeira maior é a dificuldade técnica de navegar por ela com as embarcações. No Brasil a classificação dos rios que está sendo adotada é a demonstrada acima que está no Manual de Boas Práticas do *Rafting* desenvolvida pelo MTUR em parceria com a ABETA (2009).

Gray (2009) destaca os principais rios e destinos mundiais em sua opinião para a prática do *rafting* (GRAY, 2009), a saber: Grand Canyon – EUA, Rio Tuolumme – EUA, Rio Gauley – EUA, Rio Pacuare – Costa Rica, Rio Futaleufú – Chile, Rio Çoruh – Turquia, Rio Omo – Etiópia, Rio Zambeze – Zambábue, Rio Trishuli – Nepal, Rio Franklin – Austrália e Rio Rangitaiki – Nova Zelândia.

2.4 NORMAS DE SEGURANÇA PARA A PRÁTICA DE RAFTING

Segundo ABETA, para a atividade de *Rafting* do turismo de aventura é necessário dispor de um Sistema de Gestão da Segurança (SGS) implementado em conformidade com a Norma Técnica da ABNT NBR ISO 21101:2014. Requisito previsto na Lei Geral do Turismo e em seu Decreto de Regulamentação. Conforme MTUR (2010) segue artigo 34 do Decreto Nº 7.381, de 2 de dezembro de 2010 que

regulamenta a Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, que dispõe sobre a Política Nacional de Turismo da Lei Geral do Turismo que trata especificamente do segmento de Turismo de Aventura.

Art. 34. Deverão as agências de turismo que comercializem serviços turísticos de aventura:

I - dispor de condutores de turismo conforme normas técnicas oficiais, dotados de conhecimentos necessários, com o intuito de proporcionar segurança e conforto aos clientes;

II - dispor de sistema de gestão de segurança implementado, conforme normas técnicas oficiais, adotadas em âmbito nacional;

III - oferecer seguro facultativo que cubra as atividades de aventura;

IV - dispor de termo de conhecimento com as condições de uso dos equipamentos, alertando o consumidor sobre medidas necessárias de segurança e respeito ao meio ambiente e as consequências legais de sua não observação;

V - dispor de termo de responsabilidade informando os riscos da viagem ou atividade e precauções necessárias para diminuí-los, bem como sobre a forma de utilização dos utensílios e instrumentos para prestação de primeiros socorros; e

VI - dispor de termo de ciência pelo contratante, em conformidade com disposições de normas técnicas oficiais, que verse sobre as preparações necessárias à viagem ou passeio oferecido.

§ 1º Para os fins deste Decreto, entende-se por turismo de aventura a movimentação turística decorrente da prática de atividades de caráter recreativo e não competitivo, tais como arborismo, bóia *cross*, balonismo, *bungee jump*, cachoeirismo, cicloturismo, caminhada de longo curso, canoagem, canionismo, cavalgada, escalada, espeleoturismo, flutuação, mergulho, turismo fora de estrada, *rafting*, rapel, tirolesa, vôo livre, *wind surf* e *kite surf*.

§ 2º Os termos dispostos nos incisos IV, V e VI deverão ser assinados pelo contratante e arquivados pelo contratado.

Para um melhor entendimento do que se trata o um Sistema de Gestão de Segurança (SGS), é necessário entender alguns conceitos conforme o manual de implementação desenvolvido pela Mtur (BRASIL, 2009a).

Sistema: é um conjunto de elementos organizados e inter-relacionados que possuem uma função conjunta específica. Cada elemento está geralmente

relacionado a outro e terá sempre sua importância para o funcionamento do sistema de forma geral.

Gestão: Gestão é o ato de administrar recursos e atividades com o objetivo de se alcançar um resultado pretendido. A gestão, muitas vezes, é feita por processos. Processos são um conjunto de ações e atividades que transformam um conjunto de recursos num resultado.

Segurança: Segurança é a ausência de riscos inaceitáveis. Não é, entretanto, a ausência de todos os riscos, mas, sim, daqueles que se consideram inaceitáveis na sua operação.

Conforme a ABNT NBR ISO 21101:2014 o Sistema de Gestão da Segurança para o Turismo de Aventura tem como objetivo aumentar a satisfação e segurança do cliente por meio da efetiva aplicação do sistema, incluindo processos para melhoria contínua do sistema e a garantia da conformidade com os requisitos do cliente e requisitos regulamentares aplicáveis, também demonstrar sua capacidade para assegurar a prática de atividades de turismo de aventura de forma segura e que atendam aos requisitos de segurança do cliente e requisitos regulamentares aplicáveis.

Para que os objetivos sejam alcançados na implementação da Norma ABNT NBR ISO 21101:2014 primeiramente a empresa deverá entender os riscos envolvidos na operação de sua atividade turística.

Segundo manual de implementação do SGS desenvolvido pela ABETA (BRASIL, 2009a) a empresa terá um ciclo base (Figura 15) para alcançar os objetivos na implementação da norma ABNT NBR ISO 21101:2014, **PDCA** (*Plan – Do – Check – Act*) que é brevemente descrito pelas seguintes etapas:

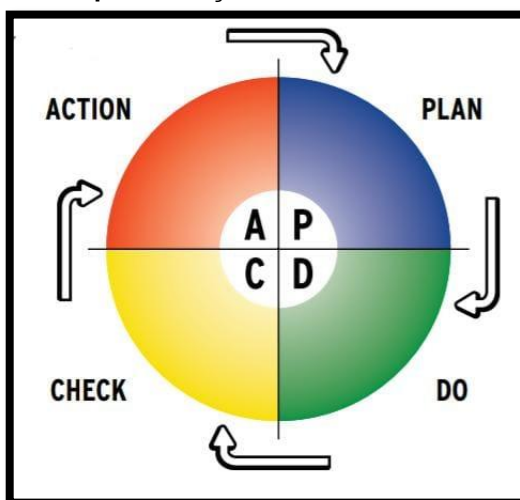
Plan (Planejar): estabelecer os objetivos e processos necessários para fornecer os resultados de acordo com a política da organização (neste caso, política de segurança);

Do (Implementar): implementar os processos;

Check (Verificar): monitorar e medir o resultado dos processos em relação à política, objetivos e metas e reportar os resultados;

Act (Agir): tomar ações para melhorar continuamente a performance do sistema de gestão.

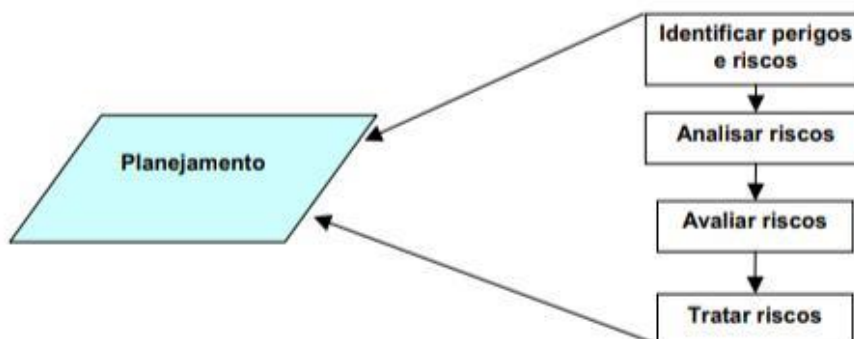
Figura 15 - Ciclo de implementação da Norma ABNT NBR ISO 21101:2014



Fonte: Brasil (2009a).

O sistema de gestão da segurança para as atividades de Turismo de Aventura envolve diversos elementos, de maneira que uma organização possa estabelecer uma política da segurança e alcançar os seus objetivos e metas, utilizando as técnicas de gestão de riscos e incorporando o processo de melhoria contínua das condições de segurança. A gestão de riscos, especificamente, é notadamente reconhecida como parte integrante e fundamental de um sistema de gestão da segurança. Nesse sentido, a adoção e implementação, de forma sistemática, de um conjunto de técnicas da gestão de riscos pode contribuir para a obtenção de resultados ótimos para todas as partes interessadas.

Figura 16 - Esquema da inclusão das técnicas de gestão de risco no planejamento do PDCA



Fonte: ABNT (2005).

Conforme ABNT (2014) a norma do Sistema de Gestão de Segurança *ABNT NBR ISO 21101:2014* implementada contempla a definição clara dos produtos e serviços ofertados, locais indicados para a prática, definição das modalidades da atividade e a classificação de riscos inerentes a cada qual, política de segurança que permite identificação de perigos, avaliações e controles de risco, produção de registros históricos que viabilizam análise estatística para ações de prevenção e ou tratamento de causas, controle de documentação, fluxo de processo para tratamento de risco, manutenção de recursos e infraestrutura, treinamentos e qualificação de funcionários e colaboradores em busca da conscientização à prática segura da atividade, plano de atendimento a emergências, tratamento de situações de crise na atividade, monitoramento constante da segurança na atividade, manutenção do registro de incidentes e eventos de não conformidade e auditoria interna.

Figura 17 - Requisitos da norma Sistema de Gestão da Segurança



Fonte: Brasil (2009a).

Segundo a ABETA (BRASIL, 2009a) o Sistema de Gestão de Segurança faz com que a operação seja muito mais segura e com que a empresa esteja sempre em um processo evolutivo em busca da melhoria contínua na prática segura da sua atividade de Turismo de Aventura.

Figura 18 - Sistema de melhoria contínua do SGS



Fonte: Brasil (2009a).

Para entendimento da figura (Figura 18) ABETA (BRASIL, 2009a) complementa que todo processo, por mais eficiente que seja, poderá sempre ser melhorado. Após a Verificação do Sistema surge então a oportunidade de melhoria, a oportunidade de partir para a Ação revendo o planejamento, propondo mudanças ou a continuidade de procedimentos e controles que vêm dando certo. Essa etapa alimenta o processo de gestão, que de forma cíclica dá início a uma nova etapa de planejamento, implementação, verificação e melhoria do Sistema de Gestão da Segurança da empresa.

Segundo a ABETA (BRASIL, 2009a) as normas transversais referentes na operação do *Rafting* são:

ABNT NBR 15285 – Turismo de Aventura – Líderes – Competência de pessoal

ABNT NBR ISO 21103:2014 – Turismo de Aventura – Informações à participantes

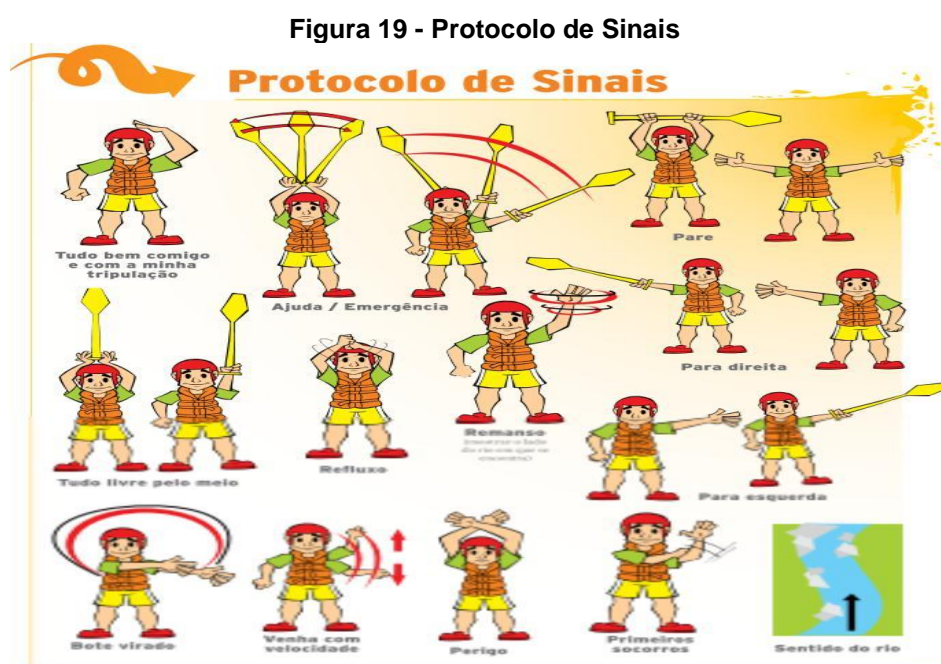
ABNT NBR ISO 21101:2014 – Turismo de aventura — Sistemas de gestão da segurança — Requisitos

ABNT NBR 15500:2014 – Turismo de Aventura – Terminologia

A ABNT (2006) dispõe de uma norma específica para os condutores de *rafting*, a NBR 15370, que normatiza as necessidades e conhecimentos exigidos dos guias para exercerem a atividade. O objetivo é regulamentar as competências mínimas para a condução do cliente, como: a capacitação, as habilidades necessárias para os condutores e as técnicas para condução do bote. Além disso, a

NBR 15370 descreve os equipamentos de segurança exigidos para a prática de *rafting*. Que são, dentre outros: bote, coletes de flutuação, capacetes, remos, *flip line* (espécie de corda com um mosquetão utilizada para manobras do barco e em salvamentos), polias, bomba de inflar, saco estanque, roupas e botas de neoprene (ABNT, 2006).

Conforme o Manual de Boas Práticas – *Rafting* desenvolvido pela ABETA (2009) em conformidade com a norma NBR 15370, na questão de capacitação, habilidades, competências mínimas e técnicas de condução do bote por parte dos guias os temas abordados são, capacidades de navegação com domínio de manobras e leitura de rio, entendimento de comandos de remada, procedimentos de primeiros socorros, domínio de técnicas de resgate, capacidade de instrução dos procedimentos de segurança aos clientes, protocolos de sinais para comunicação no rio, conforme a Figura 19.



Fonte: Brasil (2009a).

A norma do *rafting* NBR 15370 (2006) enfatiza a obrigatoriedade por parte da empresa nos seguintes procedimentos: Disponibilizar de formulário de inscrição a ser preenchido pelo cliente incluindo o Terno de Conhecimento de Risco; Oferecer seguro facultativo que cubra as atividades de aventura.

Figura 20 - Termo de Conhecimento de Riscos

Modelo de Formulário de Inscrição - incluindo o Termo de Conhecimento de Risco	
CLIENTE	EMPRESA
NOME: _____	_____ pessoa jurídica de direito privado, com inscrição no CNPJ sob o nº. (xxx) e endereço (xxx);
NASCIMENTO: ____/____/____	Objeto: Atividade de Rafting no Rio xxxxxx
ENDEREÇO: _____	Eu, CLIENTE, declaro para os devidos fins:
CIDADE: _____ UF _____ PAÍS: _____	- Ter sido informado de que a atividade oferece/não oferece seguro de acidentes pessoais.
TEL. CELULAR: _____ TEL. FIXO: _____	- Ter sido informado dos riscos que as atividades de _____ oferecem.
E-MAIL: _____	- Gozar de boa saúde e ter informado, por escrito, qualquer condição médica que possua, diferente da normalidade, bem como doenças pré-existentes e/ou uso de medicamentos.
CPF: _____ RG: _____ PASSAPORTE: _____	- Ter realizado o treinamento prévio para a atividade _____ e que durante este treino tive todas as minhas dúvidas esclarecidas.
INFORMAÇÕES IMPORTANTES, EXIGIDAS PARA SUA SEGURANÇA	- Entender e aceitar os riscos mencionados.
TIPO SANGÜÍNEO _____	- Ter ciência de que qualquer ato meu, contrário às informações recebidas e orientações da equipe da CONTRATADA, podem causar danos à minha integridade física, ao meio ambiente e a terceiros, os quais assumo integralmente.
ALGUMA ALERGIA? _____	Riscos envolvidos nas atividades:
PROBLEMA DE SAÚDE QUE DEVA SER RESSALTADO? _____	- Queda de objetos pessoais, como máquinas fotográficas, equipamentos de filmagem, óculos de sol ou de grau, bonês, entre outros. OBS: Conforme o objeto (máquina fotográfica, câmera de vídeo), pode-se proibir levá-lo ou, no mínimo, esclarecer o cliente do risco de perda.
ALGUMA INCAPACIDADE FÍSICA OU MENTAL? _____	- Riscos gerais de passeios na natureza, tais como picadas de insetos, animais peçonhentos, queda de árvores, mau tempo, entre outros.
ALGUMA RESTRIÇÃO À ALIMENTAÇÃO? _____	- Lesões leves, graves ou gravíssimas, pelo não cumprimento das orientações da equipe da CONTRATADA.
ALGUM MEDICAMENTO CONTROLADO OU DE USO CONTÍNUO? _____	- Escorregões, escoriações, arranhões, pequenas queimaduras, entre outros.
1. NOME E TELEFONE PARA CONTATO COM AMIGO OU PARENTE, CASO SEJA NECESSÁRIO: _____	- Cair na água e bater em pedras e/ou afogamento.
Tel: _____	(Neste tópico cabe um detalhamento criterioso feito pela equipe da empresa de Turismo de Aventura, já que aqui lançamos riscos genéricos, sendo que os riscos específicos de cada rio devem ser levantados e transcritos para este documento, de forma completa e abrangente. Sem isto, seu documento ficará impróprio para o uso).
PRODUTO TURÍSTICO ADQUIRIDO _____	Informações gerais:
	- O treino aqui mencionado é apenas para que você se familiarize com os equipamentos e procedimentos que serão utilizados, não sendo considerado um curso.
	- Você deve fazer uma alimentação leve. A contratação aqui feita não oferece alimentação, então seja precavido, alimente-se com antecedência e leve lanche caso pretenda fazer alguma refeição no local do evento.
	- Para a boa realização da atividade, você deverá estar usando roupas _____ (Detalhar as roupas adequadas e equipamentos individuais que devam ser levados pelos turistas, bem como quaisquer outras informações relevantes quanto à vestimenta do turista).
	- Lançar neste campo quaisquer outras informações importantes no que se refere à segurança, ao horário de início e término das atividades.
	Local e data
	Cliente: _____
	Empresa: _____

Fonte: Brasil (2009a).

Figura 21 - Equipamentos de segurança conforme a norma



Fonte: Brasil (2009a).

Segundo a ABETA (BRASIL, 2009a) para que a empresa consiga atender a norma de *rafting* NBR 15370 é imprescindível que a manutenção dos equipamentos deva ser rigorosa, a implementação de uma gestão de crise para tratar a situação de estresse em caso de incidente ou acidente. Saber lidar com este tipo de situação faz parte da bagagem essencial do condutor. A equipe de Condutores deve ser qualificada em conformidade com a Norma Técnica de Competências Mínimas do Condutor (CMC). Altamente recomendável que todos possuam treinamento em Primeiros Socorros. Os condutores devem, obviamente, dominar as principais técnicas de remada e lemes, que possibilitem a adequada condução do bote nas corredeiras. A realização de treinamentos junto a equipe de condutores com a presença de pessoas experientes, fazendo simulações de resgate, montagem de sistemas de redução e de travessia de rios.

Os condutores devem saber realizar os seguintes procedimentos de resgate aquático: natação em corredeiras (ativa e passiva). Quando algum bote usar armação para remo central, levar parafusos reservas e chave de fenda ou de boca. Para o estojo de reparo disponível na base (que conta com luz elétrica), acrescentar um aquecedor. Os condutores devem conhecer os níveis (máximo e mínimo) que permitem operações seguras. O condutor deve ter a capacidade de conduzir a informação aos clientes e tenha um plano B para os possíveis cancelamentos por motivos como força maior da natureza. Em frente com serenidade todas as dificuldades necessárias para cancelar um programa ou acionar o plano B.

Reforçar os três principais itens de segurança ao final da instrução ajuda o cliente a memorizar as informações mais importantes. Por exemplo: nunca soltar a Zona T, nunca tentar ficar de pé e nunca enrolar a corda na mão. O uso de caiaque ou bote de segurança é imprescindível em rios com corredeiras a partir de Classe III, pois ajuda a elevar o nível de segurança de uma descida, ajudando na sinalização das melhores linhas e se colocando muito mais rapidamente em posição de resgatar eventuais nadadores. Rotas de fuga (em caso de cabeça d'água, acidente ou incidente) também devem ser estabelecidas. O uso de uma cartilha ou de imagens (Figura 22) na instrução do cliente é uma prática adotada por algumas empresas de reconhecimento internacional e pode facilmente ser aplicada na sua operação.

Figura 22 - Cartilha de instrução de procedimento de segurança

Segurança na atividade de Rafting

Você fará um rafting em águas brancas. Esta é uma atividade de aventura séria em que o elemento risco está presente. Todo o equipamento que você utilizará foi desenvolvido para garantir sua proteção e segurança.

Seguem algumas dicas que irão ajudá-lo a desfrutar da experiência de fazer um rafting.



Fonte: Brasil (2009a).

A ABNT (2006) explica que a segurança no Turismo de Aventura envolve pessoas (tanto clientes quanto prestadores de serviços), equipamentos, procedimentos e as próprias empresas prestadoras dos serviços, inclusive as organizações públicas. Desta forma, uma abordagem sistêmica da segurança no turismo de aventura é altamente recomendável, de modo a considerá-la sob seus diversos aspectos. Assim, a Norma de Sistema de Gestão da Segurança ABNT NBR ISO 21101:2014 será uma referência para toda organização envolvida com a prestação de serviços que incluam atividades de Turismo de Aventura, ou seja, pode ser utilizada por operadoras e por aqueles que recebem os turistas nos destinos, que devem também estar envolvidos no esforço da segurança nas atividades de turismo de aventura.

2.5 NORMAS DE GESTÃO AMBIENTAL – RAFTING

Segundo a Mtur (2010) a partir do decreto que altera a Lei Geral do Turismo no Brasil fica estabelecido em lei que é de responsabilidade da empresa de Turismo de Aventura a dispor de termo de conhecimento com as condições de uso dos

equipamentos, alertando o consumidor sobre medidas necessárias de segurança e respeito ao meio ambiente e as consequências legais de sua não observação.

Conforme a ABNT (2014) a norma de Sistema de Gestão da Segurança ABNT NBR ISO 21101:2014 no que se refere a Política de Segurança, a norma inclui o comprometimento com o atendimento da legislação aplicável, incluindo a legislação ambiental e de segurança do trabalho aplicáveis, as boas práticas consagradas de segurança das modalidades de turismo de aventura oferecidas, a conduta consciente em ambientes naturais e outros requisitos subscritos pela organização.

A ABETA (BRASIL, 2009a) no manual de implementação do Sistema de Gestão de Segurança no que se refere a Política de Segurança, aspectos socioambientais também devem ser destacados, como o comprometimento com a minimização dos impactos ambientais e sociais negativos e a conduta consciente em ambientes naturais. Também precisa ficar evidenciado o comprometimento da empresa com o atendimento da legislação ambiental e de segurança aplicável.

Segundo a ABETA (BRASIL, 2009a) seguindo a norma específica da atividade *Rafting* NBR 15370, explica que com o crescimento do Ecoturismo e do Turismo de Aventura, e, conseqüentemente, dos impactos provocados em ambientes naturais, surge a necessidade de adotar práticas de mínimo impacto. Sendo possível combinar as atividades de turismo e de conservação, respeitando tanto os ecossistemas, quanto as expectativas e a qualidade da experiência desfrutada pelos visitantes. Assim as empresas de Turismo de Aventura contribuíram para manter intocados os destinos ecoturísticos, promover a educação ambiental e desenvolver uma consciência de conservação e respeito ao meio ambiente.

Para a ABETA (BRASIL, 2009a) evitar o impacto do lixo e da deterioração das áreas frequentadas em que sua empresa opera, são necessários alguns hábitos simples que dão maior qualidade à operação e agregam valor ao serviço oferecido.

A ABETA (BRASIL, 2009a) alerta que um número grande de pessoas passando pelo mesmo local num curto intervalo de tempo causa impactos significativos no ecossistema, que pode levar muito tempo para se recuperar. Algumas consequências são a erosão de trilhas e caminhos, prejuízos à vegetação nativa, destruição de ninhos, tocas, locais de alimentação e bebedouros de animais.

Escolher cuidadosamente os locais de entrada e saída das operações, manejando trilhas e procurando locais onde o impacto seja o menor possível.

Segundo a ABETA (BRASIL, 2009a) nos locais onde se pratica *rafting*, é essencial a criação de fossas sanitárias e coleta seletiva do lixo deixado pelos turistas. Onde não for possível a construção deste tipo de melhoria, deve-se trazer todo o lixo de volta (inclusive o orgânico) para um local que possua a destinação correta. Em terra, o correto seria urinar a uma distância de no mínimo 60 metros de qualquer fonte de água, longe de caminhos por onde naturalmente a água da chuva escorre. Durante a descida do rio, a melhor opção é urinar dentro do próprio, já que o volume de água dilui a urina rapidamente. Quanto às fezes, devem ser enterradas a no mínimo 15 cm de profundidade e 60m de distância de qualquer fonte d'água. Tape o buraco com terra e cubra com uma pedra, de modo que não seja remexido por animais.

A ABETA (BRASIL, 2009a) salienta que se deve estimular entre os clientes essas práticas educando-o a não levar lembranças como flores e plantas para casa, e não deixar marcas em árvores ou pedras.

É importante conscientizar os visitantes a respeitar animais e plantas, ensinando-os a não alimentar animais nativos e não destruir ninhos e plantas. Na natureza, tudo se inter-relaciona, qualquer alteração, por menor que seja, pode comprometer todo o ecossistema.

Conforme a ISO (2005) a norma ISO 14001 é uma ferramenta criada para auxiliar empresas a identificar, priorizar e gerenciar seus riscos ambientais como parte de suas práticas usuais. A norma faz com que a empresa dê uma maior atenção às questões mais relevantes de seu negócio. A ISO 14001 exige que as empresas se comprometam com a prevenção da poluição e com melhorias contínuas, como parte do ciclo normal de gestão empresarial. A mesma tem em seu escopo implementar, manter e melhorar um sistema de gestão ambiental para assegurar conformidade com a política ambiental e demonstrar tal conformidade a terceiros.

Conforme a Ministério do Meio Ambiente (2009b) os empreendimentos turísticos como parques necessitam da Licença de Operação (LO). Para que os mesmos consigam essa licença deverão atender as leis ambientais e aplicar as boas práticas com o manejo do seu lixo sólido, líquido e orgânico gerado pela operação

turística. Assim como devem aplicar ações de educação ambiental aos seus colaboradores e clientes.

A demanda turística tornou-se mais exigente, variada e variável, tendendo a focar sobre a qualidade e exprimindo as necessidades da cultura e do meio ambiente. O turista passou a procurar locais que combinam a autenticidade e a profundidade do intercâmbio cultural e a harmonia com a natureza. Ocorreram mudanças no comportamento do turista, que passa a ser visto como um consumidor do espaço, porém, a maior utilização dos espaços implica em maior impacto e conseqüentemente na necessidade de planejamento, pois a “[...] proteção do meio ambiente e o êxito do desenvolvimento turístico são inseparáveis” (ANSARAH, 2001, p. 30).

3 TRÊS COROAS/RS: CAPITAL DO RAFTING

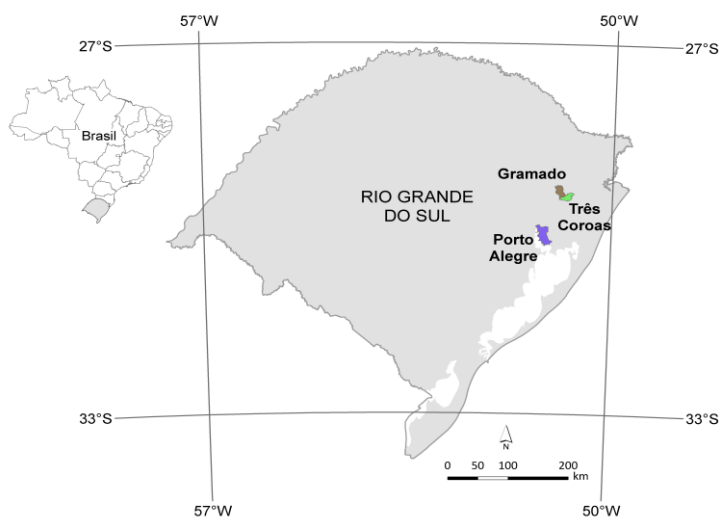
Este capítulo traz informações relacionadas ao destino Três Coroas, suas potencialidades turísticas e a relação que o mesmo tem com a atividade de aventura especialmente do segmento *rafting*.

3.1 TRÊS COROAS CAPITAL DO RAFTING

De acordo com a Prefeitura Municipal, Três Coroas está (Figura 23), localizado no Vale do Rio Paranhana, no estado do Rio Grande do Sul. Os primeiros colonizadores eram de origem alemã e chegaram no final do século XIX. Mais tarde, a localidade recebeu imigrantes italianos e portugueses, mas a maioria da população é descendente de alemães. A localidade foi chamada de Linha dos Últimos Alemães, Colônia de Santa Maria, Santa Maria de Cima, Santa Maria do Mundo Novo e Mundo Novo. Em 1959, foi instituído o município com o nome de Três Coroas, em referência a um pinheiro com três troncos e copas que existia no vale do Arroio Kampf (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017).

O município está a 105 quilômetros de Porto Alegre, capital do estado, e a 24 quilômetros de Gramado, cidade com o qual faz divisa juntamente a Canela, ao norte. Possui uma área de 185,539 Km² e uma população de 25.822 habitantes. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,710 pontos, e o Produto Interno Bruto (PIB) per capita é R\$ 30.393,46 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017).

Figura 23 - Localização de Três Coroas



Fonte: Prefeitura Três Coroas.

A altitude média do município de Três Coroas é 56 metros acima do nível do mar, o clima é temperado quente e a temperatura média é 19,2°C. A pluviosidade é constante durante o ano todo, no mês de setembro, considerado o mais seco, a precipitação média é de 110mm e, em novembro, mês mais úmido, a média é de 151mm (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017). O nome Paranhana vem do tupi-guarani e significa rio de águas ligeiras. As áreas de maior altitude apresentam florestas nativas, constituídas de mata do bioma Atlântica propícias para desenvolver o turismo de natureza (TRÊS COROAS, 2016).

A economia de Três Coroas está baseada no setor secundário, principalmente na indústria calçadista. No ano de 2013, o setor industrial foi responsável por mais de 51% do Produto Interno Bruto (PIB) do município. O setor de serviços, onde está inserido o turismo, contribuiu com 23,5% do PIB total (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017).

A geografia de Três Coroas, aliada à vocação para esportes no ambiente natural, fazem do turismo de natureza um aspecto de relevância na imagem da cidade. Apesar de não ser a principal atividade econômica de Três Coroas, o turismo possui papel importante na divulgação do município, como pode ser percebido no *slogan* que auto intitula a cidade como Cidade Verde para identificar os esforços ambientais da comunidade, a beleza natural do município e seu potencial turístico (TRÊS COROAS, 2015).

Pode-se afirmar que há em Três Coroas uma identificação com a canoagem. Todo o ano tem atletas representantes da cidade que disputam as etapas da Copa do Brasil, Campeonato Sul-Americano, Pan-Americano, Campeonato Mundial, Copas do Mundo e Campeonato Brasileiro de canoagem. Além disso, o município enviou atletas para três edições dos Jogos Olímpicos – 1992, 1996 e 2000. Também sediou o Campeonato Mundial de Canoagem do ano de 1997, Figura 24. (ASTECA, 2016).

Figura 24 - Campeonato Mundial de Canoagem Slalom, Três Coroas – RS



Fonte: Autor (2019).

Os guias de *rafting* são atletas de canoagem do município, os gestores eram atletas de canoagem, e pelo que se pode perceber as principais atrações dos parques são atividades aquáticas como *rafting*, *duck* e *bóiacross*, ou seja, existem fatos que corroboram com a formação de uma identidade local com atividades aquáticas. Cabe observar que o turismo de Três Coroas possui outra atração, além do turismo de aventura: o Templo Budista Khadro Ling (Figura 25). Seu fundador, o mestre tibetano Chagdud Tulku Rinpoche, conheceu o local e achou muito bonito e parecido com as paisagens do Tibete. Em 1994, iniciam as construções do primeiro prédio, no topo de uma montanha na cidade de Três Coroas. Apesar de não ter sido construído com essa intenção, o templo tornou-se parte do roteiro turístico da serra gaúcha ainda nos anos 1990. O local não conta com infraestrutura turística, apesar de estar aberto ao público cinco dias por semana. Possui hospedagem, porém, suas acomodações não são destinadas aos turistas, mas às pessoas que participam de retiros. Conta ainda com moradores fixos, que trabalham de forma gratuita na administração e recepção aos visitantes (*Khadro Ling*, 2019).

Figura 25 - Templo Budista Chagdud Gonpa Khadro Ling, Três Coroas – RS



Fonte: Autor (2019).

Essas características principalmente relacionadas ao grupo de empresários do segmento local do turismo de aventura oriundos de um grupo de atletas de alto rendimento esportivo, que em um primeiro momento remavam juntos nas principais competições esportivas da canoagem e conquistaram destaque internacional e na atualidade permanecem remando juntos, porém no segmento de turismo de aventura, onde cada empresário atua em sua empresa operacionalmente mas atuam cooperados em busca de divulgar e qualificar o segmento de turismo de aventura local, fez de Três Coroas um destino de reconhecimento internacional pelas boas práticas e capacidade de comunicação com o mercado de uma forma cooperada.

Acontecimentos apoiados pelo município, como a realização de um passeio de *rafting* com o então Ministro de Turismo (Figura 26), Vinícius Lages e o presidente da ABETA, Evandro Schütz, a atração de congressos e feiras de turismo de aventura como Abeta Summit – no ano de 2016, Três Coroas sediou o primeiro Congresso Sul-Americano de Turismo de Aventura – indicam o desejo de consolidar uma marca ligada ao turismo de aventura em Três Coroas (TRÊS COROAS, 2016).

Figura 26 - Ministro do turismo no Brasil - Rafting, Três Coroas – RS



Fonte: Autor (2019).

Segundo Caderno Guia de Férias na Serra Gaúcha publicado no Jornal Zero Hora (2018) o município de Três Coroas cortado pelo Rio Paranhana é famoso por figurar em listas dos melhores lugares do Brasil para praticar turismo de aventura. E destaca que a ABETA (2017) menciona que o destino está entre os melhores para a prática de *Rafting* no Brasil. Complementa que a atividade ganhou popularidade na década de 1990 e se manteve como opção interessante para quem deseja se aventurar pelas águas da região. Informando também que cerca de 50 mil pessoas praticam a atividade de *Rafting* por ano segundo dados da secretária municipal de turismo. (ZERO HORA, 2018).

2.2 OPERADORAS E PARQUES DE RAFTING EM TRÊS COROAS

Segundo a Prefeitura Municipal de Três Coroas (2019) a cidade conta com três parques de aventura. Sendo um parque municipal e dois particulares. No parque Municipal das Laranjeiras adquirido pela prefeitura municipal no ano 1989 com o objetivo de ali organizar provas esportivas da canoagem, onde ocorrem competições nacionais e internacionais até os dias de hoje estão instaladas três empresas de *Rafting*. As atividades de Turismo de Aventura com a prática de *Rafting* iniciaram suas operações no ano de 1993.

O parque Municipal das Laranjeiras serviu como uma incubadora do desenvolvimento turístico de aventura, pois todas as empresas de *rafting* que hoje

atuam no município iniciaram as suas operações no Parque Municipal das Laranjeiras.

O Parque Municipal das Laranjeiras é de concessão de uso e administração da Associação Três Coroense de Canoagem, ASTECA, que faz a regulação de capacidade de carga de cada empresa de *rafting*. As empresas que operam no parque municipal pagam taxas de uso para operarem no espaço físico do parque.

Segue empresas de *rafting* que operam no parque Municipal das Laranjeiras:

Central Sul: Fundada em 1997, capacidade operacional de sete botes por descida sendo 49 passageiros com cinco operações diárias. Possui Base Operacional no Parque das Laranjeiras e não possui agência.

Figura 27 - Logotipo Central Sul



Fonte: Central Sul.

Eco Aventuras: empresa com capacidade operacional de seis botes por descida por descida sendo 42 passageiros com cinco operações diárias, atuando no Parque das Laranjeiras desde 1995. Esta empresa não possui agência.

Figura 28 - Logotipo Eco Aventuras



Fonte: Eco Aventuras.

Extreme 4: empresa com capacidade operacional de oito botes por descida sendo 56 passageiros com quatro operações diárias, atuando no Parque das Laranjeiras desde 2001. Esta empresa não possui agência.

Figura 29 - Logotipo Extreme.4



Fonte: Extreme.4

Os outros dois parques que operam *Rafting* na cidade são particulares de iniciativa privada. O mais recente deles é o *Raft Adventure Park*, onde opera a empresa *Raft Adventure*. As suas operações de *rafting* iniciaram no ano de 1993 inicialmente no Parque Municipal das Laranjeiras e a partir do ano 2015 em seu parque particular.

Raft Adventure: Fundada em 1993, capacidade operacional de 12 botes por descida sendo 84 passageiros com quatro operações diárias. Possui Base Operacional no *Raft Adventure Park* e possui agência.

Figura 30 - Raft Adventure Park



Fonte: Raft Adventure Park.

Os parques de Três Coroas oferecem serviços de hospedagem, alimentação, mesas e churrasqueiras, campo de futebol, quadra de vôlei, banheiros, vestiários, estacionamento, trilhas, venda de *souvenires*, guias capacitados, material de segurança, panfletos de publicidade e informações e a variedade de atrações.

O terceiro parque de *rafting* – Brasil Raft Park – da cidade é um dos objetos de estudo desta pesquisa e será apresentado no próximo subcapítulo com mais profundo conteúdo, como segue:

3.3 BRASIL RAFT PARK

Para composição deste conteúdo, referente ao Brasil Raft Park se utilizou da experiência e vivência dos dois empreendedores e sócios fundadores do Brasil Raft Park, a saber: Cristiano Arozi e o próprio autor da presente pesquisa Cristian Krummenauer. Assim, vale salientar que o conteúdo que segue foi fruto de entrevista, relatos das experiências e vivências dos sócios da Brasil Raft Park, além de material do arquivo pessoal do autor.

A empresa Brasil Raft foi fundada em 1997. Os sócios fundadores e atuais dirigentes da empresa são Cristian Krummenauer e Cristiano Arozi. A história da empresa está fortemente ligada à vida de seus fundadores.

Cristian e Cristiano cresceram nas proximidades do rio Paranhana na cidade de Três Coroas, no Sul do país, e logo cedo desenvolveram o gosto pela canoagem e esportes ligados ao rio. Anos mais tarde, ambos se tornaram competidores internacionais nas modalidades conhecidas como: *slalon* e descida (Figura 31).

Figura 31 - Cristian Krummenauer e Cristiano Arozi competindo na canoagem



Fonte: Arquivo do Autor (2019).

Durante alguns anos, Cristian e Cristiano trabalharam como guias na maior operadora de *rafting* do estado na época, a Raft Adventure, fundada por Ricardo Marquart. A empresa operava no Parque das Laranjeiras na cidade de Três Coroas. O Parque das Laranjeiras, pertencente à prefeitura de Três Coroas, foi construído às margens do rio Paranhana e continua em operação até hoje, sendo administrado pela Associação Trescoroense de Canoagem (Asteca) desde a sua fundação em 1993. A Raft Adventure vinha crescendo vertiginosamente em função de seus esforços comerciais e na intensa divulgação da marca nas cidades da Grande Porto Alegre e região de Três Coroas. No entanto, a empresa deixava a desejar na qualidade do atendimento ao público.

Na ocasião, Cristian percebendo a situação, começa a pensar na possibilidade de iniciar uma operadora de *rafting*, porém os custos deste projeto eram bastante elevados. Analisando a situação e convencido de que isso poderia realmente dar certo, ele não desistiu de seu sonho.

Em abril de 1997 com o apoio financeiro do empresário e padrinho Erni Elgelmann, Cristian, juntamente com Cristiano, começam a concretizar seus planos de iniciar uma operadora de *rafting*. Dois meses mais tarde, Cristiano viaja para Itália, onde participou de uma competição de canoagem pela Confederação Brasileira de Canoagem (CBCA). Aproveitando essa oportunidade, ele retorna com os primeiros equipamentos necessários para dar início às atividades da nova empresa que estava por surgir, já que no Brasil era muito difícil conseguir esses equipamentos por um bom preço.

Neste momento, Cristian e Cristiano se desvincularam da *Raft Adventure* para fundar a *Brasil Raft*, que começou a operar em junho de 1997 com apenas um bote inflável, oito capacetes, oito remos e oito coletes, totalizando um investimento inicial de U\$ 3.500,00. Sem uma estrutura montada, ambos começaram a trabalhar na construção de um galpão no Parque das Laranjeiras, local para recepção dos clientes, vestiário e armazenagem dos equipamentos. Enquanto isso, o atendimento aos seus clientes era feito por meio de uma linha telefônica residencial na casa de Cristian. Cabe destacar que o espaço no parque é uma concessão dada pela Asteca, sendo a *Brasil Raft* a mais nova operadora do estado e, conseqüentemente, a última a se estabelecer no Parque, onde já operavam outras quatro empresas.

O crescimento da demanda exigiu que a empresa expandisse sua capacidade operacional, para atender a essa exigência do mercado. Em novembro de 1997,

Cristian viajou para Los Angeles nos EUA com objetivo de fazer um novo investimento no valor de R\$5.000,00 para a compra de mais dois botes, quinze remos e doze capacetes.

As vendas vinham aumentando e o bom atendimento e conhecimento operacional eram as principais características da Brasil Raft, o que fez com que, apesar de ser uma empresa jovem, e sem muitos recursos, começasse a despontar no mercado em meados de 1998. Neste mesmo período a maior concorrente na época, a Raft Adventure, começava a ter um forte declínio nas vendas.

A Brasil Raft era realmente muito boa operacionalmente, mas não na área comercial, e no ano de 2000 o empresário Erni deu novamente apoio para a empresa que começava a crescer. Erni é proprietário da empresa Sapatus, que estava abrindo uma nova sede em Gramado. Na época, o apoio foi oferecer ao seu afiliado Cristian a oportunidade de colocar uma sala da Brasil Raft no seu estabelecimento. Esse foi um grande e importante passo para a Brasil Raft, que a partir deste momento teve um grande impulso nas vendas, pois Gramado é um grande polo turístico do estado e possui um forte *trade* turístico, com as quais a parceria resultou em muito mais turistas para fazer *rafting* no Parque das Laranjeiras.

No início de 2001, a Brasil Raft alugou uma casa para sua sede administrativa na cidade de Três Coroas, a qual é utilizada até hoje. Na metade de 2001, a Brasil Raft realizou um grande investimento, a aquisição de dez hectares de terra às margens do rio Paranhana, local onde fica atualmente a nova base operacional da empresa.

Em 2002 foram iniciadas as operações no Parque próprio denominado Brasil Raft Park, (Figura 32) o qual tem uma vantagem competitiva de 4 km a mais em relação ao percurso de rio oferecido pelas demais empresas do ramo que operam no Parque das Laranjeiras. Desta forma, a Brasil Raft tornou-se a primeira empresa com base própria no estado do Rio Grande do Sul e este fato lhe permite um atendimento diferenciado ao cliente, já que não está sujeita às normas impostas pela Asteca.

Figura 32 - Imagem do Brasil Raft Park em 2002 e 2019



Fonte: Arquivo do Autor (2019).

O ramo da Brasil Raft é Turismo de Aventura. O que a empresa vende é sensação e experiência de estar em contato com a natureza, acrescido de uma boa dose de emoção. Operando, atualmente, em uma sede própria, a empresa vem focando seu negócio em formas de entretenimento que envolva, de certa forma, alguma atividade de aventura.

Pode-se entender por definição do negócio a explicitação do âmbito de atuação da organização, centrada no benefício, o que refletirá em um melhor entendimento daquilo que a empresa vende, melhor definirá as oportunidades de mercado e melhor perceberá quais os seus concorrentes. O negócio da empresa deve estar voltado à principal expectativa do consumidor, deve ser profunda, deve mexer com a alma e o sentimento das pessoas. O negócio deve ser como uma bandeira que todos carregam. Deve responder a pergunta: qual é o desejo interno do meu cliente que o meu produto satisfaz? (BORNHOLDT, 1997. p. 20).

Atualmente o Brasil Raft Park conta com uma capacidade operacional de 15 botes por descida sendo 100 passageiros com três operações diárias, sua equipe de trabalho no parque chega a ter 40 colaboradores e atende em torno de nove mil pessoas por ano no *rafting*.

Figura 33 - Logo Brasil Raft Park



Fonte: Brasil Raft Park, [s/d].

Situada em Três Coroas, que fica a uma hora e meia de Porto Alegre, a Brasil Raft radicaliza nas corredeiras do Rio Paranhana. No *rafting*, os clientes têm a oportunidade de percorrer o rio entre as belas paisagens de uma natureza totalmente preservada da região da Mata Atlântica. Além disso, durante o atrativo tem paradas para atividades adicionais como surf de bote na onda, banho relaxante, salto da plataforma e tirolesa aquática. Natureza, água e muita adrenalina, esses são o negócio da Brasil Raft.

A nível comercial a empresa já se destaca no cenário nacional e internacional. Presente em eventos como ABAV, Adventure Sport Fair, Festuris e ABETA Summit sempre como expositor e palestrante.

No ano de 2016 o Brasil Raft Park foi palco do ABETA Summit, maior evento de Ecoturismo e Turismo de Aventura da America Latina, reunindo centenas de profissionais do segmento para discussões e palestras em busca do desenvolvimento do setor (Figura 34).

Figura 34 - Abeta Summit 2016 – Brasil Raft Park



Fonte: Arquivo do Autor (2019).

Sua reconhecida competência e capacidade de transformar o atrativo *Rafting* nas corredeiras do rio Paranhana em uma experiência divertida e segura fez com que no ano de 2014 junto a Copa do Mundo de Futebol no Brasil estivesse presente entre os roteiros turísticos oficiais do evento.

No ano de 2017 participou da primeira ação comercial do Estado do Rio Grande do Sul na Europa. Onde na ocasião a Fundação Cultural Europa Brasil de Valencia na Espanha aplicou uma pesquisa junto ao mercado europeu questionando quais seriam os atrativos turísticos de maior aceitação por parte dos turistas vindos da Europa que estariam desembarcando no aeroporto Salgado Filho de Porto Alegre, o *rafting* do Brasil Raft Park foi escolhido como uma das atrações de maior aceitação por esse público. Resultando então a participação do Brasil Raft Park no evento então chamado de Rio Grande do Sul na Europa (Figura 35) que aconteceu na cidade de Madri na Espanha onde o sócio da empresa Cristian Krummenauer apresentou o atrativo ao público presente no evento.

Figura 35 - Imagem institucional evento Rio Grande do Sul na Europa



Fonte: Fundação Cultural Europa Brasil (2017).

No ano de 2018 o Brasil Raft Park e o seu atrativo *rafting* foram escolhidos pela produtora nacional de cinema a Prana Filmes como cenário e estrutura para a gravação do primeiro curta metragem com a temática aventura no Brasil. O filme A Pedra (Figura 36) então foi todo gravado as margens do rio Paranhana na estrutura do Brasil Raft Park. A Brasil Raft participou como apoiadora do filme e o sócio Cristian Krummenauer atuou como um dos atores. O filme já participou de festivais

internacionais em Cuba no final de 2018 no Festival Internacional *Del Nuevo Cine Latinoamericano de La Habana* e na Índia em 2019 no *11 Jaipur International Film Festival* onde recebeu Menção Especial do Júri na mostra Panorana Internacional. Em festivais brasileiros recebeu Menção Honrosa no Festival de Filmes com Acessibilidade Comunicacional de Recife 2019 e estará participando do Festival de Cinema de Gramado 2019.

Figura 36 - Imagem cartaz filme A Pedra



Fonte: Arquivo do Autor (2019).

Nos dias de hoje o Brasil Raft Park atua fortemente no planejamento e desenvolvimento do destino Três Coroas. Os seus sócios participam de grupos de discussões em busca de uma cadeia Turística mais desenvolvida e sustentável em todas as esferas sendo públicas ou privadas. Cristian Krummenauer (Figura 37) conta com cadeira participativa nas discussões a nível estadual junto ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul trazendo a pauta do Turismo de Aventura como tema de relevância para o desenvolvimento turístico do estado.

Figura 37 - Reunião Palácio Piratini desenvolvimento turístico do RS



Fonte: Arquivo do Autor (2018).

O Brasil Raft Park como organização e empresa acredita que a sua maior responsabilidade está relacionada a responsabilidade social empresarial. Onde ela a partir de suas operações turísticas geram um retorno social a comunidade local gerando emprego e resultados econômicos e além disso utilizando de seu espaço físico de natureza aplica metodologias de educação ambiental em busca de uma sociedade muito mais responsável pelas ações junto ao meio ambiente.

3.3.1 Brasil *Raft Park* – sistema de gestão da segurança

Para a geração de conteúdo deste capítulo foram retiradas informações dos próprios documentos do Sistema de Gestão de Segurança do Brasil Raft Park – atividade *rafting* - estes que foram escritos e documentados pelo sócio Cristian Krummenauer.

3.3.1.1 – Brasil Raft Park – SGS – Escopo.

A Brasil Raft tem em seu escopo do Sistema de Gestão da Segurança a operação das atividades de turismo de aventura: A Brasil Raft oferece a atividade do Rafting no Rio Paranhana, na cidade de Três Coroas/RS.

Nesta atividade, o produto oferecido é o Rafting de 8km.

Os percursos são classificados com grau de dificuldade:

- Rafting de 8 km – classe I a III tempo previsto de 3h00.

São analisados, contemplados e quantificados todos os tipos de perigos que impliquem risco à vida e a integridade física das pessoas envolvidas direta ou indiretamente na operação.

3.3.1.2 – *Brasil Raft Park – SGS – Política de Segurança.*

A Brasil Raft está comprometida com a melhoria contínua do desempenho de suas atividades em Turismo de Aventura, especificamente no produto de *rafting*, por meio:

- Do atendimento às legislações ambientais e de segurança vigentes aplicáveis e demais requisitos relacionados;
- Da capacitação e qualificação de sua equipe, mediante a cursos e repasse de informações condizentes;
- Do uso responsável de recursos naturais, divulgação da conduta consciente e minimização dos impactos ambientais gerados;
- Da minimização dos riscos à vida e da manutenção da integridade física e mental de todas as pessoas envolvidas na atividade;
- Do atendimento às expectativas de nossos clientes, a interação com o meio ambiente e a realização das atividades com segurança através da adoção de boas práticas consagradas no segmento.

3.3.1.3 - *Brasil Raft Park – SGS – Manuais de Procedimentos.*

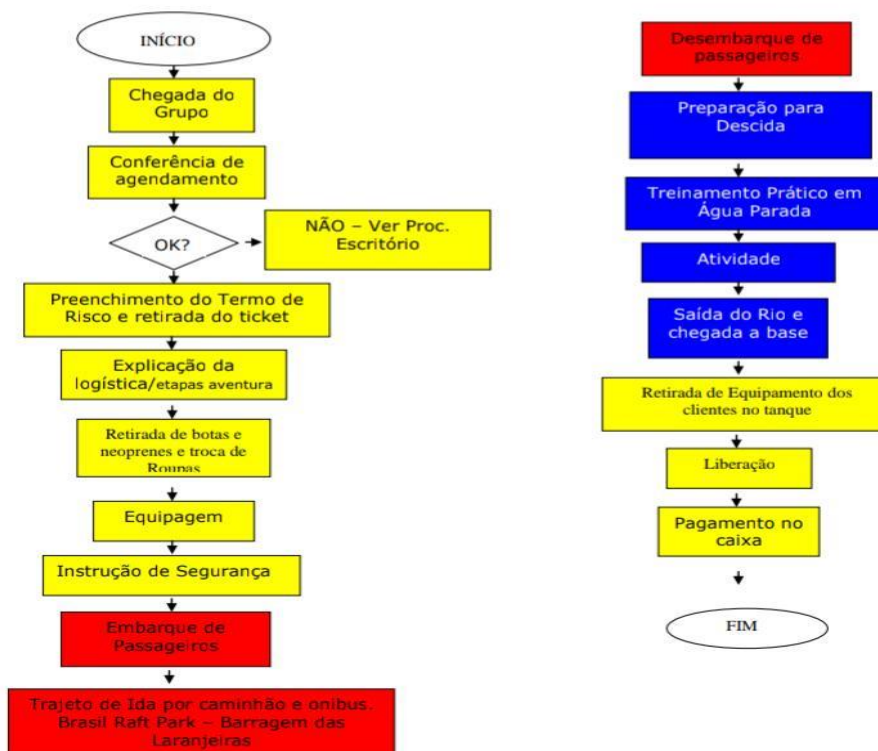
A Brasil Raft desenvolveu uma série de manuais de procedimentos para todos os setores e profissionais envolvidos no atendimento do atrativo *rafting* para que saibam como atuar e atender dentro da padronização exigida pela empresa atendendo a Norma de Gestão de Segurança do Turismo de Aventura. Esses manuais atendem as seguintes áreas da empresa:

- Procedimento Secretária Comercial
- Procedimentos do Rafting
- Procedimentos para Condutores
- Instruções
- Procedimento da Explicação da Logística

- Procedimento para Fotógrafo
- Procedimento para Utilização de Rádio de Comunicação
- Procedimento para Motorista
- Procedimento para Caixa e Receptivo
- Procedimento para Secretário Financeiro

Para um melhor entendimento por parte dos profissionais envolvidos no atendimento ao cliente adotando os procedimentos exigidos pela empresa foi desenvolvido um fluxograma de atendimento (Figura 38).

Figura 38 - Fluxograma de atendimento rafting



Fonte: Brasil Raft Park

Para um melhor entendimento do fluxograma segue mais detalhes das etapas que compõe o atendimento da atividade rafting.

- Chegada do Cliente – trajeto do estacionamento até o receptivo da Brasil Raft Park, a chegada até o parque é por conta do cliente.
- Conferência de pagamento – conferência da reserva com apresentação de voucher e confirmação do número de pessoas.

- Termo de Risco e Ticket – Preenchido na área de explicações, um termo por cliente. Na entrega do termo será distribuído um ticket por pessoa já discriminando os serviços opcionais.
- Explicação da logística – explicação a todos os grupos da logística de toda atividade conforme procedimento em anexo.
- Retirada das botas e neoprenes e troca de roupa – Encaminhar os clientes a garagem dos equipamentos que fica ao lado, retirada de botas e neoprenes. A troca de roupa é feita no vestiário devidamente sinalizado.
- Equipagem - São colocados colete e capacete sob supervisão do condutor e conferência de ajuste em cada cliente.
- Instruções – Procedimentos de remada, de segurança, equipamentos, procedimentos de resgate. Realizado na área de instruções, embaixo de árvores e ao lado do rio.
- Embarque – Efetuado em frente ao vestiário principal, sempre acompanhado pelos condutores e colaboradores. As escadas são fixadas por travas, possuem anti-derrapante nos degraus.
- Transporte Ida – Saindo da Brasil Raft Park para Barragem das laranjeiras, entrada dos botes. Somente clientes e condutores, com equipamento individual (colete e capacete) percurso de cerca de 5km.
- Desembarque – Estacionamento na área da Barragem.
- Preparação para descida – Retirada de remos um para cada cliente e um por condutor, divisão das equipes e botes pelo coordenador, apresentação da equipe ao condutor que irá guiá-los, entrada no bote.
- Treinamento em Água Parada – Já no bote, área sem correntes e sem pedras, para treinamento prático de comandos de remada e segurança.
- Atividade – Descida de *rafting*, em grupos de até 8 pessoas, dependendo do bote, nas corredeiras do percurso de 8km.
- Saída do Rio – No final da atividade é feita através do deck do Parque, devidamente preparadas e com manutenção mensal, leva o cliente do rio a solo firme.
- Retirada de Equipamentos – Os equipamentos individuais devem ser retirados e colocados no tanque indicado pelo condutor do bote para lavagem.

- Liberação – Confirmado a entrega de todos os equipamentos individuais, os clientes estão liberados e a atividade encerrada.
- Rota de Fuga – Na existência de alguma variação do rio ou de percurso a ser seguido, existem rotas de fugas, por fora d'água, que garantam a sequência da atividade em segurança.

3.3.1.3 - Brasil Raft Park – SGS - Identificação de perigos e avaliação e controle de riscos

A Brasil Raft estabeleceu um processo sistemático para a identificação de perigos e análise, avaliação, tratamento, monitoramento e comunicação de riscos associados com a prática de atividades de turismo de aventura. Esse processo de gerenciamento dos riscos está incorporado na gestão da organização de forma a assegurar que as atividades de turismo de aventura sejam praticadas de modo seguro e responsável.

No geral, a Brasil Raft estabeleceu o contexto em que a gestão de riscos foi estabelecida e promoveu a identificação dos perigos e riscos associados a atividade *rafting* do turismo de aventura em que ela está envolvida. Isso envolveu a identificação do que pode acontecer, porque, como, com que probabilidade e com quais consequências, a fim de servir de base para a análise de riscos.

A análise de riscos consistiu em determinar os controles existentes e analisar os riscos em termos de consequências e probabilidades no contexto destes controles. A análise considerou as várias consequências potenciais e a probabilidade de tais consequências ocorrerem. Consequências e probabilidades foram combinadas, a fim de se produzir o nível estimado de risco. A avaliação de riscos consistiu em comparar os níveis estimados de risco com critérios preestabelecidos, resultando numa classificação dos riscos que possibilite a sua gestão.

O tratamento dos riscos consistiu em estabelecer o processo pelo qual:

- se identificou as diversas opções de tratamento;
- essas opções foram analisadas e avaliadas;
- se preparou e implementou planos de tratamento dos riscos, inclusive planos de atendimento a emergências.

A redução das consequências e da probabilidade de ocorrência de um evento perigoso foi chamada de controle de riscos.

O processo de gestão de riscos envolveu ainda o monitoramento e análise crítica do desempenho da gestão de riscos e as eventuais alterações que possam afetá-lo, e ainda comunicar e consultar as partes interessadas, conforme apropriado, em cada etapa do processo de gestão de riscos e no processo como um todo.

3.3.1.4 - Brasil Raft Park – SGS - Recursos, estrutura e responsabilidade

A direção assegura a disponibilidade de recursos essenciais para estabelecer, implementar, manter e melhorar o sistema de gestão da segurança. Os recursos abrangem, entre outros, recursos humanos, qualificações específicas, tecnologia, recursos de infraestrutura e recursos financeiros.

As funções, responsabilidades e autoridades do pessoal que gerencia, desempenha e verifica atividades que têm efeito sobre a segurança dos serviços oferecidos, instalações e processos da organização são definidos, documentados e comunicados, a fim de facilitar a gestão da segurança.

A responsabilidade formal pela segurança é da direção. A organização nomeou o sócio Cristian Krummenauer com responsabilidade específica em relação ao sistema de gestão da segurança, que tem responsabilidade e autoridade definidas para:

- assegurar que os requisitos do sistema de gestão da segurança sejam estabelecidos, implementados e mantidos de acordo com esta Norma, em todos os locais em que as atividades do turismo de aventura são praticadas e locais de operação da organização;
- relatar à direção o desempenho do sistema de gestão da segurança para análise crítica, como base para o aprimoramento do sistema da gestão da segurança.
- Todos aqueles com responsabilidade administrativa, comercial ou operacional relacionadas com as atividades de turismo de aventura tem seu comprometimento com a melhoria contínua do desempenho do sistema de gestão da segurança.

3.3.1.5 - Brasil Raft Park – SGS GERAL

A Brasil Raft assegura que qualquer pessoa que realize tarefas para esta, ou em seu nome, e que possa afetar a segurança das atividades de turismo de aventura, seja competente. A competência foi definida em termos de educação, treinamento, experiência ou qualificação.

A empresa tem procedimentos para assegurar que as informações pertinentes de segurança são comunicadas aos clientes. E utiliza de um termo de reconhecimento dos riscos (Figura 39) que obrigatoriamente todos os participantes da atividade *rafting* devem ler e assinar.

Figura 39 - Termo de reconhecimento de riscos – Brasil Raft

DECLARAÇÃO DE CONHECIMENTO DE RISCO			DECLARAÇÃO DE CONHECIMENTO DE RISCO																																													
Data de atualização: 10/03/2017	Versão: 07	Colaborador: Paulo	Data de atualização: 10/03/2017	Versão: 07	Colaborador: Paulo																																											
<p>Sua segurança é nossa maior prioridade, mas esportes praticados em meio à natureza apresentam elementos de risco. O Brasil Raft Park orienta-se pelas boas práticas consagradas no segmento de Turismo de Aventura e, pelo seu Sistema de Gestão da Segurança, para minimizar qualquer risco existente ou potencial. Também entendemos que informar o cliente é uma boa prática para minimizar riscos, por isso, é muito importante que você conheça-os:</p> <p>Riscos da prática de Rafting: Percurso com corredeiras até classe III. Você pode sofrer pancada de outro integrante ou do remo dentro do bote; você pode cair na água e então nadar em corredeiras com pedras, expondo-se a ferimentos e até afogamento. Pessoas com pouca habilidade em água, ou com problemas de saúde como: asma, diabetes e cardíacos, devem informar a empresa, para que a mesma redobre a atenção ao cliente. No caso de pessoas com asma, o mesmo deverá levar a bombinha de uso pessoal, junto ao kit de 1° socorro da empresa durante a descida.</p> <p>Riscos da prática de Técnicas Verticais: Você pode enganchar a camiseta ou cabelo no freio ou nas roldanas por posicionamento inadequado do corpo; pode haver queda de objetos das paredes e das árvores, queda de seus objetos pessoais, pode haver choque com galhos de árvores, você pode cair.</p> <p>Riscos da prática de Quadriciclo: Você pode abalroar e até mesmo capotar o seu veículo, além de outros acidentes e incidentes de natureza automotiva; você pode cair do seu veículo podendo resultar em lesões leves, graves ou gravíssimas.</p> <p>Riscos gerais: Você está exposto a riscos decorrentes de atividades de aventura na natureza, tais como quedas, picadas de insetos e/ou animais peçonhentos, queda de árvores, intempéries climáticas, entre outros.</p> <p>O Brasil Raft Park é um complexo turístico voltado para o lazer, práticas esportivas e de turismo de aventura, que conta com uma equipe de instrutores especializada em atividade de aventura, e treinada para as mais inusitadas situações de resgate e pronto socorismo. Dispondo também de um Plano de Atendimento a Emergência (PAE). Antes da atividade, procedimentos e instruções de segurança são elucidados a todos. Durante o percurso os equipamentos de segurança (fornecidos pelo Brasil Raft Park) e um calçado são obrigatórios, não devendo ser retirados em hipótese alguma na atividade, e os instrutores são a única autoridade, devendo suas considerações serem seguidas por todos.</p> <p>CONTRATADA: Brasil Raft Park, pessoa jurídica de direito privado, com inscrição no CNPJ sob nº 04.155.671/0001-82 e endereço na Rua Pastor Roos, 725, Bairro Águas Brancas, município de Três Coroas / RS. Contato por email brasilraftpark@brasilraft.com.br ou pelo fone +55 51 3546 1066.</p> <p>CONTRATANTE: Informações Pessoais do CLIENTE (preenchimento legível obrigatório) (Personal informations required / Informaciones personales requeridas)</p> <p>Nome Completo: _____ Full name / Nombre completo</p> <p>CPF: _____ Data Nascimento: ____/____/____ Passport / Cédula de Identidad Birth date / fecha de nacimiento</p> <p>Cidade: _____ País: _____ Telefone: _____ City / Ciudad Country Phone / Teléfono</p> <p>E-mail: _____ <input type="checkbox"/> Quero receber as novidades, eventos e promoções do Brasil Raft Park, por e-mail.</p> <p>Informações médicas relevantes (alergias, doenças pré-existentes, medicamentos de uso regular, fraturas anteriores, incapacidades físicas ou mentais, restrição à alimentação, etc.): _____</p>			<p>Em caso de emergência entrar em contato com: In case of emergency contact / en caso de emergencia contactar</p> <p>Nome: _____ Parentesco: _____ Fone: _____ Name / Nombre Relationship Phone / Teléfono</p> <p>Eu, abaixo assinado, declaro para os devidos fins:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que participarei do briefing (instrução prévia) a ser realizada pela equipe do Brasil Raft Park antes da atividade e que durante o treino sanarei todas as minhas dúvidas relacionadas a mesma e ao uso e operação dos equipamentos; • Que aceito de livre e espontânea vontade os riscos mencionados neste documento e explicados durante o briefing; • Ter ciência de que qualquer ato meu, contrário às informações e orientações recebidas da equipe do Brasil Raft Park podem causar danos a minha integridade física e ao meio ambiente devidamente preservado no local; • Que autorizo o Brasil Raft Park na veiculação de minhas imagens colhidas durante o evento para fins promocionais como fotos, filmes, folders, banners e outras propagandas da empresa. <p>Três Coroas/RS _____ data / date / fecha Assinatura do participante ou responsável (Signature / Firma) DE ACORDO</p> <p>Nome Legível do Responsável: _____ CPF do Responsável: _____</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="3">Produto Turístico Adquirido</th> </tr> <tr> <th>Atividade Realizada</th> <th>X</th> <th>Hora</th> <th>Adicionais</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>RAFTING</td> <td><input checked="" type="checkbox"/></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>RAFTING NOTURNO</td> <td><input type="checkbox"/></td> <td></td> <td><input type="checkbox"/> botas de neoprene</td> </tr> <tr> <td>CANOPY</td> <td><input type="checkbox"/></td> <td></td> <td><input type="checkbox"/> roupa de neoprene</td> </tr> <tr> <td>TIROLESA</td> <td><input type="checkbox"/></td> <td></td> <td><input type="checkbox"/> malleiro</td> </tr> <tr> <td>RAPEL</td> <td><input type="checkbox"/></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>ESCALADA</td> <td><input type="checkbox"/></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>QUADRICICLO</td> <td><input type="checkbox"/></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>PAINTBALL</td> <td><input type="checkbox"/></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>ARCO E FLECHA</td> <td><input type="checkbox"/></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>			Produto Turístico Adquirido			Atividade Realizada	X	Hora	Adicionais	RAFTING	<input checked="" type="checkbox"/>			RAFTING NOTURNO	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/> botas de neoprene	CANOPY	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/> roupa de neoprene	TIROLESA	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/> malleiro	RAPEL	<input type="checkbox"/>			ESCALADA	<input type="checkbox"/>			QUADRICICLO	<input type="checkbox"/>			PAINTBALL	<input type="checkbox"/>			ARCO E FLECHA	<input type="checkbox"/>		
Produto Turístico Adquirido																																																
Atividade Realizada	X	Hora	Adicionais																																													
RAFTING	<input checked="" type="checkbox"/>																																															
RAFTING NOTURNO	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/> botas de neoprene																																													
CANOPY	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/> roupa de neoprene																																													
TIROLESA	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/> malleiro																																													
RAPEL	<input type="checkbox"/>																																															
ESCALADA	<input type="checkbox"/>																																															
QUADRICICLO	<input type="checkbox"/>																																															
PAINTBALL	<input type="checkbox"/>																																															
ARCO E FLECHA	<input type="checkbox"/>																																															
Data de Criação: 07/10/2006	Este documento deverá ser atualizado conforme a necessidade	Aprovado por: Cristian	Data de Criação: 07/10/2006	Este documento deverá ser atualizado conforme a necessidade	Aprovado por: Cristian																																											

Fonte: Brasil Raft Park, [s/d].

A Brasil Raft estabeleceu e mantém procedimentos para controle de todos os documentos exigidos por esta Norma, para assegurar que:

- possam ser localizados
- sejam periodicamente analisados, revisados, quando necessário e aprovados, quanto à sua adequação, por pessoal autorizado;

- c) as versões atualizadas dos documentos pertinentes estejam disponíveis em todos os locais onde são executadas operações essenciais ao efetivo funcionamento do sistema e gestão a segurança;
- d) documentos obsoletos sejam prontamente removidos de todos os pontos de emissão e uso ou, de outra forma, garantidos contra o uso não intencional;

Documentos arquivados, retidos por motivos legais ou para preservação e conhecimento, sejam adequadamente identificados.

A Brasil Raft estabelece e mantém planos e procedimentos para identificar o potencial e atender a acidentes, incidentes e situações de emergência, bem como para prevenir e reduzir as possíveis consequências que possam estar associadas a eles.

A Brasil Raft analisa criticamente seus planos e procedimentos de preparação e atendimento a emergências, em particular após a ocorrência de incidentes, acidentes ou situações de emergência,

A organização mantém disponíveis as informações pertinentes dos clientes envolvidos em cada atividade de turismo de aventura, contendo as seguintes:

- nome completo;
- número do documento de identidade;
- pessoa para contato em caso de necessidade;
- qualquer característica limitante para a realização da atividade específica;
- tipo sanguíneo;
- restrições a eventuais atendimentos (medicamentos, procedimentos, etc.).

A empresa testa periodicamente tais procedimentos, de acordo com a necessidade.

A empresa assegura-se da disponibilidade de serviços ou recursos apropriados para atendimento a emergências aos riscos prioritários identificados no inventário nos locais de prática das atividades de turismo de aventura, inclusive em áreas remotas ou de difícil acesso.

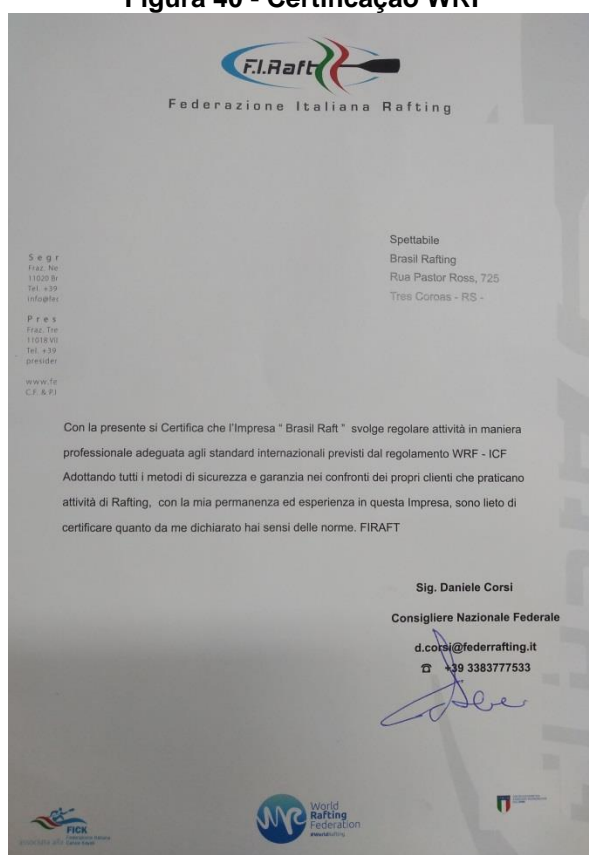
Os clientes são informados previamente dos recursos e facilidades disponíveis de atendimento a emergências nos locais de prática das atividades de turismo de aventura.

A organização assegura-se que na prática das atividades de turismo de aventura participam pessoas qualificadas com a capacitação para lidar com situações de atendimento a emergências.

Por fim a Brasil Raft tem seu Sistema de Gestão da Segurança implementado conforme a norma estabelecida em um processo contínuo de evolução e aperfeiçoamento. Tendo como objetivo principal uma atividade de *Rafting* segura e divertida.

Sendo reconhecida como uma empresa destaque nas boas práticas relacionadas a Gestão da Segurança a Brasil Raft no ano de 2019 recebeu a auditoria internacional da *World Rafting Federation WRF*, assim sendo a primeira empresa de rafting no Brasil com o reconhecimento da entidade líder mundial do segmento (Figura 40).

Figura 40 - Certificação WRF



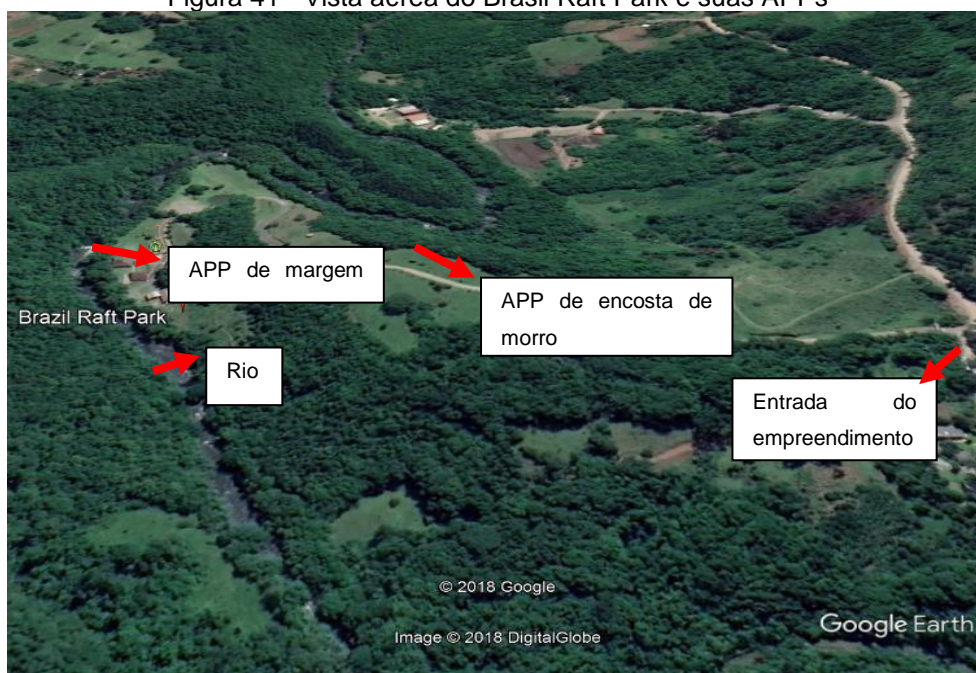
Fonte: Brasil Raft Park, [s/d].

3.3.2 Brasil Raft Park – Responsabilidade Ambiental

O Brasil Raft Park está em uma área rural, de interesse social, com atividades de baixo impacto ambiental, localizada no município de Três Coroas, RS, no endereço, Estrada Geral da Serra Grande, Linha Café Baixa, Três Coras, Lat 29° 25' 42.57" e Long 50° 46' 00.01". Apresenta um total de 9,6 hectares (Figura 41) e tem vegetação caracterizada por capões de mata nativa em estágio secundário de sucessão, inseridos em matriz de campo.

A região onde se encontra a presente área está inserida em uma formação vegetal de Floresta Estacional Semi decidual, que é parte do bioma Mata Atlântica. Apresenta uma variedade de formações que engloba um diversificado conjunto de ecossistemas florestais com estruturas e composições florísticas bastantes diferenciadas, acompanhando as características climáticas e geográficas (Oliveira-Filho & Fontes 2000). A região como um todo é considerada de floresta secundária, pois já sofreu desmatamento por consequência de práticas como agricultura e pecuária muito presentes nos tempos antigos. Devido ao abandono dos campos e lavouras por diferentes razões, encontramos hoje em dia matas em estágio de regeneração.

Figura 41 - Vista aérea do Brasil Raft Park e suas APPs



Fonte: Google Maps, (2018).

A responsabilidade ambiental é uma das demandas mais importantes para o Brasil Raft Park. A empresa entende que tem uma responsabilidade de transformar a atividade de *rafting* em um atrativo de transformação da relação da sociedade com o meio natural.

A empresa utiliza do posicionamento comercial afirmando que “Somos divertidos por natureza”, trazendo a ideia que estar ao meio da natureza é divertido naturalmente e que por consequência de ser uma experiência positiva cultiva a consciência da responsabilidade de preservar esse meio natural.

Observe que o SGS que contempla a responsabilidade com a natureza dentro de suas políticas de segurança e também a empresa entender que a cada dia que passa a sociedade está cada vez mais afastada do seu meio natural contempla nesta experiência a oportunidade de educar a sociedade os temas de educação ambiental na experiência de *rafting*.

O Brasil Raft Park atende as leis vigentes que exigem que empreendimentos turísticos como parques temáticos tenham Licença de Operação (Figura 42).

Figura 42 - Licença de operação LO



Fonte: Arquivo do Autor (2019).

O Brasil Raft Park entende que não somente por uma exigência legal, mas principalmente por perceber que a preservação e o uso responsável do espaço de

natureza que o atrativo *rafting* ocupa precisa ter um cuidado todo especial para garantir a existência destes ambientes sem prejuízo a natureza.

A empresa também desenvolveu um projeto chamado “Ensinando para a Vida”, aplicando metodologias de ensino ambiental antes, durante e depois da experiência da atividade *rafting*.

Enquanto o cliente estiver na infraestrutura do parque poderá utilizar de uma trilha de educação ambiental auto guiada com identificações da fauna e flora da mata atlântica e também participar de um Jardim Sensorial (Figura 40) uma experiência instigando os mesmos a testarem seus sentidos e descobrirão que a leitura do mundo se faz não só através da visão, mas também com o tato, olfato, audição e gustação, desenvolvendo assim os 5 sentidos do corpo. Com os olhos vendados e pés descalços os aventureiros passarão pelo Labirinto das Sensações, percebendo que o tato pode ser sentido por todo o seu corpo e não só pelas mãos. Logo depois, passarão pela prova do olfato, onde terão contato com ervas aromáticas, frutos e flores. A visão e a audição também são exploradas através de figuras tridimensionais e dos sons e barulhos de diferentes materiais. A gustação é testada com a prova de frutas e alimentos de diferentes sabores da região da Mata Atlântica.

Figura 43 - Jardim dos Sentidos



Fonte: Brasil Raft Park (2019).

Durante a operação do *rafting* será explicado as boas práticas ambientais para que cause o mínimo impacto na execução da atividade, assim como explicações da biodiversidade da Mata Atlântica e principalmente para que a partir desta experiência possam os aventureiros também compartilharem da ideia que

fazer turismo de aventura ao meio da natureza é muito divertido por esse motivo devemos todos preservá-la.

No restaurante do parque os copos disponibilizados para uso são as próprias garrafas de cervejas que foram consumidas pelos clientes separadas cortadas e adequadas para o uso como copos (Figura 44). Essa ação é uma das ações de reutilização de materiais para um uso consciente e responsável dos recursos utilizando também como uma educação de conduta ambiental reduzindo bastante a utilização de copos plásticos descartáveis.

Figura 44 - Copos reutilizáveis garrafas de cerveja



Fonte: Brasil Raft par, [s/d].

Assim como todas as latinhas de refrigerantes são separadas e repassadas para uma empresa de reciclagem e o resultado econômico é revertido as entidades educacionais do município.

O Brasil Raft Park a partir de 2018 disponibilizou a rede de ensino municipal (Figura 45) o programa de educação ambiental, Educando para a Vida, como uma contrapartida social de forma gratuita. Para que a comunidade na qual o empreendimento turístico está inserido tenha também a oportunidade de ter contato com essas boas práticas ambientais e utiliza-las de forma a educar o uso responsável do recurso de natureza em que ela mesmo vive.

Figura 45 - Alunos da rede de ensino municipal



Fonte: Brasil Raft Park, [s/d].

O Jornal Americano Eco Américas especializado em temas relacionado a responsabilidade ambiental de todo continente americano em matéria da edição de fevereiro de 2017 com o título “*Green-friendly tourism now seen as a growing force*” menciona o Brasil Raft Park como uma referência na prática responsável relacionado ao tema sustentabilidade. O mesmo descreve a importância do segmento de Turismo de Aventura na geração de empregos locais e inclusão da sociedade a experiências de natureza que educam e transformam a relação das pessoas com a meio ambiente utilizando da prática do *rafting* como um elo de ligação.

Quanto as práticas de manejo dos resíduos gerados pelos visitantes do parque, os mesmos são retirados dos coletores, inspecionados visualmente para ver se há mistura. Quando isso acontece o responsável faz a separação dos mesmos. Os sacos são acondicionados em um reboque que é puxado por um quadrículo e são levados para os contêineres que ficam as margens da estrada. O caminhão da coleta pública passa as terças feiras, e o motorista tem cópia das chaves dos contêineres.

No restaurante quando são preparados os alimentos os resíduos são separados em coletores específicos. Os recicláveis e rejeitos são levados para a coleta pública. Os orgânicos são depositados na composteira junto com os galhos das podas, folhas que são varridas e corte da grama.

O Brasil Raft Park atende a todas as exigências legais em relação as boas práticas ambientais e busca a partir de suas ações de educação ambiental e metodologia de atendimento fazer com que todos que busquem o atrativo *rafting* como uma opção de turismo tenham a oportunidade de aprendizagem e diversão ao meio da natureza.

4 METODOLOGIA E PESQUISA DE CAMPO

4.1 METODOLOGIA

Conforme Arruda Filho e Faria Filho (2013, p. 7), uma pesquisa científica é uma etapa de construção do conhecimento e a necessidade de se projetar “sua execução é o que leva à tomada de decisão prévia do pesquisador na definição de alguns cuidados e procedimentos”.

A pesquisa, quantos aos objetivos apresenta características exploratória e descritiva. Arruda Filho e Faria Filho (2013, p. 63) trazem que a pesquisa exploratória proporciona um maior entendimento com o problema de estudo e na construção da hipótese. Os mesmos autores apontam que a pesquisa descritiva visa apresentar “as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Prodanov e Freitas (2013, p. 51-52) trazem que a pesquisa exploratória tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto a ser investigado. Segundo os autores o estudo exploratório visa “facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto”. Os mesmos autores trazem também o conceito para pesquisa descritiva, como aquela no qual o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Arruda Filho e Faria Filho (2013, p. 63) acrescentam que a pesquisa descritiva utiliza técnicas padronizadas para coletas de dados por meio de questionário, formulários e observação sistemática e complementam “é comum se buscar responder às perguntas quem, o que, onde quando, quanto?”.

Quanto a abordagem metodológica caracteriza-se como qualitativa onde Arruda Filho e Faria Filho (2013, p. 64) explicam que é “um estudo que parte de uma visão em que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o pesquisador, entre o mundo objetivo e a subjetividade de quem observa, que não pode ser traduzida em número”.

Dencker (2002) descreve três características da abordagem qualitativa na qual o projeto deve indicar em seu contexto: o que se pretende investigar, como se planejou conduzir a investigação de modo a atingir seus objetivos e o porquê deste assunto ser relevante.

Os procedimentos técnicos que foram utilizados são a pesquisa bibliográfica, documental e estudo de campo utilizando dados do conhecimento e vivência do autor na construção do capítulo sobre o empreendimento objeto de estudo Brasil Raft Park. A pesquisa bibliográfica é elaborada “a partir de material já publicado, sendo constituído de livros, artigos de periódicos e nos dias de hoje com material coletado na internet” (ARRUDA FILHO, FARIA FILHO, 2013, p 64).

Prodanov e Freitas (2013, p. 54) também complementam quanto aos dados coletados na internet, chamando atenção à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. “Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar”.

A pesquisa documental conforme Arruda Filho e Faria Filho (2013, p. 65) é elaborada a partir de material que não recebeu tratamento analítico. “A fonte de dados e de informações são os documentos; é por intermédio deles que se responderão as questões de pesquisa”.

Prodanov e Freitas (2013, p. 55-56) colocam que a “utilização da pesquisa documental é destacada no momento em que podemos organizar informações que se encontram dispersas, conferindo-lhe uma nova importância como fonte de consulta”. Por fim, salienta que “o grupo pesquisado deve ter conhecimento da pesquisa e de seus objetivos”. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 67), a pesquisa participante “se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”.

O estudo de campo é um procedimento utilizado com o objetivo de “conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. De acordo com Arruda Filho e Faria Filho (2013, p.67), pesquisa de campo é um tipo de pesquisa em que o pesquisador “acaba saindo de seu ambiente e indo a 'campo' onde a coleta de dados e as observações são realizadas no ambiente em que o objeto está situado e no local de manifestação do fenômeno pesquisado, in natura”.

Sendo assim, o estudo de campo dessa pesquisa consistiu na aplicação de um questionário com perguntas simples e respostas fechadas e abertas junto a um grupo de 90 consumidores de atrativos de turismo de aventura que frequentam o empreendimento turístico Brasil Raft Park. Os mesmos deverão ter participado de

algum dos atrativos de ecoturismo e turismo de aventura que o parque comercializa. O questionário foi aplicado numa amostra não probabilística intencional e se deu por adesão logo após a finalização da experiência no *checkout* da operação turística, com o objetivo de investigar sob a ótica do consumidor, se no processo de compra do serviço o atributo que mais influenciou a decisão de compra decorre da gestão de segurança e a gestão ambiental identificadas quanto primordiais no momento em que optaram em comprar a experiência de turismo de aventura no Brasil Raft Park.

Em relação à amostra, a mesma caracterizou-se como não probabilística intencional, pois de acordo com Arruda Filho e Faria Filho (2013, p. 86) são procedimentos não aleatórios e intencionais, sendo assim, selecionados intencionalmente para comporem a amostra da população que se quer pesquisar visando atender aos critérios da pesquisa e do pesquisados. Nesse caso, da pesquisa de campo em questão.

Vale salientar que foram selecionados apenas os visitantes do Parque que praticaram alguma modalidade de atividade de aventura. O questionário foi aplicado entre os dias 30 de março de 2019 e os dias 10 de maio de 2019, de forma direta aos praticantes do turismo de aventura na Brasil Raft Park.

4.2 PESQUISA DE CAMPO – QUESTIONÁRIOS

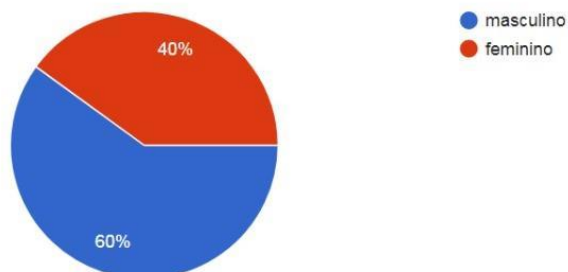
Os dados levantados na pesquisa de campo são resultado do questionário aplicado (APÊNDICE A) por meio da ferramenta *google forms*, as 90 pessoas que realizaram a pesquisa e participaram da atividade de *rafting* no Brasil Raft Park entre as datas de 01 de abril e 10 de maio de 2019 e são apresentadas de forma estruturada em duas etapas: na primeira etapa encontra-se o perfil do pesquisado e na segunda etapa, encontra-se as questões específicas relacionadas com as motivações de compra dando ênfase a gestão de segurança e gestão ambiental como fator de decisão de escolha por fazer a atividade com o Brasil Raft Park.

4.2.1 Perfil do pesquisado

O perfil dos pesquisados buscou levantar dados sobre o gênero, estado civil, idade, nível de escolaridade, cidade de residência e atividade profissional.

1. Gênero

Gráfico 1 - Pesquisados por gênero

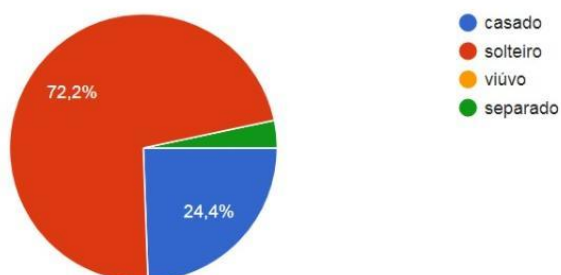


Fonte: Pesquisa própria.
*Base: 90 questionários.

Segundo o Gráfico 1, observa-se que 60% do público pesquisado é do sexo masculino e 40% do sexo feminino.

2. Estado civil

Gráfico 2 - Pesquisados por estado civil:

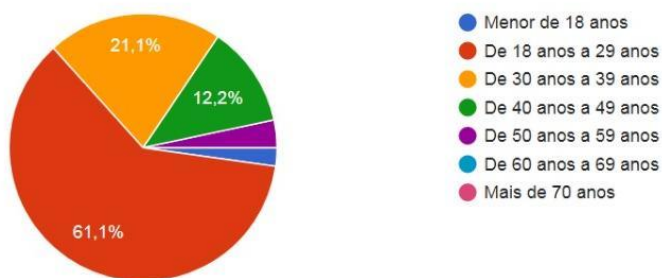


Fonte: Pesquisa própria.
*Base: 90 questionários.

Observa-se no Gráfico 2 que a maioria pesquisada quanto ao estado civil é de solteiros com 72,2%, seguido dos casados com 24,4% e por último com menor público está os separados com 3,3%.

3. Faixa etária

Gráfico 3 - Pesquisados por faixa etária



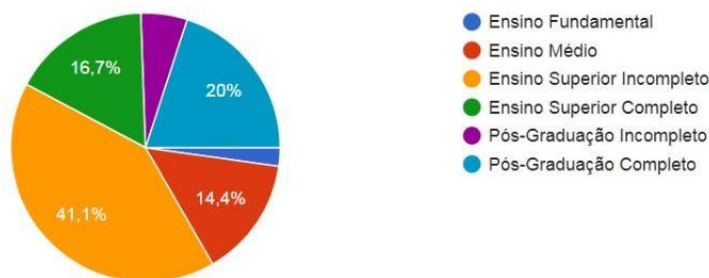
Fonte: Pesquisa própria.

*Base: 90 questionários.

De acordo com o Gráfico 3, a faixa etária predominante estão entre 18 a 29 anos de idade correspondendo a 61,1%, em seguida está os de faixa etária entre 30 a 39 anos com 21,1%, em seguida os de 40 a 49 anos com 12,2% , na sequência os de faixa etária de 50 a 59 anos com 3% e por último com 2% os menores de 18 anos.

4. Grau de instrução

Gráfico 4 - Pesquisados por nível de escolaridade



Fonte: Pesquisa própria.

*Base: 90 questionários.

O Gráfico 4, demonstra o nível de escolaridade por parte dos participantes da atividade *rafting* e totalizou 41,1% com ensino superior incompleto, 20% com ensino fundamental, 16,7% com ensino superior completo, 14,4% com ensino médio, 5% com pós-graduação incompleto e 2% pós-graduação completo.

4.2.2 Questões específicas

5. Enquanto estava participando do passeio de *rafting* foi lhe explicado as boas práticas e procedimentos de segurança para a prática segura do atrativo?

Gráfico 5 - Pesquisa para entendimento da qualidade da informação quanto as boas práticas e procedimentos de segurança no rafting

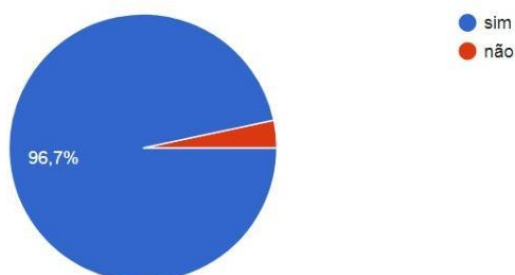


Fonte: Pesquisa própria.
*Base: 90 questionários.

Segundo o Gráfico 5, 100% dos participantes da atividade *rafting* que participaram da pesquisa afirmam que lhe foram transmitidas as boas práticas e procedimentos de segurança para a atividade do *rafting*.

6. Foi lhe solicitado o preenchimento de forma documental um termo de ciência de riscos envolvidos na atividade do rafting?

Gráfico 6 - Pesquisa para saber se houve solicitação do preenchimento do termo de ciência de riscos envolvidos na atividade



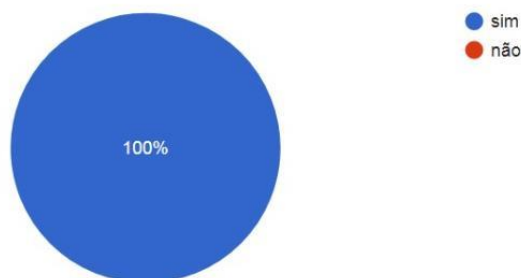
Fonte: Pesquisa própria.
*Base: 90 questionários.

O resultado do gráfico 6, demonstra que 96,7% dos participantes da pesquisa afirmam que lhe foi solicitado o preenchimento de um termo de reconhecimento de

riscos envolvidos na prática da atividade de *rafting* e que 3,3% afirmam que não lhe foi solicitado o preenchimento do termo de reconhecimento de riscos.

7. Você recebeu instruções de uso dos equipamentos de segurança individuais obrigatórios como os capacetes e coletes?

Gráfico 7 - Pesquisa para identificar qualidade na informação para o uso de equipamentos de segurança obrigatórios

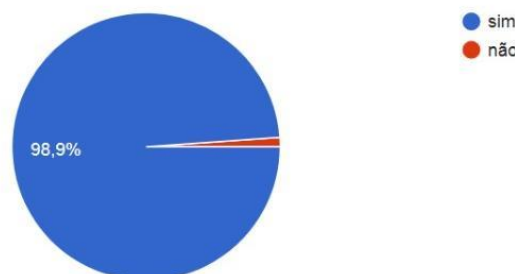


Fonte: Pesquisa própria.
*Base: 90 questionários.

Do total de 90 questionários, observa-se no Gráfico 7, que 100% dos respondentes da pesquisa afirmam que receberam as instruções de uso dos equipamentos de segurança individuais e obrigatórios para a prática do *rafting* conforme a norma de segurança da atividade.

8. A qualidade dos equipamentos fornecidos e as informações de segurança foram adequadas para manter a segurança de seu passeio?

Gráfico 8 - Pesquisa para medir a qualidade dos equipamentos e informações de segurança



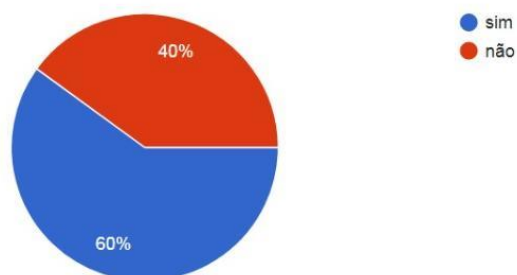
Fonte: Pesquisa própria.
*Base: 90 questionários.

Segundo o Gráfico 8, 98,9% afirmam que qualidade dos equipamentos fornecidos e informações foram adequadas para manter o atrativo *rafting* com

segurança e somente 1,1% discorda afirmando que não estão adequados e as informações não foram adequadas.

9. Você sabia da obrigatoriedade da operadora de rafting em ter um sistema de gestão de segurança implementado na operação turística?

Gráfico 9 - Pesquisa quanto a conhecimento da obrigatoriedade de implementação de Sistema de Gestão de Segurança no rafting

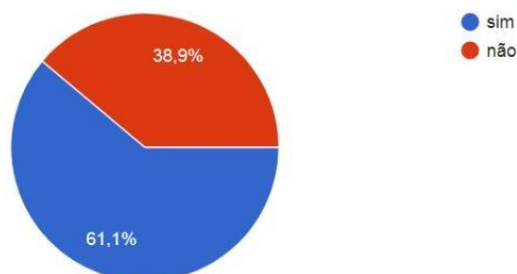


Fonte: Pesquisa própria.
*Base: 90 questionários.

Observando o Gráfico 9, 60% dos participantes da pesquisa sabiam da obrigatoriedade de implementação de um Sistema de Segurança na atividade de *rafting* e 40% não sabiam desta obrigatoriedade.

10. O fato do Brasil Raft Park ter seu atrativo rafting com sistema de gestão de segurança implementado no atendimento foi um fator de decisão de compra com essa empresa?

Gráfico 10 - Pesquisa para avaliar decisão de compra por parte do cliente relacionado a sistema de gestão de segurança



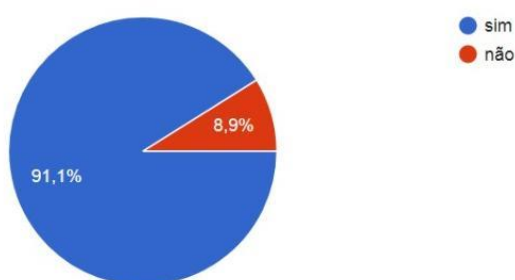
Fonte: Pesquisa própria.
*Base: 90 questionários.

Segundo o Gráfico 10, 61,1% dos pesquisados entende que o Brasil Raft Park em seu atrativo rafting ter o sistema de gestão de segurança implementado foi um

fator de escolha em fazer o passeio com essa empresa, já 38,0% afirma que não foi o sistema de gestão da segurança o fator de decisão em fazer o atrativo com o Brasil Raft Park.

11. Enquanto estava participando do passeio de rafting foi lhe explicado as boas práticas ambientais e conduta de responsabilidade ambiental por parte do aventureiro?

Gráfico 11 - Pesquisa para avaliar se houve a explicação das boas práticas ambientais por parte do aventureiro

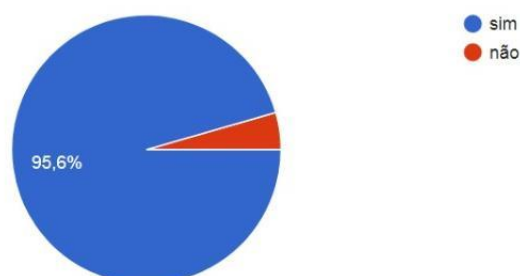


Fonte: Pesquisa própria.
*Base: 90 questionários.

O Gráfico 11 demonstra que, 91,1% dos pesquisados afirmam que receberam explicações das boas práticas ambientais e de responsabilidade ambiental por parte da equipe de atendimento do atrativo e 8,9% afirmam que não receberam.

12. Você percebeu que o atrativo rafting e o Brasil Raft Park tem responsabilidade ambiental durante a sua experiência no passeio?

Gráfico 12 - Pesquisa para avaliar responsabilidade ambiental do Brasil Raft Park na execução da atividade rafting

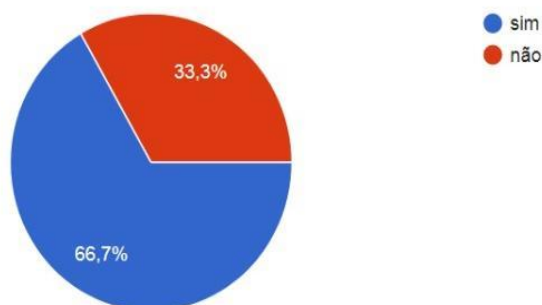


Fonte: Pesquisa própria.
*Base: 90 questionários.

Segundo o Gráfico 12, 95,6% dos clientes que participaram da pesquisa perceberam que o Brasil Raft Park tem responsabilidade ambiental durante a prática da atividade rafting e que 4,4% não identificaram essa postura por parte da empresa.

13. O fato do Brasil Raft Park ter suas operações com licença de operação ambiental vigente e ter práticas com projetos de educação ambiental foi um fator de escolha em fazer o passeio com essa empresa?

Gráfico 13 - Pesquisa para avaliar se a responsabilidade ambiental e por o parque ter licença de operação foi um fato de decisão em fazer o passeio com essa empresa



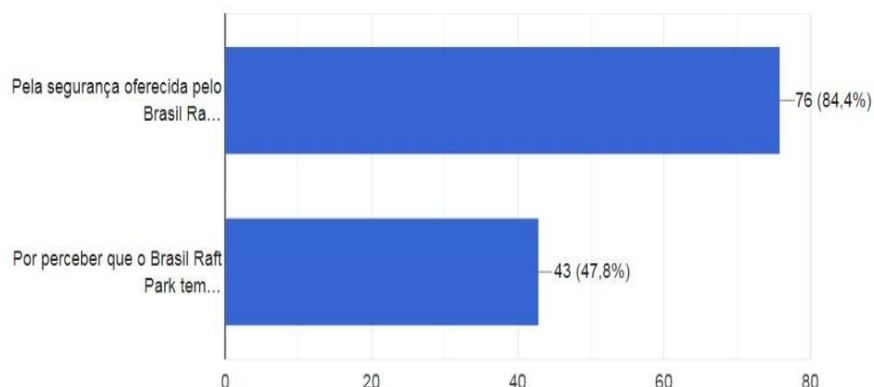
Fonte: Pesquisa própria.
*Base: 90 questionários.

Conforme o Gráfico 13, 66,7% afirmam que o Brasil Raft Park ter suas operações com a licença de operação vigente e programas de educação ambiental influenciaram na escolha desta empresa para prática do *rafting*, mas 33,3% responderam que não.

14. A sua decisão de compra foi motivada:

- a) Pela segurança oferecida pelo Brasil Raft Park
- b) Por perceber que o Brasil Raft Park tem responsabilidade ambiental

Gráfico 14 - Pesquisa motivação de compra Gestão da Segurança ou Responsabilidade Ambiental



Fonte: Pesquisa própria.

*Base: 90 questionários.

O Gráfico 14 demonstra que, a maioria com pesquisados entende que entre a gestão da segurança e a gestão ambiental o que mais influenciou a compra do atrativo *rafting* foi perceber que o atrativo conta com uma preocupação com a segurança dos praticantes.

5 INTERPRETAÇÃO E CRUZAMENTOS DE DADOS

Nesta etapa serão apresentados os cruzamentos e as relações entre o referencial teórico e o estudo de campo. O questionário foi aplicado a 90 participantes desta pesquisa, todos consumidores do atrativo *rafting*, na Brasil Raft Park. O questionário teve o objetivo de analisar as motivações de compra dos consumidores do raft, medindo a influência da decisão de compra em relação aos temas Sistema de Gestão da Segurança e Gestão Ambiental. Na visão do autor os clientes da atividade *rafting* em geral percebem a influência de ambos os temas e os valorizam, porém somente após a experiência vivenciada e não no momento de compra da atividade que essa construção de ideia fica mais evidente ao cliente.

Quanto ao gênero de consumidores do atrativo *rafting* conforme questionário aplicado a 90 pessoas constatou-se que 60% são homens e 40% mulheres. Já em relação a sua faixa etária a pesquisa apresentou os seguintes resultados sendo 61,1% entre 18 a 29 anos, 21,1% entre 30 e 39 anos, 12,2% entre 40 a 49 anos, 3% entre 50 a 59 anos e por fim 2% menores de 18 anos. E quanto ao grau de instrução os números apresentados foram 41,1% com superior incompleto, 20% com ensino fundamental, 16,7% com ensino superior completo, 14,4% com ensino médio, 5% com pós-graduação incompleto e 2% com pós-graduação completo.

Observando a maioria das respostas dos participantes da pesquisa apresenta uma faixa etária entre 18 a 29 anos. Podemos afirmar que está corroborando com o grau de instrução de maior relevância na pesquisa, pois estão na faixa etária em que na sua grande maioria estão cursando o curso superior e não o finalizaram.

Quando questionados se houve a explicação durante a participação do passeio de *rafting* quanto as boas práticas e procedimentos de segurança para a prática segura do atrativo todos (100%) responderam que sim, houve uma eficiente informação relacionada a esse tema. Conforme a ABETA, para a garantia de um SGS que atenda as demandas de segurança no atrativo é necessário entender os riscos envolvidas na prática da atividade e trata-los. Esse tratamento do risco com procedimentos o minimizam e no Brasil Raft Park esses tratamentos são compartilhados no momento do *Briefing* da atividade com os participantes durante a explicação ajudando na construção de uma experiência segura, assim como comprovadamente na pesquisa aplicada onde todos responderam que tiveram as

explicações relacionadas a procedimentos de segurança, confirmando os número de baixos incidentes na prática do *rafting* no Brasil Raft Park.

A maioria com 96,7% afirmou que foi lhe solicitado o preenchimento de forma documental um termo de ciência de riscos envolvidos na atividade do *rafting*, lembrando que para a prática da atividade fica obrigatório o preenchimento por parte de todos os participantes conforme Sistema de Gestão da Segurança implementado na atividade. Segundo a norma ABNT NBR ISO 21101.2014 é obrigatório a informação documental antes do passeio dos riscos envolvidos na atividade de aventura, neste caso o Brasil Raft Park condiciona o preenchimento dente documento no *Check In* do passeio do rafting sendo assim nenhum participante da atividade estará participando da mesma sem ter o real conhecimento dos riscos envolvidos.

Todos (100%) responderam que receberam as instruções de uso dos equipamentos de segurança individuais obrigatórios como os capacetes e coletes. Conforme ABETA nos manuais de boas práticas da atividade *rafting* as instruções de uso de equipamentos de segurança como o capacete e o colete é de uso obrigatório para a prática da atividade e no Brasil Raft Park todos os participantes no momento da equipagem recebem os equipamentos e os guias auxiliam na colocação.

Em relação qualidade dos equipamentos fornecidos e as informações de segurança para manter a segurança de seu passeio 98,9% dos pesquisados confirmaram como adequadas. Segundo a norma ABNT NBR ISO 21101.2014 a qualidade e apresentação dos equipamentos são fundamentais para que se consiga manter a segurança e um padrão de atendimento que gere confiança entre consumidores e a empresa e no Brasil Raft Park a manutenção e a renovação de equipamentos para a prática da atividade sempre foram prioridades na empresa.

Quanto a obrigatoriedade da operadora de *rafting* em ter um sistema de gestão de segurança implementado na operação turística, 60% dos que participaram da pesquisa responderam que sabiam desta necessidade legal e 40% desconheciam essa obrigatoriedade. Segundo o Mtur, a partir da nova Lei Geral do Turismo no Brasil fica obrigatório a implementação do SGS e o Brasil Raft Park já antes da obrigatoriedade da implementação já estava com o SGS implementado por entender que a segurança é a principal demanda a ser tratada dentro de uma operação turismo com a atividade de *rafting*.

Na questão 10, quando questionados do fato do Brasil Raft Park ter seu atrativo *rafting* com sistema de gestão de segurança implementado no atendimento, se esse foi o fator de decisão de compra com essa empresa 61,1% responderam que sim e 38,9% responderam que não. A ABETA sempre afirmou que a segurança só poderá ser garantida com um sistema de gestão da segurança implementado na atividade e acredita que é um fator de decisão, pois por se tratar de uma atividade de aventura o risco só será minimizado com um excelente planejamento da operação e padronização dos processos em uma contínua evolução. O Brasil Raft Park conforme sua política interna sempre colocou a segurança em primeiro lugar nas suas operações turísticas, pois respeita os seus clientes e se responsabiliza pela integridade dos mesmos e também acredita ser a segurança um fator importante de escolha por parte do cliente em fazer o atrativo com a empresa.

Quando questionados se enquanto estavam participando do passeio de rafting havia lhe sido explicado as boas práticas ambientais e conduta de responsabilidade ambiental por parte do aventureiro, 91,1% responderam que sim e 8,9% responderam que não. Segundo a Mtur a partir do decreto que altera a Lei Geral do Turismo no Brasil fica estabelecido em lei que é de responsabilidade da empresa de Turismo de Aventura respeitar as leis relacionadas a gestão ambiental e aplicar as boas práticas da responsabilidade com o meio ambiente. Sendo assim o Brasil Raft Park como empreendimento conta com a sua Licença de Operação (LO) vigente respeitando as boas práticas de uso do meio natural como um atrativo turístico. A maioria com 95,6% dos respondentes da pesquisa afirmou que perceberam que o atrativo *rafting* e o Brasil Raft Park tem responsabilidade ambiental durante a sua experiência no passeio, restando somente 4,4% que não identificaram essa postura por parte da empresa. Conforme a ABETA toda a empresa que estiver com o seu SGS implementado na atividade terá uma percepção por parte dos clientes da responsabilidade ambiental na prática de sua atividade, pois as boas práticas ambientais e cumprimento das leis relacionadas a responsabilidade ambiental fazem parte das políticas de implementação de um Sistema de Gestão da Segurança na qual o Brasil Raft Park o tem implementado na atividade de *rafting*.

Quando questionados do fato do Brasil Raft Park ter suas operações com licença de operação ambiental vigente e ter práticas com projetos de educação ambiental se esse foi o fator de escolha em fazer o passeio com essa empresa,

66,7% responderam que sim e 33,3% responderam que não. Esse resultado vem ao encontro com pesquisa da ABETA quanto ao perfil do consumidor de Turismo de Aventura onde ela afirma que mais da metade dos consumidores colocam a responsabilidade ambiental por parte da empresa como um fator importante na escolha no momento da compra e o Brasil Raft Park adora essas boas práticas em suas operações de *rafting*. E por fim quando questionados quanto ao fator de maior relevância quanto ao fator decisão de compra entre segurança na prática da atividade ou responsabilidade ambiental a maioria dos entrevistados (84,4%) responderam que a segurança com a implementação de Sistema de Gestão de Segurança foi fator de maior importância. Por parte do Mtur a colocação da segurança na prática da atividade turística de aventura como fator de maior relevância já vem sendo apontada deste que o segmento começou a ter seu reconhecimento dentro da cadeia turística, e ficou mais evidente depois que a ABETA junto com o Mtur viabilizaram o Programa Aventura Segura em todo território brasileiro, já entendendo que a segurança é o fator mais importante. O Brasil Raft Park vem deste o início de sua história como empresa trabalhando a demanda da segurança na prática da atividade *rafting* entendendo que a integridade física e psicológica de seus clientes enquanto estão consumindo essa experiência passa a ser o fator de maior importância e a pesquisa somente comprovou o que a empresa e seus responsáveis já acreditavam a muitos anos, a aventura tem que ser sempre divertida, inclusiva e segura.

Os resultados na aplicação desta pesquisa possibilitaram o alcance da hipótese deste estudo, onde se acredita que o fator de decisão de compra está atrelado a percepção das boas práticas relacionadas a segurança na atividade que é com consequência da implementação do Sistema de Gestão da Segurança.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo foi possível compreender os conceitos de turismo de aventura, as relações com o *rafting*, bem como conhecer mais sobre o sistema de segurança e de gestão ambiental para a prática do *rafting*.

No contexto do Turismo de Aventura a implementação de um Sistema de Gestão da Segurança (SGS) sistematiza os processos que tornam as atividades de aventura seguras, incorporando a segurança na cultura e nos objetivos organizacionais das empresas e gerando confiança entre os clientes e a empresa, entre a empresa e seus colaboradores, parceiros e fornecedores.

Foi possível observar que a disseminação de práticas socioambientais responsáveis passa a ser um dos mais importantes pilares das empresas de *rafting*, pois a prática ocorre no ambiente natural e a empresa assume a responsabilidade de proporcionar experiências divertidas, seguras e educativas.

Três Coroas é considerada pela Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) como um dos mais importantes destinos do setor no Brasil. Assim colocando o Rio Paranhana em um cenário de reconhecimento para o trade turístico nacional e conseqüentemente um destino de desejo de compra por parte do público final, que cada vez mais percebe a relevância das responsabilidades ambientais e se segurança com a operação turística como um fator de decisão de compra de atrativos de aventura como o *rafting*.

Vale destacar que o Brasil Raft Park possui SGS implementado em suas operações e licenciamento ambiental de operação assim fazendo com que o atrativo e experiência crie credibilidade de reconhecimento por parte dos clientes e do trade turístico.

Esse estudo se mostrou eficiente na busca de resposta para o problema de pesquisa imposto que foi: dentre os atributos de gestão da segurança e gestão ambiental quais os que mais influenciam no processo de compra do Turismo de Aventura no Brasil Raft Park?

Também se considera ter atingido o objetivo geral que foi investigar a influência dos atributos de Gestão da Segurança e de Gestão Ambiental no processo de compra do Turismo de Aventura, no Brasil Raft Park, em Três Coroas/RS. Bem como os objetivos específicos impostos nesta pesquisa: contextualizar o Turismo de Aventura; caracterizar o turismo de Três Coroas com

ênfase no Turismo de Aventura; descrever o Brasil Raft Park e os produtos do Turismo de Aventura deste empreendimento; apresentar as normas do sistema de gestão da segurança e da gestão ambiental aplicadas ao Turismo de Aventura; verificar junto aos consumidores do Turismo de Aventura do Brasil Raft Park quais atributos possuem maior influência na decisão de compra.

A metodologia adotada também se mostrou eficiente, pois contribuiu para responder o problema de pesquisa e conquistar os objetivos impostos nesta pesquisa.

A hipótese se confirmou, pois, foi construída com base na crença de que o atributo mais considerado pelos consumidores no processo de decisão de compra do Turismo de Aventura no Brasil Raft Park está baseada na gestão da segurança e na gestão ambiental.

Vale salientar que a escolha do tema desse estudo também contribuiu para o êxito da pesquisa por conta da familiaridade do autor com a temática abordada.

Também contribuiu para a conquista dos objetivos impostos a estrutura em capítulos complementares desta monografia: inicialmente a sustentação teórica para compreender termos como turismo e Turismo de Aventura, em especial o *rafting*; na sequência se apresentou o histórico do *rafting* no Brasil e no Rio Grande do Sul, os principais locais para a prática do *rafting*, bem como as associações de *rafting*; no momento seguinte tratou das normas de gestão da segurança e ambiental para a prática de *rafting*; depois a caracterização de Três Coroas/RS, Capital do *Rafting*, os parques e operadoras de *rafting* em Três Coroas e a Brasil Raft Park; e, por último apresentou a metodologia, pesquisa de campo e a análise dos dados coletados com os resultados deste estudo.

Logo, acredita-se que este estudo contribuiu com subsídios para as agências de turismo especializadas no Turismo de Aventura, em especial nos empreendimentos de *rafting* e demais empresas relacionadas ao setor sobre a importância das questões de gestão de segurança e ambientais, além da adoção de normas e procedimentos como fatores de diferenciação na comercialização no segmento, podendo assim, direcionar as empresas a adotarem ações comunicacionais e comerciais mais convincentes aos olhos dos consumidores.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISO 14001**: Sistemas de gestão ambiental – especificação e diretrizes para uso. Rio de Janeiro, 1997.

_____. **NBR 15285**: Turismo de aventura – Condutores – Competências de pessoal. Rio de Janeiro, out. 2005.

_____. **NBR 15370**: Turismo de aventura – Condutores de *rafting* – Competências de pessoal. Rio de Janeiro, abr. 2006.

_____. **ISO ABNT NBR 21101**: Turismo de Aventura. Sistema de gestão de segurança. Requisitos. Rio de Janeiro, 2014.

ALMEIDA, Deyse Oliveira de. **Turismo de Aventura**: enclaves, benesses e oportunidade para a praia de Pipa, Tibau do Sul/RN, sob o olhar do secretário de turismo do município. 2013. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Curso de Turismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

ANSARAH, Marília. G. R. **Turismo**: como ensinar, como aprender. São Paulo: SENAC, 2001.

ARRUDA FILHO, Milton, FARIA FILHO, Emilio José Montero. **Planejamento da pesquisa científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA. ABETA **Site oficial**. Turismo. Serra Gaúcha. c2016. Disponível em: <<http://abeta.tur.br/pt/turismo-serras-gauchas/>>. Acesso em: 03 set. 2018.

ASSOCIAÇÃO TRESOROENSE DE CANOAGEM. ASTECA. **Página inicial**, 2016. Disponível em: <<https://posuta.com/pt/tres-coroas/organizacao/asteca-associacao-tresoroense-decanoagem/>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

BAZOTTI, Leandro. Cronologia do Turismo de Aventura no Rio Grande do Sul. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 7., 2012, Caxias do Sul, RS. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2012. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/06/04_23_54_Bazotti.pdf>. Acesso em: 2 maio 2019.

BORNHOLDT, Werner. **Orquestrando empresas vencedoras**: guia prático da administração de estratégias e mudanças. 1. ed. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

BRASIL. Ministério do Turismo; ABETA. **Diagnóstico do turismo de aventura no Brasil**. [s.l.]: SEBRAE, 2009a.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Programa Nacional de Capacitação de gestores ambientais**: licenciamento ambiental. Brasília DF: MMA, 2009.

_____. Decreto nº 7.381, de 2 de dezembro de 2010. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 3 dez. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7381.htm>. Acesso em: 6 maio 2019.

_____. Ministério do Turismo. **Estudo da Demanda turística Internacional: fichas sínteses 2013-2017**. Brasília DF, 2018.

BRASIL RAFT PARK. Site oficial. [s/d]. Disponível em: <http://brasilraft.com.br/rafting_brasil_raft.html>. Acesso em: 3 set. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CANOAGEM. CBCA. Site oficial. [s/d]. Disponível em: <<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/129>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 2002.

GRAY, Willian **Guia viagens de aventura**. São Paulo: Publifolha, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Conheça cidades e estados do Brasil. c 2017. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.phplang=&codmun=432170&idtema=5&search=rio-grande-do-sul|tres-coroas|servicos-de-saude-2009>>. Acesso: 10 maio 2019.

INTERNATIONAL RAFTING FEDERATION. IRF. Site oficial. c 2019. Disponível em: <<https://www.internationalrafting.com/about/history/>>. Acesso em: 6 maio 2019.

KHADRO LING. **Templo Budista de Três Coroas, RS**. c 2019. Disponível em: <<http://kl.chagdud.org/>>. Acesso em: 10 maio 2019.

LEVENSON, R.H. Human emotion: a functional view. In: EKMAN, P.; DAVIDSON, R. J. (eds.). **The nature of emotions: fundamental questions**. New York: Oxford University Press, 1994.

MACHADO, Alvaro. **Ecoturismo: um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro, RJ: SENAC Nacional, 2005.

MAIS do que aventura, emoção: Três Coroas, no Vale do Paranhama, oferece esportes ao ar livre no verão. **Jornal Zero Hora**, Guia de Férias na Serra Gaúcha, Porto Alegre, 14 dez. 2018. p. 8.

MITYC. Secretaria General de Turismo. Subdirección General de Calida e Innovación Turística. **Estudio sobre el turismo de naturaliza em España y su plan de Impulso**. Madrid, 2004. Disponível em: <<http://www.aneta.es/index.php/turismo-activo/que-es-el-turismo-activo>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

NEDER, Livia. Três Rios se prepara para a alta temporada de rafting. **O Globo**, Rio de Janeiro, dez. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/tres-rios-se-prepara-para-alta-temporada-de-rafting-23319169>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

PE NA TRILHA. Site oficial da Pé na trilha. [s/d]. Disponível em: <<https://www.penatrilha.com.br/blog/conheca-os-principais-destinos-para-praticar-rafting-no-brasil/>>. Acesso em: 1 maio 2019.

PIRENÓPOLIS. O portal do turismo de Pirenópolis. **Página inicial**. c2019. Disponível em: <<https://pirenopolis.tur.br/multimedia/imagens/Esportes/Rafting>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: Senac, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS COROAS. **Site oficial**. c 2019. Disponível em: <<http://www.trescoroas.rs.gov.br/>>. Acesso em: maio 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia de trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. Disponível em: <https://feevale.blackboard.com/bbcswebdav/pid-632436-dt-content-rid-1960825_1/courses/201602_4802_255496_4897A/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

RAFTING Aventura no Rio Itajai-Açu (Ibirama e Apiuna). **Ativa Aventuras**. c2019. Disponível em: <<https://ativa.ativaaventura.com.br/atividades/rafting-aventura-no-rio-itajai-acu-ibirama-e-apiuna/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

RAFTING é destaque em roteiros na Serra gaúcha durante o verão. **Jornal do Comercio**, Caderno Economia, Porto Alegre, 9 nov. 2015. p. 14.

RAFTING em Paraty e região? Ativa Aventuras!! **Paraty Náutica**, c2019. Disponível em: <<http://www.paratynautica.com/nautica/barcos-yachts/aluguel-venda-barcos/rafting-em-paraty-ativa-aventuras/>>. Acesso em: 14 maio 2019.

RAFTING em Taboquinhas. **Itacaré.com**, c2019. Disponível em: <<https://www.itacare.com.br/itacare/ecotrip/passeio/1298/>>. Acesso em: 14 maio 2019.

RAFTING no Rio Formoso. **Achei Viagem**, c2012. Disponível em: <<http://www.acheiviagem.com.br/rafting-no-rio-formoso-em-bonito/114/atracao.html>>. Acesso em: 10 maio 2019.

RIO JAGUARI (RAFTING). **Extrematur**, c2016. Disponível em: <<https://www.extrematur.com.br/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

RODRIGUES, A. **Psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Boletim – Panorama do Turismo de Aventura no Brasil**. Boletim de inteligência, 2015.

Disponível em: <<http://www.sebraemercados.com.br/boletim-panorama-do-turismo-de-aventura-nobrasil/>>. Acesso em: 7 maio 2019.

TOUR Domingos Martins: Espírito Santo. **Open Brasil**. 2014. Disponível em:

<<https://domingosmartinstour.openbrasil.org/2014/05/rafting-no-rio-jacu-no-municipio-de.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

UVINHA. Ricardo Ricci. **Turismo de aventura: reflexões e tendências**. São Paulo: Aleph, 2005.

VIANA, Fernanda Cauper; NASCIMENTO, Marcos Antônio Leite do. O Turismo de natureza como atrativo turístico do município de Porto Alegre, Rio Grande do Norte. **Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas**, v. 2, n. 1, 2009.

WORLD RAFTING FEDERATION. WRF. Site oficial. [s/d]. Disponível em:

<<https://www.worldraftingfederation.com/who-we-are>>. Acesso em: 6 maio 2019.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO COM CLIENTES DO BRASIL RAFT PARK



ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO COM CLIENTES DO BRASIL RAFT PARK

Este questionário é referente a pesquisa acadêmica do curso de turismo da universidade Feevale com o objetivo de Investigar a influência dos atributos de Gestão da Segurança e de Gestão Ambiental no processo de compra do Turismo de Aventura no Brasil Raft Park em Três Coroas / RS.

Questões relacionadas ao perfil dos pesquisados.

1- Gênero: _____

2- Estado civil: _____

3- Faixa etária:

___ menor de 18 anos.

___ de 18 anos a 29 anos.

___ de 30 anos a 39 anos.

___ de 40 anos a 49 anos.

___ de 50 anos a 59 anos.

___ de 60 anos a 69 anos.

___ mais de 70 anos.

4- Grau de instrução:

___ ensino fundamental.

___ ensino médio.

___ ensino superior incompleto.

___ ensino superior completo.

___ pós-graduação incompleto.

___ pós-graduação completo.

Questões específicas relacionadas a segurança.

- 5- Enquanto estava participando do passeio de rafting foi lhe explicado as boas práticas e procedimentos de segurança para a prática segura do atrativo?
- 6- Foi lhe solicitado o preenchimento de forma documental um termo de ciência de riscos envolvidos na atividade do rafting?
- 7- Você recebeu instruções de uso dos equipamentos de segurança individuais obrigatórios como os capacetes e coletes?
- 8- A qualidade dos equipamentos fornecidos e as informações de segurança foram adequadas para manter a segurança de seu passeio?
- 9- Você sabia da obrigatoriedade da operadora de rafting em ter um sistema de gestão de segurança implementado na operação turística?
- 10- O fato do Brasil Raft Park ter seu atrativo rafting com sistema de gestão de segurança implementado no atendimento foi um fator de decisão de compra com essa empresa?

Questões específicas relacionadas a boas práticas ambientais.

- 11- Enquanto estava participando do passeio de rafting lhe foi explicado as boas práticas ambientais e conduta de responsabilidade ambiental por parte do aventureiro?
- 12- Você percebeu que o atrativo rafting e o Brasil Raft Park tem responsabilidade ambiental durante a sua experiência no passeio?
- 13- O fato do Brasil Raft Park ter suas operações com licença de operação ambiental vigente e ter praticas com projetos de educação ambiental foi um fator de escolha em fazer o passeio com essa empresa?
- 14- A sua decisão de compra foi motivada por:
 - 1- Pela segurança oferecida pelo Brasil Raft Park
 - 2- Por perceber que o Brasil Raft Park tem responsabilidade ambiental

ANEXOS

ANEXO A - JORNAL ECO AMERICAS – FEVEREIRO 2017

EcoAméricas

Centerpiece

Green-friendly tourism now seen as a growing force

Três Coroas, Rio Grande do Sul, Brazil

By shifting just 10% of its sun-and-beach tourism to active, environmentally friendly outdoor activities, Mexico could earn an additional US\$10 billion a year. It could also ensure that most of that extra cash would contribute to the welfare of local residents in the often-impoorished destinations of the rural outback such as Oaxaca.

So says Antonio del Rosal, CEO of the Mexican consulting firm Experiencias Genuinas, who is working with Mexican tourism officials to bring about just such a shift. Del Rosal says that beyond airfare, nature tourists spend an average of US\$3,050 per trip, or “roughly four times the amount of spending by sun-and-beach tourists who currently come to Mexico.” And nearly two-thirds of that nature-based money remains in the destination community, he says. “That is not the case for sun-and-beach and for cruise ships,” he notes. “Most of that is sent back out [to parent companies].

Adventure travel makes sense. It is strategic for economic development.”

And some believe that new, more immersive tourism models, if managed responsibly, also could provide important political impetus for wildlands protection. Says Pedro da Cunha e Menezes, general coordinator of public use at Brazil’s Chico Mendes Institute for Biodiversity Conservation (ICMbio): “If you don’t have visitors, you don’t have public support for conservation.” (See related Q&A—this issue.)

Reliable numbers for sustainable tourism are elusive, not least because there’s still a debate about what the term means. Some prefer to describe such travel as “responsible” or “eco” tourism. The labels “adventure” and “genuine” tourism also crop up. Then there are the inevitable arguments about metrics. What qualifies?

Tourism of all types generates one in 11 jobs worldwide, according to the World Travel and Tourism Council, an international trade group. And the Inter-American Development Bank (IDB) reports that international tourism revenues have grown by more than 50% during the past decade in Latin America and the Caribbean.

In Costa Rica, a global leader in ecotourism, tourism represents nearly 5% of GDP, says a study by the Central American Institute of Business Administration (Incae), a highly regarded business school located in Alajuela, Costa Rica.

Meanwhile, a study by the United Nations Environmental Program (UNEP) says community involvement can “contribute to the development of the local economy and to poverty reduction,” noting that in Panama, “households capture 56% of total local tourism income.”

Del Rosal is the former executive director for Latin America

of the Adventure Travel Trade Association (ATTA), an international business group. ATTA defines an adventure traveler as “someone who seeks contact with the outdoors, cultural exchange and some level of physical activity,” says del Rosal. The sector consists primarily of “small businesses working in rural areas and wilderness environments,” states the ATTA website. Using that definition, del Rosal estimates that the global market is worth US\$263 billion.

Despite such numbers, sustainable tourism generally flies under the radar of the business press. “Many leaders don’t know what sustainable tourism is,” says Jonathan Tourtellot, CEO of the Destination Stewardship Center and president of Focus on Places LLC. While heading the National Geographic Center for Sustainable Destinations, Tourtellot coined the term “geotourism” to describe the emerging phenomenon of tourism that promotes engagement with back-country ecosystems and communities in benign, supportive ways.

“There are a couple of [tourism experts] at the World Bank,” Tourtellot adds. “Lonely guys. Most of the economists at the World Bank don’t understand tourism.”

This state of affairs might be changing, though. The United Nations declared 2017 as the International Year of Sustainable Tourism for Development. “That’s not for nothing,” says D’Arcy Dornan, Brazil country representative for the Global Sustainable Tourism Council (GSTC), an international trade group. “It speaks a lot about how countries around the world understand tourism as an economic development tool. And how the UN wants to nudge them up to the next level on the sustainability aspect.”

Sustainable tourism as an engine of economic development appeared high on the agenda of the recent annual conference of the Brazilian Association of Ecotourism and Adventure Tourism Companies (Abeta).

Starting with the venue: Três Coroas, a town of about 20,000 in the Serra Gaúcha, the foothills of Brazil’s southernmost state, Rio Grande do Sul. Três Coroas is home to a stretch of the Paranhana River featuring popular rapids. With a great river for training, the town has produced more than its share of world class canoeing champions. Local hero Gustavo Selbach represented Brazil in the Barcelona and Atlanta Olympic Games.

Traveling abroad to compete in the 1990s, Selbach and his friends noticed rafting companies run by former athletes, especially in the United States. They spied “a solution for the local community in all sorts of ways, including economically,” according to Cristian Krummenauer, fellow canoeist and founder of Brasil Raft Park, one of five rafting operations in town.

When they started two decades ago, these athletes-cum-entre-



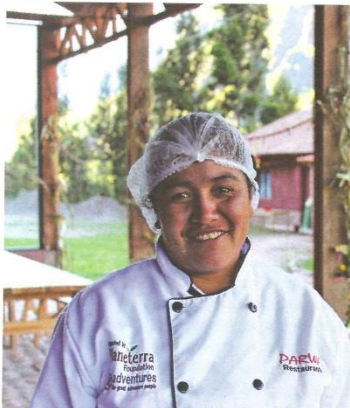
Brazil’s adventure tour operators say they are spurring local development and environmental stewardship.

preneurs seemed to have everything going against them. Lacking national manufacturers, they had to import all their equipment, including the boats. Nobody could afford to bankroll construction of a proper visitor center. The Três Coroas City Hall came to the rescue, offering a concession for the use of an area that had been set aside to host twice-annual canoing events. The Parque Municipal das Laranjeiras remains home to three rafting firms. Two have established independent outposts nearby.

The Três Coroas rafting "industry" employs some 300 people directly. Add to that the indirect jobs in lodging, restaurants and other related activities. The value chain growth has been especially evident in the last three years, according to Krummenauer. None too soon for a local economy hit by a global downturn in its traditional industry, women's footwear. Indeed, the footwear business association helped the rafters finance a promotional video. All five operators join forces to promote their destination. "We're rowing together in different companies," Krummenauer says.

Also present at the Abeta conference were representatives of the Caminhos do So Francisco project in northeastern Brazil.

The semi-arid region that surrounds the São Francisco River is plagued by drought and ranks low on the U.N. Human Development Index. The Sustainable Brazil Environmental Institute (IABS), a Brazilian nongovernmental group, joined forces with



the IDB, the Spanish Agency for International Development Cooperation (Aecid), Brazilian and foreign universities, local business groups, and others to work with poor communities to develop tourism. Rather than building physical infrastructure, the project concentrated on planning, capacity building, product development, marketing, environmental studies, supply-and-demand assessment and zoning. "It had all



Experts see progress in new forms of tourism exemplified by the Bike with Purpose Tour in Belize last year (top), the community-owned Parwa Restaurant in Peru's Sacred Valley (left) and the Jukil Community Experience and Lodge in Bolivia (above). (Photos courtesy of Planeterra)

the ingredients," says Luis Tadeu Assad, IABS director-president. "We didn't take a consolidated community and develop tourism. We used tourism for regional development."

Entrepreneurs along the 240-kilometer (150-mile) stretch of the river covered by the program were given the opportunity to visit other sections of the São Francisco River in an effort to create a unified identity.

"We're on the same river, with practically the same product and destination; but before, we didn't speak to each other," says Robério Ramos Góes, president of the Caminhos do São Francisco Business Net-

work and the owner of a small tour operation called Farol da Foz Ecoturismo in Piaçabuçu, Alagoas. "Of course, there's competition, but [it is] more respectful. Because we know each other."

The entrepreneurs visited Catalonia and high-profile Brazilian destinations such as Brotas, the rafting center of São Paulo state. "I have a military background, so I like to be in the ocean, in the water, in the air," says Ramos Góes, a Brazilian Navy veteran. "I did this for me at first. Seeing what's going on in other destinations and with other business people made me understand that I need to do it for the client."

Since the project launched in 2011, the

continued on page 8 ▶

Contacts

Antonio del Rosal
Experiencias Genuinas
Mexico City, Mexico
Tel: +(52 155) 3999-9358
antonio@experienciasgenuinas.com

D'Arcy Dornan
Global Sustainable Tourism
Council
São Paulo, Brazil
darcy@
globaleadershipeducation.com

Xavier Font
University of Surrey
United Kingdom
Tel: +(44 113) 268-3244
x.font@surrey.ac.uk

Cristian Krummenauer
Brasil Raft Park
Três Coroas, Brazil
Tel: +(55 51) 3546-1066
cristian@brasiraft.com.br

Kelly Galaski
Planeterra Foundation
G Adventures Base Camp
Toronto, Canada
Tel: (416) 260-0999
kellyg@planeterra.org

Jorge Moller Rivas
Regenera NGO
Puerto Varas, Chile
Tel: +(569) 9884-6555
director@regeneraong.cl

Robério Ramos Góes
Caminhos do São Francisco
Business Network
Piaçabuçu, Alagoas, Brazil
Tel: +(55 82) 35521298
faroldafaz@hotmail.com

Luis Tadeu Assad
Sustainable Brazil
Environmental Institute (IABS)
Brasília, Brazil
Tel: +(55 61) 8407-8786
assadmar@iabs.org.br

Jonathan Tourtellot
Destination Stewardship
Center
and Focus on Places
Washington, D.C.
Tel: (202) 257-2867
jbtourtellot@gmail.com

continued from page 7

number of "pousadas" (small bed-and-breakfast inns) in Piranhas, a city of 25,000, has grown from about five to nearly 40, according to Assad. Operating tours for two decades, Ramos Góes can measure the difference in his bottom line. "By August, we already knew that 2016 was the best year in the history of Farol da Foz," he says. The project won the federal government's Celso Furtado Award for Regional Development—an award given for development of any kind, not just tourism.

Caminhos do São Francisco has ridden the wave of what Assad calls "conscientious tourism." Increasingly, visitors want to connect with the local culture. That can lead to a disconnect. "Locals often lack pride in their traditional customs, gastronomy, agricultural practices, etc.,"



View from mountain near Jukil Community Lodge in Bolivia
(Photo courtesy of Planeterra)

Assad says. "Many people are embarrassed about how they live. You need to instill pride. That is important to attract tourists. When the community takes pride, tourists like it better."

That partly describes the work of Jorge Moller Rivas, director of Regenera, a Chilean nonprofit. Moller works as a consultant, primarily with indigenous communities, to help them develop the capacity to receive outside visitors.

"Sometimes there is no need for money," Moller says. "The first thing they need is recognition. You can see it in their eyes when you go in and say that they have incredible things to offer."

Often the only required physical infrastructure consists of well-marked "trails, restrooms and signage," as del Rosal put it. Tourtellot describes the approach this way: "Build skills, not infrastructure."

Such thinking has pulled leading philanthropists in entrepreneurial directions. Based in Canada, G Adventures bills itself as the world's largest independent adventure travel company. Its nonprofit foundation, Planeterra, has overhauled its way of doing good. Instead of, say, building schools, it provides people with "an opportunity to make a living," says Xavier Font, professor of Sustainability Marketing at the

School of Hospitality and Tourism Management of the University of Surrey, England.

Planeterra came to the conclusion that it could do the most good by allowing communities to "use the money for their own development," says Kelly Galaski, Americas and Europe program and operations manager for the Planeterra Foundation and G Adventures. "And to become business owners and suppliers."

Over the next five years, the foundation hopes to raise 5 million Canadian dollars to integrate 50 new social-enterprise projects into its portfolio by 2020. Early examples in Latin America include the overhaul of a lodge built years ago in the salt flats region of Santiago de Ajencha, Bolivia, and since abandoned; support for a restaurant at the foot of the Incan Trail in Peru; and establishment of a visitor center for trekkers on the Lost City trail in Colombia.

"In some places the initiatives are already happening," Galaski says. "They just need customers. We look for places where we can help with our volume." When the money starts coming in, locals "use all the profits for whatever they want," according to Galaski.

Following similar logic, the Beyond Chacay Foundation, a U.S.-based charitable organization that works mainly in Ecuador, hopes to use crowd-funded financing to advance "a TripAdvisor of the people, by the people, and for the people," says cofounder and president David Lansdale. Chacay is working with local developers on the project, which follows in the footsteps of Venezuela's Eposak.org and Brazil's Garupa.org. Garupa has raised funds for 11 community-tourism projects around the country.

"We try to help people to make their projects more sustainable," says Paula Arantes, a veteran sustainable-tourism professional who works with Garupa.

In the for-profit sector, meanwhile, the international hotel reservation service booking.com recently launched a call for applications for an accelerator program for sustainable-tourism startups. Its program offers nascent companies the opportunity to pitch proposals for grants of up to \$500,000 euros.

Advocates of sustainable tourism point to the longstanding business adage: "doing good by doing well." Dornan cites the example of the Campo dos Sonhos, an emblematic endeavor for tourism designed to be accessible to people with disabilities. "It is super profitable, and has inspired others."

In Dornan's estimation, that is the bottom line. "The more sustainable you are," he says, "the more money your business is going to make."

—Bill Hinchberger

ANEXO B - JORNAL DO COMERCIO, 9 NOVEMBRO 2015

14 Segunda-feira
9 de novembro de 2015

Jornal do Comércio - Porto Alegre

Economia

TURISMO



Esporte pode ser praticado em noites de lua cheia

Versão poética da atividade de aventura, o rafting noturno é atrativo para quem gosta de apreciar a magnitude da lua cheia. Apesar do trecho ser o mesmo, a metodologia e experiência são diferentes, garante o diretor comercial do Brasil Raft Park, em Três Coroas, Cristian Krummenauer. Na última década, o esporte adaptado para o turismo deixou de ser uma demanda de jovens em busca de fortes emoções, para se ampliar a famílias com crianças, pessoas com deficiência e pessoas da terceira idade. "No fim do ano, é comum grandes corporações realizarem integração e trabalhos motivacionais junto às suas equipes, utilizando o rafting como uma ferramenta para estes fins", afirma o gerente comercial do Paranhana Parque (que integra o polo de empreendimentos de aventura de Três Coroas no bairro Linha Casé), André Ramisch.

Criado em 2012, o Paranhana Parque é o mais novo local voltado para a prática de rafting na cidade, que conta com outros atrativos turísticos como o centro Chagdud Gonpa Khadro Ling - único templo budista tibetano da América do Sul situado sobre as montanhas e aberto à visitação pública, com entrada franca - e o Espaço Tibet (restaurante temático com versões contemporâneas da cozinha tradicional do Tibet). Para quem quiser explorar todas as demais atividades de aventura, há um camping no Paranhana Parque, uma pousada dentro do Parque das Laranjeiras, um hotel, alguns hostels e pousadas menores no Centro de Três Coroas.

Outro ponto de exploração de rafting na Serra está em Nova Roma do Sul, município distante 50 quilômetros de Bento Gonçalves, na margem do Rio das Antas. Situado a seis quilômetros do Centro, o Eco Parque Cia Aventura realiza a aventura somente aos sábados à tarde e domingos pela manhã, com agendamento e reserva. "Estes horários ocorrem porque precisamos da liberação de água da usina hidrelétrica Castro Alves", explica o proprietário do empreendimento, Júlio César de Borba. São 8,5 quilômetros de extensão, passando por corredeiras de níveis III e IV (ondas pequenas, com pequenas quedas, ou ondas médias e presença de poucas pedras, com quedas consideráveis, que dificultam algumas manobras). "O passeio dura em média 2h e 30min, e não é perigoso, mas propicia uma boa dose de aumento da adrenalina", indica Borba.

Rafting é destaque em roteiros na Serra gaúcha durante o verão

Atividade atrai cerca de 50 mil visitantes a Três Coroas e Nova Roma do Sul até março

Adriana Lampert

adriana@jornaldocomercio.com.br

Libera adrenalina descendo corredeiras em um bote inflável é uma experiência que tem atraído milhares de turistas de aventura para a Serra gaúcha, onde cinco parques ecológicos oferecem atividades como o rafting. O contato com a natureza, os banhos de rio e a integração entre os participantes complementam o pacote. Na alta temporada, que se iniciou neste mês e vai até março, os principais empreendimentos do ramo devem receber juntos mais de 50 mil pessoas em busca do atrativo.

Localizada a 25 km de Gramado e Canela, a cidade de Três Coroas, no Vale do Paranhana, é bastante conhecida por sua tradição de descidas de rafting e esportes de aventura. Lá funcionam quatro parques do gênero, por onde passaram 210 mil pessoas entre 2012 e 2014, a maioria moradores da Região Metropolitana

de Porto Alegre. Deste volume de visitantes, 50 mil foram especialmente para vivenciar a sensação de seguir o curso do rio em um bote, contornando obstáculos naturais como pedras, troncos, quedas e corredeiras, munidos apenas de remos. "Claro que todos os participantes da atividade recebem equipamentos de segurança, como capacete e colete salva-vidas", destaca o diretor comercial do Brasil Raft Park, em Três Coroas, Cristian Krummenauer. Somente neste empreendimento, ocorrem em torno de 240 descidas por dia no decorrer do verão.

Aberto de segunda-feira a segunda-feira, o local realiza os passeios pelas corredeiras do Rio Paranhana mediante reservas antecipadas e também oferece outras atividades em meio aos seus 10 hectares inseridos na Mata Atlântica. Dos atrativos de aventura, trilhas no meio da mata, tirolesa, exploração das copas das árvores com tirolesa em controle de

travessia, paintball e rapel são atividades complementares ao "carro chefe" do empreendimento. "O parque também oferece prática de tiro de arco e flecha e slackline, além de atividades motivacionais para corporações (jogos para adultos adaptados conforme temática de cada empresa)", completa. Os níveis de dificuldade das corredeiras que surgem do início ao final do trecho de oito quilômetros destinado ao rafting no Brasil Raft Park são de classe II e III, a exemplo das demais da região. Isso representa águas agitadas, com algumas rochas, exigindo manobras do bote, e até algumas ondas e pequenas quedas com pouco risco. O passeio dura cerca de três horas, considerando as paradas para atividades como surfe de bote na onda e banhos no rio.

O rafting comercial é voltado para pessoas de qualquer idade acima de cinco anos (dependendo do nível de dificuldade, a idade mínima sobe para sete ou oito

anos) incluindo as que nunca tiveram uma experiência anterior, tornando o esporte acessível, explica o proprietário da operadora Eco Aventuras Turismo, Edrei Augusto Ascêncio. Ele destaca que sempre há presença de monitores durante as descidas, e que antes da empreitada o grupo de participantes recebe uma série de orientações de como proceder.

A empresa atende no do Parque das Laranjeiras, em Três Coroas, onde o rafting também é a atividade de aventura mais procurada. O trecho do Rio Paranhana explorado pelo empreendimento é de cinco quilômetros, e o passeio também inclui paradas para banho e salto na pedra, entre outras atividades de relaxamento. Em média, 2,5 mil pessoas visitam o Parque das Laranjeiras a cada fim de semana da alta temporada. A atividade só não é recomendada para gestantes, pessoas com problemas cardíacos ou recém-operadas, adverte Ascêncio.

AGV	ASSOCIAÇÃO GAÚCHA PARA DESENVOLVIMENTO DO VALE DO RIO PARANHANA
ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA E ORDINÁRIA	CONVOCAÇÃO
<p>Concomitante às Assembleias e Sessões de Associação Gaúcha para Desenvolvimento do Vale do Rio Paranhana - AGV - para receber de um Assembleia Geral Extraordinária, no dia 20 de novembro de 2015, às 19h30min, em sessão aberta ou, em segunda, caso não seja, a em Assembleia Geral Ordinária, no dia 11 de dezembro de 2015, em sessão aberta, ambas com a presença mínima estatutária, no sede da Associação, à Rua Barão dos Passos, 250, 1º andar, neste Capital, para deliberar sobre o seguinte:</p> <p>ORDENADA DA 11 ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA</p> <p>Alteração no Estatuto Social</p> <p>2 ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA</p> <p>Eleição do Conselho Diretor - Presidente e Vice - Presidente para o mandato 2016/2017</p> <p>Porto Alegre, 09 de novembro de 2015.</p> <p>Wladimir</p>	

CDL	CÂMARA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DO PORTO ALEGRE - COUNDA
ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA E ORDINÁRIA	CONVOCAÇÃO
<p>Concomitante às Assembleias Ordinárias do Conselho de Organizações Urbanas de Porto Alegre - CDL/POA - para receber de um Assembleia Geral Extraordinária, no dia 17 de novembro de 2015, às 16h30min, em sessão aberta ou, em segunda, caso não seja, a em Assembleia Geral Ordinária, no dia 10 de dezembro de 2015, em sessão aberta, ambas com a presença mínima estatutária, no sede da Associação, à Rua Barão dos Passos, 250, 1º andar, neste Capital, para deliberar sobre o seguinte:</p> <p>ORDENADA DA 11 ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA</p> <p>Alteração no Estatuto Social - previamente aprovada pelo Conselho Deliberativo</p> <p>2 ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA</p> <p>Eleição do Conselho Diretor - Presidente e Vice - Presidente para o mandato 2016/2017</p> <p>Porto Alegre, 09 de novembro de 2015.</p> <p>Marcelo</p>	